



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

DINA TATIANA QUINTERO QUINTERO

**COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA: a Ororubá Filmes como um  
processo decolonial**

Recife  
2023

DINA TATIANA QUINTERO QUINTERO

**COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA: a Ororubá Filmes como um  
processo decolonial**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em comunicação. Área de concentração: comunicação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sofia Cavalcanti Zanforlin.

Recife

2023



DINA TATIANA QUINTERO QUINTERO

**COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA: a Ororubá Filmes como um  
processo decolonial**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em comunicação. Área de concentração: comunicação.

Aprovada em: 16/02/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sofia Cavalcanti Zanforlin (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alice Lucena de Gouveia (examinadora externa)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Thiago Soares (examinador interno)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. João Paulo Carrera Malerba (examinador externo)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Foi o sábado 09 de fevereiro de 2013 que saí de casa com o objetivo de fazer o curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Pernambuco. Se for falar que foi fácil estaria mentindo, o fato de se deslocar 8.915 km de distância da sua vida lhe fragiliza. Por isso, hoje eu tenho certeza que se ainda me mantenho resistente nessa caminhada longa e que tem me presenteado com mais alegrias do que outra coisa, é porque tenho uma coletividade, uma comunidade e uma ancestralidade que acredita e torce por mim, que me teve presente cuidadosamente cada um de todos esses dias que se passaram e que me fortalecem ao me dar todo seu apoio. É a eles e à força da natureza, principalmente, a quem dedico este momento da minha vida. Minha família, a que me proporcionou todas as vezes que foi necessário aquele ritual de força, limpeza e energia, a mi mami e a mi papi, que são meu sustento e exemplo de resiliência, a meus irmãos Diego e Edhison, que são minha referência, às minhas sobrinhas Paula (Vale) e Luna, que me inspiram com a determinação que colocam em tudo o que fazem e me lembram, nos contatos, da importância dos cuidados simples. Às minhas cunhadas Eli e Luz, que são ninho de carinho. Cresci escutando de muitas pessoas ao meu redor que eu me parecia bastante com mi Tata (avó), pois compartilhávamos vários interesses nos processos de conhecimento e de vida, hoje entendo que eu não me pareço, eu sou ela, eu sou pela coragem e força que ela me repassou, eu sou pela história que carregamos, eu sou pela luta que lutamos. A você Tata, agradeço quantas vezes caiba um agradecimento na imensidão da eternidade, que sua sabedoria nos siga alimentando por mais longas e prósperas décadas aqui na terra. A vô Juvenal, vô Juan e vó Belarmina, que nos guiam junto à força da natureza.

Dedico também à minha família deste lado do Nupirau, ao círculo de mulheres maravilhosas que tenho o privilégio de ter ao meu redor, que me acolhem e me ensinam tanto, com as que caminho junto e assim mesmo vamos crescendo. Edilma C., você que tenho certeza que vai ser a primeira a ler este texto, minha gratidão porque você fez desta empreitada acadêmica um percurso mais leve, obrigada por estar sempre presente e disponível para ajudar-me e ensinar-me com carinho, te admiro, você é uma referência para mim. À Joana C. e à Olívia T., porque além da amizade e o carinho, foram sempre meu suporte técnico para o PC (rs), à Jéssica Otaviano, minha parceira e minha produtora, eu te amo, à Jéssica Barkokebas, minha conselheira em metodologias de estudo. Dedico também a Thiago M., que é um mundo de milhões de ideias que me inspiram e me orgulham, além de compartilhar

comigo a vida, é a pessoa que nunca deixa minha autoestima cair, obrigada por isso. A Mickellangelo, pela parceria das madrugadas viradas, os debates e a alternativa ao café, pelo esforço e logro de não deixar-me engasgar com meu próprio desespero, pelo cuidado e carinho dos dias que se passam.

Dedico a quem mais participou da construção e do processo desta pesquisa com seus conselhos, indicações, debates, perguntas e todo modo de incentivo à busca de outros e mais conhecimentos: Leon S., João R.S., Thyago Silva Silva (rs), Nathalia, o Mestre Jorge e à professora Ayres, a Nai Cavalcante com grande carinho e admiração, a Sandra F, a pedagoga que enriquece meu entendimento com cada troca. A Jureminha que decidiu não sair do lado da cadeira enquanto eu escrevia, e assim, foi cada dia e cada noite.

Dedico especialmente ao povo indígena Xukuru do Ororubá, a todas e todos os guerreiros que fazem parte da etnia. Ao Cacique Xikão e à Dona Zenilda, ao Cacique Marquinhos e à toda sua família, ao Pajé Zeca e a todos que compõe essa grande missão comunicacional que é a Ororubá Filmes: Diego, Myrella e sua filhinha Ynaiê, que me acolheram tão calidamente na sua casa durante as visitas ao território sagrado ao longo da pesquisa. A Kleber, Mika e seu filho Matheus, à Guila, Ruan, Átila, Everton e à Silvinha, que foi a primeira Xukuru que conheci. A todas e todos os demais por permitir-me conhecer de perto o território, a cultura, a cosmovisão e ensinar-me novos conhecimentos ancestrais. Gratidão!

Salve o povo Xukurú do Ororubá!

Salve os povos Andinos!

Salve o povo Muysca!

Salve todas as nações indígenas do mundo!

Salve a natureza sagrada!

E diga ao povo que avance, avançaremos!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente e sem medida à minha orientadora, a professora doutora Sofia Zanforlin, a quem admiro genuinamente e quem de forma paciente me ensinou e me direcionou pela trilha acadêmica durante este dois anos, deixando-me descobrir meus próprios caminhos sem perder-me de vista. Agradeço por ser presente neste processo tão importante e ao mesmo tempo complexo, porque para quem não nasceu em família de acadêmicos, nem adquiriu tempranamente entendimentos científicos, a dificuldade é dobrada. Agradeço a parceria nas escritas e desejo prosperidade e discernimento no caminho que está por vir.

Ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE, pelo apoio e empenho nos projetos propostos por mim como o PREMIQUI, acreditando e promovendo uma universidade mais justa e inclusiva. A todo seu corpo docente, pelas trocas de conhecimento tão ricas, ao corpo técnico-administrativo e ao corpo discente.

Não posso deixar de agradecer à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), pelo apoio financeiro por meio de bolsa de incentivo à pesquisa, tão importante para a qualidade científica e o desenvolvimento socioeducativo do país, reiterando a importância de incentivo a este tipo de temáticas urgentes e necessárias nas pesquisas dentro da academia.

## RESUMO

Esta dissertação trata sobre os processos que a comunicação feita pela Ororubá Filmes, veículo de comunicação comunitária (PAIVA, 2003) do povo indígena Xukuru do Ororubá (Pesqueira/Pernambuco), gera sobre a mesma comunidade, uma vez que desenvolvem produções midiáticas feitas pelo povo, no seu território e para atender suas demandas próprias. Com um apontamento sobre as epistemologias do sul (BOAVENTURA, 2019), trabalhamos tanto o conceito quanto o movimento de decolonialidade (QUIJANO, 2005), que surge a partir das lutas e das análises travadas desde a segunda metade do século XX no território que conhecemos hoje como América Latina, num debate que percorre a importância da comunicação comunitária como uma ferramenta de luta, principalmente dos povos que foram subalternizados e da tentativa de, através dela, desafiar as várias violências de representação por parte dos veículos midiáticos hegemônicos, que de forma sistemática, atacam os povos indígenas, promovendo seu extermínio. Deste modo, relacionamos o conceito de decolonialidade à análise das transformações na visão da comunidade indígena que povoa a Serra do Ororubá, acerca de como estão sendo representados pelo seu veículo comunicacional próprio e sobre o valor que ganha dentro da etnia, questões investigadas por meio do trabalho de inspiração etnográfica. Assim, partimos para defender um fazer audiovisual perspectivado, que nasce dessa luta, mas que emerge como um modo específico de trabalhar tanto a palavra quanto a imagem e o som. Denominamos como Comunicação Comunitária Indígena essa comunicação que se afirma através da identidade dos povos indígenas, pois tal conceito detém cosmovisões particulares que permitem discutir etnicidade da comunidade onde, a partir delas, criam-se os discursos midiáticos e, sobretudo, uma matriz epistêmica própria (TORRICO, 2016), que parte dos princípios fundamentais da ancestralidade indígena (KRENAK, 2020).

**Palavras-chave:** indígenas; Xukuru do Ororubá; comunicação comunitária; decolonialidade; discurso; representações sociais.

## RESUMEN

Esta disertación se trata sobre los procesos que la comunicación hecha por la Ororubá Filmes, vehículo de comunicación comunitaria (PAIVA, 2003) del pueblo indígena Xukuru de Ororubá (Pesqueira/Pernambuco), generan sobre la misma comunidad, una vez que se desarrollan producciones mediáticas hechas por la etnia, en su territorio y para atender sus demandas propias. Con un señalamiento sobre las epistemologías del sur (BOAVENTURA, 2019), trabajamos tanto el concepto como el movimiento de la decolonialidad (QUIJANO, 2005), que nace a partir de las luchas e de los análisis formulados desde la segunda mitad del siglo XX en el territorio que hoy conocemos como América Latina, en un debate que recorre la importancia de la comunicación comunitaria como una herramienta de lucha, principalmente para los pueblos que fueran subalternizados y de la tentativa de, a través de ella, desafiar las varias violencias de representación por parte de los vehículos mediáticos hegemónicos, que de forma sistémica atacan a las comunidades indígenas promoviendo su exterminio. De esta manera, relacionamos el concepto de decolonialidad al análisis de transformaciones en el modo de verse de la comunidad indígena que ocupa la montaña del Ororubá, acerca de como están siendo representados por su propio vehículo comunicacional y sobre el valor que gana dentro de la etnia, cuestiones investigadas por medio del trabajo de inspiración etnográfica. Así, partimos para defender una forma de hacer audiovisual perspectivado que nace de esa lucha, pero que surge como un modo específico de trabajar tanto la imagen como la palabra y el sonido. Sobre esa comunicación que se reafirma a través de la identidad indígena, denominamos aquí como Comunicación Comunitaria Indígena, pues tienen cosmovisiones particulares que permiten discutir etnicidad de la comunidad donde, a partir de ella, se crían discursos mediáticos y, sobre todo, una matriz epistemológica propia, (TORRICO, 2016) que parte de los principios fundamentales de la ancestralidad indígena (KRENAK, 2020).

**Palabras claves:** indígenas; Xukuru do Ororubá; comunicación comunitaria; decolonialidad; discurso; representación social.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa de localização do povo Xukuru do Ororubá em Pernambuco	50
Figura 2 -	Capturas de tela do material educacional perspectivado utilizado no ensino fundamental pelos professores indígenas Xukurus	57
Figura 3 -	Colagem de fotografias de comunicadores indígenas de diferentes povos cobrindo o ATL	66
Figura 4 -	Captura de tela do canal do <i>YouTube</i> da Ororubá Filmes	72
Figura 5 -	Captura de tela do cartaz da mostra Cine Comunaty	77
Figura 6 -	Captura de tela da programação do terceiro dia da mostra Cine Comunaty	77
Figura 7 -	De esquerda à direita: Diego Xukuru; Micaele Xukuru; Kleber Xukuru, ministrando a oficina de Celumetragem	80
Figura 8 -	Momento prático da oficina de Celumetragem. Kleber Xukuru acompanha o grupo com a temática da medicina ancestral	82
Figura 9 -	Ororubá Filmes no debate do filme <i>Limolaygo Toype</i> , na exibição na mostra Cine Comunaty	83
Figura 10 -	Cartaz de convite aos 10 anos da Poyá Limolaygo	85
Figura 11 -	Bolo de aniversário dos 10 anos da Poyá Limolaygo	86
Figura 12 -	Escola Ororubá, reunião de comemoração dos 10 anos da Poyá Limolaygo. Professora Marciene Xukuru de camisa branca, em pé, no centro da foto	87
Figura 13 -	Entrega da carta aberta dos povos ao candidato eleito Lula, (2022)	88
Figura 14 -	Povo Guajajara do Maranhão com uma venda de arte indígena no ATL 2022	89
Figura 15 -	Povo Pankararu de Pernambuco no seu alojamento do ATL 2022	90

Figura 16 -	De esquerda à direita: Representante da Green Peace BR; Chico Cesar; Sonia Guajajara; Cacique Marcos; Telma	92
Figura 17 -	Ororubá Filmes na cobertura do ATL	94
Figura 18 -	Cerimônia de abertura da 22° Assembleia Xukuru do Ororubá – Terreiro Sagrado da aldeia Pedra D'Água	96
Figura 19 -	Povo Xukuru do Ororubá no bairro Xukurus ao término da caminhada, na celebração do manifesto	98
Figura 20 -	Ororubá Filmes na cobertura da 22° Assembleia Xucuru do Ororubá	99

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Catálogo de autores e temáticas mais relevantes para esta pesquisa	48
Quadro 2 -	Listagem das aldeias do Território Sagrado Xukuru do Ororubá	50
Quadro 3 -	Relação das instâncias de organização sociopolítica do povo Xukuru do Ororubá	53
Quadro 4 -	Listagem de alguns movimentos culturais do povo Xukuru do Ororubá	59
Quadro 5 -	Listagem das atividades de campo realizadas e os métodos correlatos aplicados	69
Quadro 6 -	Classificação temática dos vídeos da “Ororubá Filmes” veiculados pela plataforma <i>YouTube</i>	74

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Conhece a Ororubá Filmes x Idade	100
Gráfico 2 -	Tem internet em casa x Assistiu a assembleia	103
Gráfico 3 -	Tem celular com internet x Conhece as redes da Ororubá Filmes	103

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Interesse da juventude x Idade	102
Tabela 2 -	Total de entrevistados x Já participou de vídeo/oficina Ororubá Filmes	102
Tabela 3 -	Tem celular com internet x Segue as redes	105
Tabela 4 -	Relação da criação das redes sociais da Ororubá Filmes	107

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>PRIMAVERA DA COMUNICAÇÃO POPULAR</b>	<b>23</b>
2.1	DECOLONIALIDADE E COMUNICAÇÃO	24
2.2	COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: UMA FERRAMENTA DE LUTA PARA O POVO	29
2.2.1	<b>Direito à comunicação: a reivindicação</b>	<b>29</b>
2.2.2	<b>Mídia Hegemônica e a Contramão nas Mídias: a Comunicação Comunitária</b>	<b>31</b>
2.2.3	<b>Pensar a Comunicação Comunitária</b>	<b>35</b>
2.2.4	<b>Comunicação Comunitária e emancipação</b>	<b>38</b>
2.3	COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA	41
2.4	ESTADO DA ARTE E SUA PARTICULARIDADE	45
2.5	RADIOGRAFIA DO POVO INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ	49
<b>3</b>	<b>DIGA AO POVO QUE AVANCE: O PAPEL DA ORORUBÁ FILMES</b>	<b>60</b>
3.1	ORORUBÁ FILMES: COMUNICAÇÃO PERSPECTIVADA DO POVO INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ	60
3.2	TRABALHO DE CAMPO: DESCOBRINDO A ORORUBÁ FILMES PELOS OLHOS DA COMUNIDADE	66
3.2.1	<b>Classificação temática do conteúdo audiovisual da Ororubá Filmes no YouTube</b>	<b>71</b>
3.2.2	<b>I mostra do “Cine Comunaty”: Ororubá Filmes na Aldeia Fulni-ô</b>	<b>76</b>
3.2.3	<b>Dez anos da Poyá Limolaygo: A Ororubá Filmes como raiz</b>	<b>83</b>
3.2.4	<b>Acampamento Terra Livre 2022: “Retomando o Brasil: Demarcar Territórios e Aldear a Política”</b>	<b>87</b>
3.2.5	<b>Assembleia Xukuru do Ororubá: “Decolonizando as Mentes, Aldeando o Planeta”</b>	<b>94</b>
3.3	ENTREVISTA ESTRUTURADA: O SIGNIFICADO ALÉM DOS NÚMEROS	100
<b>4</b>	<b>UTILIZAR O QUE TEM DE MODERNO PARA FORTALECER O QUE TEM DE ANCESTRAL!</b>	<b>106</b>
4.1	REIVINDICANDO AS TELAS E OS VEÍCULOS COMUNICACIONAIS	106

4.2	MAS, A COMUNIDADE XUKURU É ALCANÇADA PELA ORORUBÁ FILMES?	110
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>113</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>115</b>
	<b>APÊNDICE A - Entrevistas semiestruturadas à equipe da Ororubá Filmes</b>	<b>118</b>
	<b>APÊNDICE B - Levantamento de dados dos vídeos da “Ororubá Filmes” veiculados pela plataforma YouTube</b>	<b>121</b>
	<b>APÊNDICE C - Roteiro da entrevista estruturada</b>	<b>131</b>
	<b>ANEXO A - E-mail de resposta às estatísticas de inscrição de “Cadastro de Produtor Cultural” de 2021 e 2022 no estado de Pernambuco por parte do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura</b>	<b>133</b>

*Dentro de cada canto uirapuru  
Existe o pedaço de um coração tabajara, pataxó e xucuru  
Dentro de cada tronco forte de Sapucaia e árvores jatobá  
Existe a força de um toré kariri, tikuna, bororo e guarani  
Dentro de cada segredo e mistério da Jurema estamos nós  
Somos o plano dos encantados e de Badzé que deu certo  
O caminho que nos foi deixado, será seguido  
E nele será plantado a força de uma raíz  
pra que outros troncos fortes sejam erguidos  
É o resgate de tudo que nos foi roubado e negado  
A todo tempo tentam dizimar nossa história  
Tentam impedir o direito de viver  
Quem tenta, descende de quem nos impedia do direito de ter alma  
Somos nós, filhos de uma luta ancestral que nunca cessa  
Que nunca cala e nem com balas são capazes de matar anhy  
Não queremos e nem admitimos mais balas  
Queremos salas de aula onde não nos tratem como folclore  
Que os reais donos, pelas terras que são suas, não mais implore  
E que nenhum território ao ser invadido,  
seja nomeado nos livros como "terras que o colonizador descobre"  
Não seremos mais só figuras, somos o futuro que o passado tentou apagar  
Nascidos sem aldeia, carregamos nosso chão no espírito  
A invasão não calou nossos cantos, os ventos sopraram aos tantos espalhados que era hora  
de guerra, de resistência não somos um erro aqui, somos tudo o que os ancestrais sonharam  
do primeiro e até o último enfrentamento  
E todo tormento e lamento, lavado e trazido no nosso sangue o sofrimento, terá seu  
reconhecimento  
Somos almas indomáveis, espíritos livres  
Somos incatequizáveis  
O plano do colonizador fracassou, a força não passou e nem vai passar  
Nem em 1500, nem em '64, nem 2019 e nem em momento algum  
Somos terra e terra não finda, terra não morre e nós e a terra somos um  
Inatekié Badzé, Poditã Warakedzã*

**Ritual (Warakedzã)**

**Souto Mc**

## 1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Dina Tatiana Quintero Quintero. No Brasil é usual que ao falar meu nome completo me perguntem se eu sou filha de primos ou algo parecido, que eu saiba não, mas pela área por onde nasci costuma-se encontrar muita família. Eu nasci na Região Andina, sobre a cordilheira oriental colombiana, na periferia de Bogotá, no que hoje é uma *localidad*, “Suba”. Mas há muito tempo, antes de ser “reconhecida” como *localidad* da capital (1954), uma cidade de pequeno porte (1875), um *resguardo* ou povoado (1602) ou supostamente fundada por espanhóis (1550), sempre foi Território Sagrado Indígena do povo Muysca (Mhuysqa/*Muisqa*), habitado há mais de 900 anos. Suba vem da palavra Sué, que é o Deus Sol, companheiro da Deusa Chía, a Lua. É pelo estilo que se denominam os clãs pertencentes ao povo indígena Muysca para diferenciar-se uns dos outros dentro do mesmo território, com a força das deidades como base.

Com mais de 14 mil indígenas na atualidade, encontramos aproximadamente 10 mil em contexto urbano no município de Bogotá e área metropolitana, pois através do tempo, o território viveu e vive um processo de urbanização constante, dadas as condições históricas de ampliação urbana, invasão e venda ilegal das terras sagradas por parte do estado, uma vez que não existe reconhecidamente políticas de demarcações de terras indígenas no país. Tudo isso somado a uma cadeia de violências que começa com um processo de dizimação além de aculturação e mestiçagem, resultando numa obrigada adaptação à sociedade urbanizada. Em 1995, por meio do Decreto 2164<sup>1</sup>, foram instituídos por parte do Ministério do Interior e da Prefeitura de Bogotá os *Cabildos* (aldeias), como resposta ao deslocamento e abandono de terras forçado por parte da comunidade indígena, na tentativa paliativa de frear a prática. Atualmente, encontramos no altiplano cundiboyacense os cabildos: Bosa, Usme, Fontibón, Engativá, Chía, Cota, Mosquera e Sesquilé. Hoje, entre outras lutas, resiste-se para que não avancem esses projetos de urbanização nos *humedales* (La Conejera, Tibabuyes e Cordoba), que se encontram demarcados como reserva natural, mas que seguem em constante ameaça por parte das empreiteiras aliadas aos governos de turno.

---

<sup>1</sup> Leia o decreto na íntegra no link

[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/Pueblos\\_indigenas/decreto\\_2164\\_1995\\_col.pdf?view=1#:~:text=Por%20el%20cual%20se%20reglamenta,ind%C3%ADgenas%20en%20el%20territorio%20acional](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/Pueblos_indigenas/decreto_2164_1995_col.pdf?view=1#:~:text=Por%20el%20cual%20se%20reglamenta,ind%C3%ADgenas%20en%20el%20territorio%20acional.). Acessado em 10/01/2023.

Então, quando me perguntam sobre minha motivação pessoal para desenvolver esta pesquisa, me vem à cabeça uma passagem de Ailton Krenak, dolorosa, mas acertada, ele denuncia a situação de milhares de originários na América Latina, “A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos” (2020. p, 14), e ainda estamos assim. Depois das inúmeras memórias de todos os que foram vítimas do extermínio em nome das terras; pais, mães, tios, tias, primos, primas, amigos e amigas dos habitantes ancestrais e que não nos acompanham mais no Kay Pacha ou mundo daqui, mas que nos fortalecem desde o Hakaq pacha ou mundo espiritual. A luta que me foi dada para contribuir com a retomada de direitos, de dignidade, de terra, de ancestralidade e de vida, eu decidi travar por meio do audiovisual, pois nele eu vi uma ferramenta potente que consegue contribuir de forma contundente onde chega, onde se instala e onde cimta raízes, vocês serão testemunhas disso ao decorrer do texto. E como essas raízes, eu prometi um dia voltar às minhas, fortalecida e entendida para aportar com os processos.

A comunidade indígena Muysca carece de uma comunicação comunitária orgânica que contribua na reivindicação e resgate cultural, além de denunciar os descasos, violências e retirada de território. Acredito profundamente que a criação e desenvolvimento de um veículo comunicacional da etnia ajudará à expressão ativa da comunicação, ou seja, o sujeito apreende, analisa, aplica e participa ativamente dos processos comunicacionais que o envolvem, reivindicando sua própria identidade, interferindo e modificando diretamente a realidade que o atravessa. É com esse entendimento que ao conhecer o povo Xukuru do Ororubá, em 2017, e a Ororubá Filmes, a comunicação comunitária indígena dessa comunidade, eu me senti identificada com suas lutas, reivindicações e anseios, não por serem exatamente os mesmos, mas por entender, a exemplo da etnia, que cada povo dentro da sua diversidade e necessidade consegue organizar-se pedagógica e sociopoliticamente para enfrentar diversos ataques, obtendo retornos significativos, no entanto, é preciso organizar-se.

Em 2018 participei da XX Assembleia Xukuru do Ororubá. Pela primeira vez pude perceber que um espaço de debate, criação de estratégias, acolhimento e ao mesmo tempo conexão com o sagrado, era transmitido por meio do audiovisual para que a mesma comunidade, que por diversas razões não podia se fazer presente, não perdesse nenhum detalhe, e mesmo a comunidade externa pudesse entender e

multiplicar os discursos que ali estavam tecendo-se. O evento foi para mim um divisor de águas no que diz respeito ao uso, primeiro, da comunicação e segundo, das tecnologias. Não é nada muito complexo tecnicamente falando, mas a disposição da janela de exibição faz toda a diferença porque aproxima e sensibiliza à sociedade com os temas tão urgentes dos povos indígenas. Daí um grande questionamento me veio à cabeça: quais são os processos que geram essa comunicação que está sendo realizada na e pela comunidade indígena Xukuru do Ororubá? Tal inquietação converteu-se no problema que daria pontapé à pesquisa que veremos no desenvolver do texto, mas para chegar mais perto desse entendimento foi preciso atentar-se a caminhos diversos, como: 1- apontar o valor desse tipo de comunicação comunitária; 2- analisar criticamente os dados de uma das janelas de exibição do material audiovisual produzido pela Ororubá Filmes; 3- investigar as transformações na visão dos sujeitos da comunidade acerca de como estão sendo representados; 4 – apontar o grau de envolvimento da comunidade com o projeto e os desdobramentos emancipatórios provenientes dessa relação em níveis educativos e sócio-políticos.

“Nada no ser humano é por acaso, assim como nada é fruto de uma relação totalmente determinada de causa e efeito” (MARTINO, 2018. p, 99), é por isso que para esta pesquisa julguei apropriada a abordagem qualitativa que resultaria numa análise crítica do processo e resultados. O trabalho que será desenvolvido no decorrer das páginas é uma inspiração etnográfica, mas por que uma inspiração etnográfica e não uma etnografia? Mais à frente veremos com detalhes, mas basicamente pelo tempo de desenvolvimento do trabalho de campo, porém o aprofundamento e corpo que consegue ser construído para o objeto, se desenvolvem no marco de uma etnografia. Dentre os métodos correlatos que podem ser utilizados para o desenvolvimento de uma etnografia, nesta pesquisa foram aplicados: 1- observação direta; 2- observação participativa; 3- entrevista estruturada; 4– entrevista semiestruturada e 5– classificação temática de conteúdo. Fiz a escolha destes cinco métodos correlatos por entender a diversidade nas informações e dados com os que iria lidar. Tentar compreender a complexidade e singularidade que o povo Xukuru do Ororubá carrega no seu entendimento e desenvolvimento de mídia me levou à necessidade de aplicar diferentes técnicas que puderam me proporcionar pontos de vista, experiências e ângulos diferentes sobre determinadas situações.

Algumas vezes me foi questionado se eu seria capaz de criar uma separação objetiva entre meus interesses pessoais, meu objeto de estudo e a pesquisa, pois isso

seria preciso para um desenvolvimento com resultados mais honestos. Lembro-me que essas palavras ecoaram fortemente no meu interior, criando muitas vezes desconforto e desconfiança com atividades referentes à pesquisa onde era necessário juízo de valor, uma vez que eu entendia minha posição experiencial dentro do tema a trabalhar, sem me atentar a que esse discurso dentro da academia já se encontra bastante questionado, todos os conceitos, teorias e descobertas são limitados e aproximados. Esse tipo de postura se fundamenta no novo paradigma da ciência contemporânea. O filósofo e sociólogo Jürgen Habermas, considerado por muitos o mais importante expoente da segunda geração da escola de Frankfurt, colaborando inclusive com a renovação da teoria crítica da mesma, fez contribuições bastante relevantes para a teoria do conhecimento na contemporaneidade, assentando uma crítica ao racionalismo, ao empirismo e, por sua vez, ao positivismo, apontando neste último que o sujeito não pode ser desassociado do objeto, pelo menos nas Ciências Sociais. Dentre os principais *déficits* que indica Habermas (1968, p. 141) sobre a sociologia positivista diante do método, está a não consideração das subjetividades dos cientistas na mediação do objeto. “As representações ou descrições nunca são independentes de padrões. E a escolha de tais padrões baseia-se em atitudes que necessitam de avaliação crítica mediante argumentos, porque não se pode nem derivar logicamente nem comprovar de modo empírico” (apud VITORINO, 2020, p. 267). Dito isso, concordamos que mesmo não tendo um conhecimento prévio dos assuntos do seu objeto de pesquisa, os resultados estarão permeados dos modos de perceber a realidade do pesquisador. Pode ser um caso/situação isolada, mas o fato é que indígenas sofrem diversas violências dentro da academia que precisam ser expostas, tratadas e resolvidas, principalmente porque viemos de culturas com predominância oral e não escrita. Não é algo que não se apreenda, mas não precisa ser doloroso para ninguém, assim como precisa ser de algum modo valorizada e acolhida dentro do fazer científico.

Na sociologia positivista, o outro é apontado na percepção do objeto:

A sociologia positivista procura, sobretudo, regularidades empíricas comportamentais, com vistas à obtenção de generalizações, pretendendo um saber útil tecnicamente. Por sua vez, a teoria dialética da sociedade deve analisar e compreender o sentido e consciência dos agentes sociais. (VITORINO, 2020, p. 267).

Todos os povos indígenas tem suas especificidades e diversidades, alertamos que a procura de sínteses dentro de linhas tão ricas e plurais não podem ser

demarcadas com facilidade, precisamente por sua heterogeneidade, porém, o cuidado deve ser redobrado, evitando cair em banalizações e generalizações sobre o tema a tratar.

O caminho da escrita desta dissertação começa nas discussões teóricas tomando como base tanto o conceito como o movimento de decolonialidade (QUIJANO, 2005). Entendendo que a dinâmica relacional da colonialidade nos coloca num estado de “colonização do imaginário dos dominados”, é preciso analisar, romper e ser propositivos para criar conhecimentos próprios a partir do sul. As epistemologias do sul (BOAVENTURA, 2019) trazem uma análise apropriada para a relação do que é trabalhado dentro de um modo singular de fazer comunicação nos moldes do conceito da “perspectivação”, que defenderemos. Encontraremos um resgate histórico do nascimento e a importância da comunicação comunitária como ferramenta de luta e resistência das camadas sociais que foram submetidas à subalternização e historicamente foram sub-representadas pelas mídias hegemônicas com discursos não condizentes com suas realidades. Um desdobramento dessa comunicação será colocado e argumentado como comunicação comunitária indígena, seguido a isso, o estado da arte da pesquisa e uma descrição detalhada da história, composição e organização sociopolítica do povo indígena Xukuru do Ororubá.

Num segundo momento entraremos na parte metodológica, para isso começaremos com um registro historiográfico da Ororubá filmes dentro do povo indígena Xukuru do Ororubá. Nesse momento, pretendemos fazer um trajeto desde a formação deste meio comunicacional a partir da aplicação de oficinas por parte do projeto “Vídeo nas Aldeias” em 2008 e o estímulo à juventude para o engajamento político nas causas do seu próprio povo, passando pela organização atual, onde analisaremos as dinâmicas contemporâneas do processo do fazer comunicação indígena num veículo já consolidado para poder entender os possíveis passos a seguir de acordo com os anseios expressados por seus integrantes. Isso será feito mediante entrevistas individuais (semiestruturadas), além de um percurso descritivo dos veículos comunicacionais com os que atualmente conta a etnia da serra do Ororubá, continuando a apresentar a descrição do trabalho de campo feito nas 25 aldeias do povo Xukuru do Ororubá durante os 8 meses de duração.

No terceiro momento, encontraremos a análise crítica dos dados coletados e uma correlação geral, colocando à disposição a leitura do panorama geral da Ororubá Filmes, os desafios de acessibilidade ao ambiente digital que tem o povo indígena

Xukuru do Ororubá dentro do seu mesmo território, ambiente onde a Ororubá filmes nasce e se desenvolve desde 2008, além dos desafios de engajamento detectados para a recente dinâmica de consumo de informação do seu próprio povo, concluindo com as considerações finais.

Estamos vivendo a primavera da comunicação popular, assim me foi denominado o momento atual do audiovisual alternativo recentemente, e eu concordo, mas está só começando!

## 2 PRIMAVERA DA COMUNICAÇÃO POPULAR

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.  
 Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo  
 a vida, fodidos e mal pagos:  
 Que não são embora sejam. Que não falam idiomas,  
 falam dialetos.  
 Que não praticam religiões, praticam superstições.  
 Que não fazem arte, fazem artesanato.  
 Que não são seres humanos, são recursos humanos.  
 Que não têm cultura, têm folclore.  
 Que não têm cara, têm braços.  
 Que não têm nome, têm número.  
 Que não aparecem na história universal, aparecem  
 nas páginas policiais da imprensa local.  
 Os ninguéns, que custam menos do que a bala que  
 os mata.

*Os Ninguéns, Eduardo Galeano*

Este primeiro capítulo pretende fornecer um panorama teórico dos pensamentos decoloniais desenvolvidos no sul global latino-americano a partir segunda metade do século XX por pensadores e acadêmicos da sociologia e da comunicação, como Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos e Erick Torrico, entendendo que este movimento se constrói e se retroalimenta paralelamente à ascensão da comunicação comunitária da qual discorreremos a partir das autoras Cicília Peruzzo e Raquel Paiva, relacionando-o com o levantamento de alguns questionamentos que surgiram a partir do estudo das práticas comunicacionais dos povos originários, especificamente as da etnia Xukuru do Ororubá (PE), reivindicando o reconhecimento de um fazer comunicacional perspectivado (inclusive instrumental) desses povos, e de como, baseado nessa *práxis*, se geram diversos processos nas próprias comunidades onde são concebidas.

São nestes estudos comunicacionais que adentraremos a continuação com o intuito de detalhar os processos e entender uma discussão atual a respeito dos discursos que promovem uma reflexão sobre a necessidade de decolonizar a palavra, a imagem e o processo do fazer comunicacional, entendendo que a dinâmica

relacional da colonialidade nos coloca num estado de “colonização do imaginário dos dominados”, interferindo inclusive na produção científica comunicacional.

## 2.1 DECOLONIALIDADE E COMUNICAÇÃO

*Aprender o caminho  
do inferno para dele  
se afastar.*

*Alberto Acosta*

O colonialismo, nos moldes do sociólogo Aníbal Quijano (1992. p, 12), um dos maiores expoentes dos pensamentos decoloniais, é caracterizado a partir da expansão territorial europeia por meio da dominação militar violenta que avançou a partir do século XV, já o conceito de “colonialidade”, proposto pelo mesmo autor, refere-se ao estado de “colonização do imaginário dos dominados” (ibid. p, 12) que significou disseminar, por meio da imposição, um modelo não só econômico, como político e social dessa cultura, principalmente nos países dos continentes periféricos como Ásia, África e América (Latina), forçando assim o surgimento das culturas modernas ou modernidade europeia, tornando-se um fator decisivo para compreender as nações contemporâneas independentes das colônias.

Já para o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, não seria necessário fazer a distinção entre colonialismo e colonialidade na proposta que Quijano sugere, uma vez que se entende que o termo colonialismo já abarca tanto a era quanto as consequências, além de ser uma palavra que poderia entender-se como o término do colonialismo e o início da vivência de um novo processo (pós-colonialista), da mesma forma se argumenta que uma vez que o termo já está popularizado, consegue ser aproveitado para o emprego e melhor assimilação por parte da sociedade. Boaventura insiste que o colonialismo não acabou, mas que se reconfigura e se apresenta sob várias formas diferentes em nossos dias, ainda tendo um impacto incisivo na sociedade, e reflete: “sendo o colonialismo uma cocriação, descolonizar implica a descolonização tanto do conhecimento (do) colonizado, como do conhecimento (do) colonizador. (SANTOS, 2019. p, 36), em outras palavras, enfrentamos uma dupla tarefa de decolonização<sup>2</sup> inerente ao processo mesmo e à estrutura (a desfazer), pois a colonização não seria apenas uma criação do colonizador, o próprio colonizado vai

---

<sup>2</sup> Ao utilizar o termo “Decolonizar” sem a letra “s” estamos adequando à proposta de Anibal Quijano (1992)

ser influenciado e transformado pelo ato da colonização e por tanto deve ser decolonizado. É pertinente explicar que Quijano, ao acunhar o termo, não pretendeu compreender o colonialismo como acabado, tanto assim que o mesmo termo “colonialidade” engloba, como acima explicado, especificamente a continuidade das práticas e entendimentos desse padrão universal praticamente inquestionável instaurado pelo colonialismo.

Colonialidade é neologismo necessário. Tem ao respeito do termo colonialismo, a mesma localização que modernidade ao respeito de modernismo. Refere-se, antes que tudo, a relações de poder nas quais a categoria de “raça”, “cor”, “etnicidade”, são inerentes e fundamentais. Sobre o conceito de colonialidade do poder e suas implicações (QUIJANO, 2020. p. 233. Tradução nossa).<sup>3</sup>

Em outras palavras, Quijano propõe que se distinga entre colonialismo e colonialidade, mesmo ambas possuindo uma relação visceral. A colonialidade se origina com a conquista e colonização violenta dos povos e os territórios que hoje chamamos de América. É um conceito que trabalha o “colonialismo” na América Latina centrado na América Latina.

Dentro do termo colonialidade, encontramos vários elementos que o compõem e que de forma orgânica se assimilam entre si para manter-se colocados numa posição de comando. Quijano ressalta que estamos vivendo num período excepcional que tem especificidades históricas por tratar-se talvez do primeiro padrão de poder global (QUIJANO, 2020), é um padrão de poder que afeta de forma universal cada um dos indivíduos existentes, apontando um padrão em crise, porque seus fundamentos inerentes estão em crise,

A colonialidade do poder condiciona por inteiro a existência social dos agentes de todo o mundo, posto que a racialização delimita de modo decisivo a localização de cada pessoa e cada povo nas relações de poder globais. Mas é na América, na América Latina, sobretudo, que sua cristalização se faz mais evidente e traumática, posto que aqui a diferenciação racial entre “índios”, “negros”, “brancos”, e “mestiços” ocorre no interior de cada país. Encarnamos o paradoxo do ser “Estados-nação” modernos e independentes e, ao mesmo tempo, sociedades coloniais, onde toda reivindicação de democratização tem sido violentamente resistida pelas elites brancas. (QUIJANO, 2020. p. 23, 24. Tradução nossa)<sup>4</sup>

<sup>3</sup> No original: *Colonialidad es un neologismo necesario. Tiene respecto del término colonialismo, la misma ubicación que modernidad respecto de modernismo. Se refiere, ante todo, a relaciones de poder en las cuales las categorías de “raza”, “color”, “etnicidad”, son inherentes y fundamentales. Sobre el concepto de colonialidad del poder y sus implicaciones.*

<sup>4</sup> No original: *La colonialidad del poder condiciona la entera existencia social de las gentes de todo el mundo, ya que la racialización delimita de modo decisivo la ubicación de cada persona y cada pueblo en las relaciones de poder globales. Pero es en América, en América Latina sobre todo, que su cristalización se hace más evidente y traumática, puesto que aquí la diferenciación racial entre “indios”, “negros”, “blancos”, y “mestizos” ocurre al interior de cada país. Encarnamos la paradoja de ser*

Essa colonialidade do poder que Quijano menciona se estrutura com dois elementos importantes. O primeiro é o elemento da dominação de poder social, da qual não se tem nenhum exemplo anterior que seja equivalente a este, sendo, portanto, histórica e sociologicamente novas as hierarquias biológicas centradas na noção de raça, pois trazem consigo uma dinâmica de inferiorização para com as pessoas que se encontraram neste território, quer dizer, as nações indígenas, essas sociedades de grande sofisticação social, política e intelectual às que conseqüentemente suas identidades e conhecimentos foram expropriados, sometidos, escravizados, além de seus corpos dizimados. Depois de tantos anos, os sobreviventes seriam denominados como indígenas, com esse nome homogêneo, contrariando toda e cada cultura, mesmo após o conhecimento sobre as principais sociedades da época, a exemplo da Azteca, Maya, Inca, Mapuche, entre outras. América então, também foi a primeira identidade deste território padrão de dominação social.

O segundo elemento que estrutura a colonialidade do poder de Quijano é o padrão de exploração social e o padrão de conflito social que se aninharam no capitalismo e na escravidão. E como tendência através do tempo, tornam-se mais incisivas, conflituosas e violentas à medida que uma resistência com mobilização se levanta. É por isso que o autor defende a não utilização dos mesmos termos que já vem contaminados disso tudo, não podemos trabalhar com suas mesmas epistemologias, para sair desse estado de “colonização do imaginário dos dominados” precisamos começar outras, e propõe então a construção de uma nova racionalidade, novo modo de produzir sentido. Acreditar que é possível construir um olhar diferente é preciso, a prova disso é que já aconteceu, os estudos decoloniais em América Latina partem da ideia do filósofo Henrique Dussel (2013), quem aponta que a Europa se forma a partir do novo mundo: a consciência da Europa é construída quando ela se expande colonialmente, daí que ela assume o seu interesse cultural e filosófico, a partir do novo mundo e a colonização dele. A dinâmica seria a virada, “aprender a representar o mundo como o próprio, porque só quem representa o mundo como o próprio é quem pode transformá-lo” (SANTOS, 2019).

---

*Estadosnación modernos e independientes y, al mismo tiempo, sociedades coloniales, en dónde toda reivindicación de democratización ha sido violentamente resistida por las élites “blancas”.*

Ailton Krenak, no seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020), traz uma reflexão que dialoga com as propostas desses autores decoloniais e que nos coloca um pouco mais perto do que pode ser a *práxis* dessas teorias, um caminho para a nova racionalidade, o autor comenta sobre a ideia de natureza,

[...] me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2020. p, 16).

Essa ideia de humanidade que foi construída a partir da civilização, nos coloca numa posição separatista com *Hitcha Gaia*<sup>5</sup> ou *Pachamama*<sup>6</sup> ao ponto de internalizar uma dissociação tão absurda que terminamos acreditando que esse modelo é a principal forma de nos relacionarmos com o mundo, negando a pluralidade e a diversidade das diferentes formas de viver e ver o outro/a outra. Fomos treinados para achar tolice conversar com uma montanha, trocar pensamentos com um rio ou compartilhar emoções com os animais, desconsiderando que a comunicação permeia toda nossa existência das mais diversas formas. A pedagogia ancestral que nos faz compreender esses signos da *Pachamama* também nos faz ter um olhar holístico da natureza, perceber que as lagoas, bosques e seres encantados também são sujeitos de direito como nós, gerando a partir das trocas, relações e laços de sobrevivência coletivos e o entendimento da necessidade de um para o outro em prol do equilíbrio e da harmonia do nível terrenal. A expansão e aplicação dessa pedagogia na sociedade não indígena poderia ser um dos caminhos para essa nova racionalidade: deixar de lado o entendimento como indivíduos e nos enxergarmos como “pessoas coletivas” (KRENAK, 2020. p, 28), podemos sugerir que a coluna vertebral seja a conexão com o outro.

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado

---

<sup>5</sup> Denominação de Mãe Terra na língua Muysca.

<sup>6</sup> Denominação de Mãe Terra para o geral dos povos andinos.

cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. “Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente não está treinada para dominar esse recurso natural que é a terra.” Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? (KRENAK, 2020. p, 21).

Acreditamos que um outro elemento fundamental é pensar a história, parafraseando Boaventura de Sousa Santos, “a sociedade se divide em dois tipos de grupos sociais, os que não querem lembrar e os que não podem esquecer”, porque já ressoa a famosa frase: o pecado original da América Latina é ser construída sem o indígena e contra o indígena. Assim, é urgente decolonizar a história, e é aí onde acreditamos que a comunicação entra para exercer um papel crucial.

Diferente de outros movimentos, o pensamento decolonial latino-americano eclode com uma importante variação: os intelectuais são ao mesmo tempo ativistas sociais e seus conceitos são trabalhados pelos políticos que aderem, isso faz toda a diferença, quer dizer, que estamos numa geração de pessoas que pensam os processos e que ao mesmo tempo estão envolvidos neles. Na comunicação, a parte teórica e prática tem percorrido avanços por caminhos parecidos. Erick Torrico, sociólogo e comunicólogo decolonial, explica o conceito de “comunicação centrada”, identificado como um esquema que se impôs como “paradigma dominante” e que segue sendo ensinado, aprendido, aplicado e reproduzido tanto nas escolas de comunicação quanto na área de pesquisa, alegando que

a teorização, foi estruturada primeiramente com base nas condições, preocupações e necessidades da realidade social, econômica, política e tecnológica estadunidense, assim como do ocidente europeu, uma vez que os dois espaços geoculturais foram seu local de surgimento. (2019. p, 94).

Essa lógica de produção de conhecimento tem um caráter universalista, isso quer dizer que preza por manter a hierarquia colonial de pessoas e povos, validando unicamente os saberes produzidos nos países que tradicionalmente dominam o âmbito do conhecimento. A isto, o autor propõe “pensar a partir da margem”, quer dizer, trazer ao fazer comunicacional um sentido “relacionado à criação de tecido social e à construção de comunidade e consenso” (TORRICO. p, 96). É neste momento em que se reivindica com mais amplitude a participação e democratização dos meios de comunicação, preocupação pelo interesse público, vínculo com reivindicações de desenvolvimento, fortalecendo na prática a comunicação comunitária, alternativa e popular. E no campo acadêmico, a “comunicologia da

libertação” (Ibidem. p, 98), que combina a protesta com a proposta, colocando a necessidade latente de avaliar os fundamentos epistemológicos, “desestruturar a lógica do mecanismo histórico e epistemológico cujo núcleo é a subalternidade” (Ibidem. p, 100).

A comunicação comunitária indígena floresce a partir da comunicação comunitária na necessidade própria de um audiovisual contextualizado, isso quer dizer, que caminhando na mesma direção de reivindicação de direitos, democratização e como ferramenta de luta na qual a comunicação comunitária caminha, a comunicação decolonial e ancestral demanda particularidades nos processos tanto de concepção como de execução, entendendo a importância da autonomia de falar em sua língua, de poder representar o mundo em nome próprio, à sua medida e à sua imagem e não representadas a partir da ideia do colonizador.

A produção da Ororubá Filmes é um exemplo contundente disso ao incorporar organicamente nas suas produções rituais de abertura, como uma permissão que dará força e entendimento para que tudo dito e capturado seja em prol do bem-estar da comunidade e em serviço da coletividade. No decorrer do texto trataremos este tema com mais aprofundamento.

## 2.2 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: UMA FERRAMENTA DE LUTA PARA O POVO

### 2.2.1 Direito à comunicação: a reivindicação

Os direitos humanos foram conquistados e constituídos a partir de reivindicações em vários episódios históricos mundiais, classificando-se ao longo do tempo em gerações e se tornando institucionais. Os direitos de primeira geração são relatados por Liszt Vieira (2000, p. 22-23) como os direitos civis e políticos, conceituando-os como direitos relacionados às liberdades individuais, que reivindicam a autonomia do indivíduo como intimidade, propriedade e participação política. Já na segunda geração, a partir da metade do século XX, Vieira (Ibid.) destaca os direitos sociais, relacionados à ideia de igualdade, como saúde e educação. O autor prossegue fazendo referência à terceira geração de direitos humanos conquistada antes de finalizar o mesmo século, os direitos de solidariedade ou fraternais, que já não se referem ao indivíduo, mas sim à coletividade, aos grupos humanos que se reconhecem com diferenças como as de gênero, as raciais, entre outras, reivindicando principalmente um ambiente equilibrado. Uma quarta geração faria referência ao

impacto da globalização nos direitos e à bioética, como regulamentação de alterações genéticas, entendendo-se, de forma abrangente, que uma geração não supera a outra, mas que a complementa. Importante ressaltar que o Brasil incluiu na sua constituição os objetivos da declaração dos direitos humanos, mas que na prática, ao longo da sua história, o país os violentou de forma descarada e os segue desconsiderando, impactando a população mais vulnerável, colocando-a à margem de crises humanitárias, a exemplo dos povos indígenas que habitam este território. Outro descompasso no direito, especificamente à comunicação, é a acessibilidade e oportunidade de usufruir de forma igualitária das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Cicília Peruzzo afirma que o direito de comunicar “é colocado como um direito de terceira geração, pois se desloca da noção de direito do indivíduo para o coletivo” (2009, p. 38), assegurando que o fato de anunciar a comunicação como direito humano configura um grande avanço na concepção de cidadania, posto que a comunicação era imperceptível nas dimensões clássicas da cidadania.

O debate como tal sobre o direito à comunicação se fazia latente na segunda metade do século XX. Em 1976 se celebrava a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Comunicação na América Latina, realizada na Costa Rica; países da África e Ásia, recém-independentes, também debatiam diálogos pautados na dignidade humana e nas diferenças, mas tudo isso imerso num contexto de controle dos fluxos internacionais de informação e nas desigualdades sociais e tecnológicas acentuadas pela globalização, onde

Se difundiam a visão de mundo e o modo de vida dos Estados Unidos e de países europeus, que caracterizam uma forma de dominação cultural, ao mesmo tempo em que se impedia a circulação mundial da informação proveniente de fontes latinas, africanas e asiáticas e até mesmo entre os países dessas regiões. (PERUZZO, 2009, p. 37).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, já assegurava o direito à comunicação no seu artigo 19, mas só em 1980 a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) cria a “Comissão Internacional para Estudos dos Problemas da Comunicação”, encabeçada por MacBride, resultando no trabalho da comissão ao longo de três anos, o *Informe*

*MacBride* ou “Um Mundo, Muitas Vozes”<sup>7</sup> (MACBRIDE, 1980). O documento incentiva a reflexão dos conceitos de democracia na comunicação por meio da reciprocidade, mas adverte que sem a participação e interlocução ativa na tomada de decisões na programação dos meios de comunicação social, uma democratização real não poderá concretizar-se.

Neste sentido, só se faz possível a conquista, a manutenção e a reivindicação de direitos através da organização ou do grau de organização civil do momento, pois

Nenhum poder, seja ele do capital, do legislador ou do executivo governamental, concede avanços de benefícios aos pobres ou desprovidos de possibilidade de desfrutar de condições adequadas para realização plena dos direitos humanos se não houver demonstração inequívoca de sua capacidade de articulação, consciência e resistência política (PERUZZO, 2009, p. 38).

Essas mudanças se atrelam diretamente à aquisição de consciência cidadã, quer dizer, do gozo de direitos, da necessidade de construção de sociedade, de participação direta de tomada de decisões e assim mesmo de demandas, mesmo que não sejam efetivadas na prática.

### **2.2.2 Mídia Hegemônica e a Contramão nas Mídias: a Comunicação Comunitária**

Os *mass media*, ou meios de comunicação de massa, são aqueles capazes de impactar um grande número de pessoas, usualmente denominados como “meios de comunicação hegemônicos”. É possível, nessa linha, compreender que a relação dos meios de comunicação hegemônicos com a classe dominante, classe que detém a hegemonia cultural, é de total colaboração, procurando geralmente ser aliados. O preço da consolidação desses meios como hegemônicos resulta num interminável círculo de favores que interessam a esses dois lados, promovendo a sistematização e disseminação de determinada cultura, consensos e dissensos na produção simbólica dos seus conteúdos, possuindo o poder inquestionável de formar opinião, de produzir narrativas específicas de mundo, de moldar e categorizar grupos sociais, além de possuir força política capaz de selecionar quem ou o que deve ou não ser midiaticado. Tornay Marquez aponta que “[...] os meios de comunicação atuam como

---

<sup>7</sup> Documento titulado no Brasil como: Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação em nossa época, publicado pela Editora da Fundação Getúlio Vargas, em 1983.

um canal prestigiador que situa no espaço público o que é digno de ser escutado, visto, representado” (2019, p. 167. Tradução Nossa)<sup>8</sup>. Compreendendo que Comunicação é poder, quem controla os grandes meios de comunicação colabora na construção da memória da sociedade e na criação de símbolos e discursos sobre seus sujeitos.

Apesar de veicularem discursos muitas vezes preconceituosos e superficiais, a narrativa dos meios de comunicação hegemônicos é legitimada e possui credibilidade diante de grande parte da sociedade. Portanto, possuem extrema responsabilidade na elaboração das representações sociais e na construção das narrativas. “Nesse sentido, a ideia de que o discurso da mídia é o discurso do senso comum - elaborado e veiculado como verdade, em razão do princípio da autoridade - marca definitivamente a relação entre coisa e signo (objeto e representação) (BRAGA; CAMPOS, 2012, p. 501).

Consequentemente, grupos sociais indígenas, bem como demais grupos subalternizados, não possuem espaço nesse tipo de mídia, e quando possuem são sub-representados em uma categoria homogênea e indiferenciada que não reconhece a heterogeneidade e a multiplicidade dos grupos, nem dos seus sujeitos. A respeito disso, encontramos a reflexão de Stuart Hall (2016) quando comenta que: “(...) A palavra não existe em um idioma neutro ou impessoal, na verdade ela existe na boca de outras pessoas, servindo às intenções de outras pessoas: é de lá que devemos tomar a palavra e torná-la nossa” (HALL, 2016, p. 155). Tal reflexão possui raízes nas formas típicas de práticas representacionais, como a abordagem teórica de Mikhail Bakhtin referente à importância da diferença, na qual o autor argumenta que a sociedade precisa dela, porque somente pode ser construído significado através de um diálogo com o “outro”. “Na linguagem, a metade da palavra pertence ao outro. Ela somente se torna a “própria palavra” quando (...) o falante se apropria dela adaptando-a à sua própria intenção de expressão semântica.” (HALL, 2016, p. 155). Neste contexto, tomaremos como o exercício de reivindicação desses grupos subalternizados o direito de poder falar sobre eles mesmos, de sair do lugar de sujeito representado para o sujeito que se auto representa, criando assim discursos

---

<sup>8</sup> [...] *los medios de comunicación actúan como un canal prestigiador que sitúa en el espacio público lo que es digno de ser escuchado, visto, representado.*

autônomos que constroem valores simbólicos e sentidos próprios por meio da comunicação comunitária.

Os primeiros registros conhecidos de uma rádio comunitária se deram em 1948 na Colômbia, mais especificamente a Rádio Sutatenza, que abriu caminhos para muitas experiências de comunicação popular. Mas foi só na década de 70 que consegue mais adesão com a luta dos movimentos sociais. A comunicação comunitária é, de acordo com Peruzzo (2008), “aquela desenvolvida de forma democrática por grupos subalternos em comunidades, bairros, espaços *on-line*, por exemplo, segundo seus interesses, necessidades e capacidades. É feita pela e para a comunidade” (2008a, p. 2). A comunicação comunitária tem sido utilizada estrategicamente por várias categorias de movimentos sociais na reivindicação de direitos, na promoção da cidadania e na transformação social, além de estar “cumprindo importante papel na democratização da comunicação e da sociedade.” (PERUZZO, 2009, p. 41). Trata-se de uma comunicação que possui dimensão política, educativa, popular, participativa e democrática, estabelecendo uma verdadeira disputa de sentidos com os grandes meios de comunicação. Para Elisa Garcia Mingo (2016), “Os povos indígenas, como os movimentos sociais, têm posto em crise as formas de organização social, o pensamento e a sensibilidade da modernidade crioula” (2016, p. 125. tradução nossa)<sup>9</sup>. Cicília Peruzzo revela a importância do exercício deste direito na promoção da cidadania: “A cidadania avança na medida da consciência do direito a se ter o direito à comunicação e da capacidade de ação e articulação daqueles a quem ela se destina.” (2009, p. 42).

Neste ponto, faz-se proveitosa uma breve reflexão sobre a própria concepção de cidadania, em especial no que configura seu elo com os veículos midiáticos. Conforme elaboram Paiva e Sodré (2019), cidadania é um termo que apresenta diferentes significados ao longo da história, desde a ideia do indivíduo que reside e participa ativamente das assembleias, funções públicas e decisões sobre a *polis* na Grécia antiga, passando pela garantia legal dos direitos universais na Revolução Francesa do século XVIII, até as lutas que reivindicavam a ampliação dos direitos civis às minorias em meados do século XX e o estado contemporâneo de aplicação prática da

---

<sup>9</sup> Los Pueblos Indígenas, en tanto que movimientos sociales, han puesto en crisis las formas de organización social, el pensamiento y en la sensibilidad de la modernidad criolla.

noção de cidadania, já muito transformada pelo contexto hegemônico de forte cunho liberal.

Como ressaltam os mesmos autores, é importante olhar para as formas concretas como a cidadania se manifesta em determinada coletividade, em especial na “apropriação de bens e dos valores criados no quadro da ‘historicidade’ democrática, isto é, das conquistas ativamente obtidas pela movimentação soberana de um determinado grupo” (PAIVA e SODRÉ, 2019, p. 2). Partindo dessa compreensão, as lutas sociais se mostram como fator constitutivo fundamental do exercício cidadão, bem como um vetor determinante no arranjo de forças que expressam a dinâmica dos direitos humanos.

Quando olhamos para os contornos da mídia hoje podemos afirmar que, apesar de se atribuir à mesma um papel de democratização de acesso à informação, verifica-se um alinhamento ao contexto socioeconômico soberano, ou seja, o contexto do neoliberalismo político. Tal cenário tem por característica a tendência de isolar e descentralizar cada vez mais a responsabilidade social, gerando a figura do “indivíduo-cidadão” (Ibidem, p. 3), instrumento de si e principal culpado pelos respectivos sucessos e fracassos que venha a experimentar.

A mídia se alia a essa vertente da consciência individualista na medida em que repercute demandas do capital financeiro e reforça a reivindicação de um Estado que priorize o ajuste fiscal em detrimento da consciência solidária e da garantia institucional de direitos sociais. A cidadania que se observa nesse panorama contemporâneo passa a qualificar os cidadãos não pela capacidade de politizar-se e sim pela capacidade de consumo (Ibidem, p. 6). Essa descrição se vincula com o meio urbano brasileiro e por vezes influencia a forma como a mídia de massa olha para o modo de ser dos povos originários, incorrendo frequentemente em retratos de exotismo mistificante, mesmo quando são apologéticas, como se as culturas indígenas fossem peças raras de um museu de culturas fadadas ao desaparecimento e sem capacidade de atualizar as formas de organização social do país hoje.

Depois de olhar para o aspecto mercadológico da cidadania em meio aos *Mass Media*, é possível enxergar com mais clareza o papel da Comunicação Comunitária, uma vez que esta se constrói sob premissas totalmente destoantes da lógica neoliberal de ascensão pelo consumo. O “comunitário”, inclusive, é hoje associado à realidade daqueles que se encontram excluídos do paradigma contemporâneo da cidadania.

### 2.2.3 Pensar a Comunicação Comunitária

O trabalho da professora e pesquisadora Raquel Paiva, desde o lançamento de “O espírito comum” (1998), passando por diversos artigos, entrevistas, apresentações e incluindo a compilação de textos intitulada “O retorno da comunidade” (2007), constitui uma referência fundamental na compreensão do campo teórico que se forma a partir da reflexão sobre a Comunicação Comunitária.

Dentre as reflexões presentes no livro de 1998, a autora chama atenção que a expansão do mundo globalizado não concretizou o ideal McLuhaniano de “aldeia global”, em que as novas tecnologias da comunicação consagrariam uma mutualidade de trocas entre indivíduos devido à intensificação e robustez dos elos e interligação entre eles. Paiva aponta que, na realidade, verifica-se que a experiência comum passa a ser cada vez mais simulada e não compartilhada de forma franca e direta. A aceleração e o aumento exponencial do volume de circulação da informação de certa forma passaram a ser uma barreira para a partilha do real sensível, alçando o simulacro ao posto de elemento de circulação, troca e compartilhamento. A desconexão entre diferentes realidades suplantadas pelo simulacro é outro aspecto que reforça a figura do cidadão isolado e enfraquece vínculos de natureza solidária. É notório ver como a nuance neoliberal da cidadania impulsiona políticas na contramão do assistencialismo e dos direitos trabalhistas. Podemos citar neste caso as recentes reformas que trazem retrocessos aos beneficiários de legislações previdenciárias e laborais, observadas aqui no Brasil e em grande número de nações pelo mundo.

Paiva, em seu livro de 1998, argumenta que a noção de comunidade vem sendo resgatada sob uma aura de “resgate da solidariedade humana ou da organicidade social perdida por ela” (PAIVA, 1988, p. 11). Nas coletividades situadas à margem dos grandes centros econômicos do neoliberalismo globalizado reside então a maior potência de construção de redes pautadas na experiência concreta dos indivíduos. A comunidade contra a dessolidarização tem a própria convivência ou convivialidade e o fortalecimento da atenção e assistência mútua como estratégias vitais de sobrevivência frente ao modelo socioeconômico soberano. Essa comunidade foge ao espectro do universal dominante, representado atualmente pela veia neoliberal da cidadania pelo consumo, e tem como campo de atuação o microuniverso das dinâmicas sociais, numa configuração de feições defensivas e de auto-preservação.

A grande virada da comunicação comunitária se dá a partir da conscientização

sobre a participação decisiva da mídia na expansão do processo de globalização da qual os indivíduos das comunidades se defendem. Essa percepção, fundamental por parte dos membros da comunidade, é o primeiro passo no processo de apropriação dos meios de comunicação para utilizá-los como aliados. Os veículos da mídia permitem a conversão de sua potência de coesão coletiva em prol de iniciativas de cooperatividade e solidarização.

Uma ideia central no referido trabalho de Paiva é a de que a comunidade encontra subterfúgio às pressões de subjugação da globalização nos próprios recursos comunicativos da mídia. Essa integração das tecnologias de comunicação e articulação em redes se mostra como importante ponto de atenção para pensar estratégias anti-hegemônicas de comunicação no contexto social atual. Na coletânea de textos que organizou em 2007, incluindo um artigo seu que busca atualizar as reflexões sobre a ideia de vida comunitária, Paiva revisita referências de trabalhos anteriores e reelabora conceitos como o da própria comunicação comunitária. O *retorno da comunidade: Os novos caminhos do social* (2009) é um livro que reúne uma série de textos que expandem o entendimento sobre comunicação comunitária por áreas como a Epistemologia, Estética, Filosofia e Educação.

No segmento intitulado “Para reinterpretar a comunicação comunitária”, a pensadora enumera uma série de pilares que argumentam a favor da pertinência do viés comunitário na Comunicação. O primeiro desses pilares, consequência do jogo de forças discutido acima, é a afirmação de que “a comunicação comunitária constitui uma força contra-hegemônica no campo comunicacional” (PAIVA, 2007, p. 137). A autora esclarece que a hegemonia se constitui não só pela determinação econômica das feições sociais como também da coincidência de forças coercitivas, modelos de dependência e mecanismos reguladores que agem em esferas como a cultura, a religião, a filosofia, a ciência e a arte (Ibidem, p. 139). A princípio, a constatação do antagonismo entre a mídia hegemônica e os meios não-hegemônicos pode apontar uma tendência de enfrentamento que eventualmente possibilitaria um avanço no sentido de reformular as estruturas em conformações mais equilibradas e justas. No entanto, dados brasileiros citados pela autora demonstram um grande retrocesso no número de emissoras de radiodifusão de iniciativas independentes, em especial de rádios comunitárias e produções televisivas, meios que enfrentam sérias dificuldades de viés operacional (Ibidem, p. 138 a 140).

Paiva se detém, em seguida, em torno do caráter plural da Comunicação

Comunitária, uma vez que a diversidade de vozes contribui para cercear pontos de vista preconceituosos sobre os diferentes grupos humanos (p. 141), a autora ressalta dois lugares problemáticos a serem evitados pela comunicação comunitária: o didatismo exacerbado e a reprodução de trejeitos expressivos da mídia hegemônica (Ibid.).

O mesmo texto destaca ainda a capacidade que a Comunicação Comunitária possui de produzir novas modalidades linguísticas (Ibid.), apoiando-se na formulação de Richard Rorty sobre a necessidade de “redescrição” do sujeito para a construção de novas relações na coletividade, incluindo a reformulação de como as histórias são contadas e da terminologia usada na expressão dessas vivências particulares e conjuntas (RORTY apud PAIVA, 2007, p. 141 e 142). A potência criativa reside também no grau de liberdade propiciado no exercício comunicativo em cada veículo, principalmente em função dos vínculos que tem com determinados interesses econômicos e/ou políticos (PAIVA, 2007, p. 142).

Paiva reitera a atuação efetiva que a Comunicação Comunitária tem no sistema produtivo, especialmente no que diz respeito à mão de obra que opera nos veículos desse contexto comunicativo. Seja num vínculo assalariado ou não, o trabalhador dos veículos comunitários se depara com uma demarcação de funções menos segmentadas e tende a desenvolver uma relação mais criativa junto ao produto final concebido, participando de encontros e reuniões com membros da comunidade. A própria noção ampla de “empregabilidade” ganha contornos mais cooperativos nesta realidade laboral (Ibidem).

A questão do consumo, determinante na conformação da cidadania neoliberal, tem aspectos menos clientelistas em esquemas de comunicação comunitária. No modelo não-hegemônico se reduz o distanciamento entre quem produz e quem é destinatário do conteúdo, fortalecendo com isso vínculos de interatividade, construção coletiva e participativa de pautas e abordagens, assimilando muitos traços da experiência local (Ibidem, p. 143). Outro pilar destacado é o caráter educacional da comunicação comunitária. Considerando a relação íntima entre comunicação e educação, é precioso o papel que os veículos comunitários têm em fazer circular e produzir saberes próximos da realidade verificada em cada coletividade. De certa forma, a comunicação comunitária atua quase que suplementando o Estado em lugares em que este se faz ausente, a exemplo da comunicação comunitária indígena, que resgata e fortalece a identidade da sua comunidade garantindo o direito à

existência. Na esteira educacional, há ainda a força de inovação tecnológica que é inerente à comunicação e que muito se beneficia de inteligências forjadas frente a dificuldades e experiências de mundo únicas, capazes de trazer novas perspectivas na forma de difundir informação e conteúdo.

Por fim, Paiva ressalta que a Comunicação Comunitária se relaciona de forma recíproca com as Ciências da Comunicação, isso envolve uma via que se vale de conceitos, teorias e mecanismos de atuação elaborados neste campo do saber e, simultaneamente, de uma via de retroalimentação em que o comunitarismo serve como laboratório fértil de aplicação e análise de novas estruturas comunicativas, formas de produzir conteúdo, articulação coletiva e difusão de informação.

A obra de Paiva dá contornos muito nítidos ao terreno político da comunicação comunitária, especialmente no que diz respeito às lutas pela disputa da própria noção de cidadania. Ponderando sobre a relativa universalidade e liberdade propiciada por novos adventos tecnológicos, tais como a *internet*, a autora aponta a natureza revolucionária que reside no gesto de se apropriar das tecnologias dos veículos de comunicação para fins de interesse comum dos indivíduos inseridos em determinada comunidade. Esse comunitarismo na comunicação consegue fazer frente não só à hegemonia dos *mass media* como também ocupa lacunas deixadas pelo Estado que resultam numa massa de excluídos, constituindo um importante imbricamento entre luta pelos interesses da comunidade, fortalecimento estrutural da mesma e as relações de vínculo que vão para além da institucionalidade (afeto, vizinhança, cooperação...).

#### **2.2.4 Comunicação Comunitária e emancipação**

A prática da comunicação de viés comunitário, considerando sua natureza necessariamente política, se destaca como alternativa viável de oposição à hegemonia da mídia de massa convencional. Isso se dá principalmente porque a Comunicação Comunitária não opera sob a mesma lógica de interesses comerciais e gestão comercial do que veículos da grande mídia, ela se constitui como projeto social e tem objetivos voltados ao bem comum, partindo de estratégias que não se embasam numa rentabilidade mercadológica. A perspectiva comunicacional das iniciativas comunitárias envolve a preocupação com a relativa qualidade das condições de vida da população, que participa ativamente na produção, circulação e particularidade. O círculo de consumismo da mídia hegemônica não é alimentado aqui, há outras

prioridades, dentre elas a função educacional, visando o fortalecimento dos povos. O desenvolvimento da população da comunidade passa a ser a principal busca desse esquema de comunicação.

A participação popular ativa, que vai desde os conteúdos, passando pelas formas de transmissão, organização, programação e gerenciamento, tem ainda o incremento da pesquisa, área que tem tido reforço chave nas universidades. Essa participação conjunta em prol de um desenvolvimento coletivo se beneficia de um modelo de comunicação horizontalizado, em que a parceria permite uma paridade de colaboração entre os membros, contrária à hierarquização excludente de grandes corporações. O diálogo e a construção a partir da alteridade são os termos que fazem uma comunicação coletiva ser mais republicana.

Ao olharmos mais profundamente para o reiterado aspecto educacional da comunicação comunitária, é possível se dizer que ainda tem lugar cativo a preocupação com a educação formal, a compreensão e aprendizado de ferramentas do saber tais como a linguagem, os conteúdos de diversas áreas do saber tradicional, a consciência ética, a lida com as tecnologias e o estímulo à socialização. Paralelo a essas áreas mais tradicionais da educação, a comunicação comunitária traz à luz e faz circular pautas, artistas, obras, costumes, modos de falar, modos de se vestir, culinária e uma gama de elementos da cultura local. Devido à intensificação da hiper-globalização que fragiliza elos e opera sobre a cultura a partir de uma conjectura de simulacros, essa dimensão educacional é decisiva na preservação de expressões locais frente à aceleração informativa da sociedade atual, além de fazer emergir novas manifestações da cena local, ampliando canais de disseminação e troca<sup>10</sup>.

Evidente que a experiência própria de cada rádio, web tv, web jornal ou blog comunitário gera um saber que advém da especificidade de sua vivência, uma vez que cada veículo lida com impasses e virtudes do território onde se situa e da população que atravessa sua constituição. Nesse sentido, a academia é um espaço oportuno de parcerias de pesquisa e mesmo de cooperação técnica na operação dos sistemas de manutenção e transmissão de cada veículo. O intelectual, ainda que a princípio seja oriundo de fora da comunidade, participa ativamente na interpretação da mídia tanto no conteúdo que se produz, incluindo análise de linguagem e de conteúdo, quanto em questões sociopolíticas desdobradas da atuação de estruturas

---

<sup>10</sup> In: PAIVA, Raquel. Comunicação como projeto social. Pág. 3

comunicativas comunitárias como mediadores sociais<sup>11</sup>.

Importante que a comunidade consiga estabelecer laços a partir de suas iniciativas comunicativas com outros setores institucionais, principalmente no sentido de se solidificar frente às ameaças de veículos comunicacionais de grande porte. Esses veículos comunicacionais de grande porte agem na esteira mercadológica da competição e articulam diversas frentes para barrar a ascensão de veículos alternativos, isso inclui artifícios de natureza jurídica, de conflito tecnológico, rixas culturais, morais, financeiras e de jogos discursivos em torno de credibilidade, verdade e confiabilidade.

Paiva enxerga o trabalho de reinterpretação da comunicação como gesto definidor dessa ciência e prática hoje, ou seja, o trabalho hermenêutico, como já citado anteriormente quando mencionamos o intelectual. Essa hermenêutica dos meios e mediadores lida hoje com uma velocidade imensa de circulação e uma proximidade interativa cada vez maior em um mundo globalizado. Junto às comunidades e seus veículos populares, a hermenêutica se presta a analisar e espreitar efeitos sentidos da atuação das emissoras comunitárias na realidade de determinada população, entender se de fato as práticas caminham em direção a uma maior inclusão, ou se por vezes se reproduz características restritivas da mídia tradicional.

Uma teoria da comunicação contemporânea, segundo Paiva, precisa buscar compreender essa capacidade de inclusão pela comunicação e não apenas se deter sob trejeitos de produções voltadas ao entretenimento dos consumidores imersos em sua órbita de problemas individuais. É necessário se abordar a comunicação em face da exclusão social histórica dos subalternizados, uma ciência que consiga falar sobre um futuro global tendo em consideração a tarefa de se contribuir para uma sociedade inclusiva e que dê ferramentas para que os indivíduos possam abrir seus próprios caminhos sob a luz da emancipação.

Uma vez que não existe receita pronta para a emancipação, há de ser levadas em consideração as idiosincrasias de cada grupo e cada indivíduo, bem como a possibilidade de convivência em meio à diferença e à pluralidade de jeitos de ser. A comunicação comunitária ganha ares cada vez mais republicanos e democráticos, ao passo que é implantada em realidades inicialmente distantes desse modelo de articulação, especialmente em populações e culturas historicamente apartadas de

---

<sup>11</sup> Ibidem

tecnologias digitais, com menos acesso à aparatos de gravação, transmissão e armazenamento de conteúdo midiático. Entram nesse caso as comunidades indígenas, quilombolas, povoados rurais, entre outros.

Ressaltamos que parte significativa do raciocínio sobre Comunicação Comunitária exposta até aqui, especialmente no trabalho de Raquel Paiva, se inspira em experiências de comunidades das periferias de grandes centros urbanos. No âmbito do estudo de caso que nos deteremos nesta dissertação, por se tratar do contexto de povos originários, se faz necessário olhar também para como essa coletividade concebe as próprias ideias de comunicação e de comunidade, bem como a relação entre as tecnologias das quais dispõem e lidam com perspicácia no seu dia a dia e as tecnologias comunicacionais que passaram a circular em seu meio pelo contato com a sociedade hiper globalizada, a exemplo de câmeras digitais, ilhas de edição, gravadores de sons e microfones.

Assim como a educação é expressa sob a ótica de Paulo Freire, a comunicação também se presta como ferramenta emancipatória. Nesse aspecto, é fundamental que a mesma consiga ser posta em prática de forma a reforçar a consciência e ser exercício efetivo dos direitos humanos, em especial no campo da cidadania e da coexistência entre diferentes subjetividades.

### 2.3 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA

“Acima do medo, coragem”.

*Cacique Xikão Xukuru*

Na década de 90, o direito à Comunicação torna-se oficialmente uma demanda dos povos indígenas (MÁRQUEZ, 2019, p. 165) que começam gradualmente a enxergar nas mídias alternativas e comunitárias um meio de contornar a invisibilidade imposta pelos meios de comunicação hegemônicos, uma oportunidade palpável e efetiva para comunicar suas demandas e, ao mesmo tempo, conquistar cidadania. Tais meios de comunicação são utilizados para o fortalecimento cultural e identitário desses povos.

A violência da representação levada a cabo pelos meios de comunicação e a necessidade de contar com espaços próprios de enunciação, fizeram com que o acesso a esses meios se convertesse em uma demanda dos povos e nacionalidades indígenas em um contexto em que a exigência do respeito à diversidade cultural e à gestão da especificidade se somaram a outras

demandas de ordem econômica e material. (MÁRQUEZ, 2019, p. 167. Tradução Nossa)<sup>12</sup>.

O conceito de “comunicação perspectivada” que propomos neste texto e que trataremos ao decorrer dele se fundamenta e se gesta numa comunicação que trabalha em favor da decolonização da palavra e da imagem ao fomentar produções midiáticas a partir de uma ou várias cosmovisões pertencentes a povos indígenas e dentro das suas particularidades, capazes de discutir a etnicidade da comunicação para a formulação coletiva dos discursos midiáticos. Para lograr a execução da comunicação perspectivada, pressupõe-se a incorporação no seu exercício do que Boaventura de Sousa Santos descreve como “conhecimentos artesanais próprios”, que é o uso dos conhecimentos ancestrais que servem aos objetivos de luta,

A confiança que é depositada nesses conhecimentos advém do seu potencial, real ou imaginado, para fortalecer a luta em causa. Esse potencial radical geralmente tem duas ideias. Por um lado, os conhecimentos de que falamos pertencem aos grupos em questão; fazem parte do seu respectivo passado-enquanto-presente. Através desses conhecimentos, os grupos em luta tornam-se sujeitos cognitivos e deixam de ser objetos dos saberes alheios que foram usados para justificar a sua sujeição e opressão. Da sujeição à subjetividade – é esse o caminho da esperança contra o medo que os seus próprios conhecimentos lhes permitem percorrer. Por outro lado, não raro esses conhecimentos são reinventados para se referirem a um tempo passado de vida digna, uma vida que pode agora ser recuperada sob novas condições; são, por isso, cruciais para reivindicação de dignidade. O conhecimento ancestral tem uma dimensão performativa; implica imaginar um passado que se afirma como o projeto. Um conhecimento que é nosso significa representar o mundo como nosso. Por outras palavras, a autoria do conhecimento é uma condição prévia para a autoria do mundo. (SANTOS, 2019, p, 197).

Constatam-se formas de pensar, produzir e exibir audiovisual baseadas em processos estruturais que possivelmente nunca teriam se concebido se não fossem apresentados por esses povos, processos que causam estranhamento nas culturas não indígenas. A exemplo disso temos o povo Muysca (*Muisqa*), localizados no altiplano andino da cordilheira oriental cundiboyacense, na Colômbia, onde necessariamente antes de adentrar a registrar locais naturais, deve-se render uma permissão à Chiminigagua, porque cada ser ali plantado é uma deidade. Já no local, se houver a presença de nascedouros de água, lagoas ou poços, o pedido de

---

<sup>12</sup> No original: “La violencia de la representación llevada a cabo por los medios y la necesidad de contar con espacios propios de enunciación, hicieron que el acceso a los medios de comunicación se convirtiera en una demanda de los pueblos y nacionalidades indígenas en un contexto en el que la exigencia del respecto a la diversidad cultural y la gestión de la especificidad étnica se sumaron a otras demandas de orden económico y material.”

permissão deve ser direcionado a Bachué ou Furachogua, mãe da criação nascida das águas. Já no caso dos povos indígenas Arhuacos, assentados na *Sierra Nevada de Santa Marta*, ao norte colombiano, toda produção, principalmente imagética, deve passar pelos *Mamos*, ou conselheiros e conselheiras mais velhos da comunidade para sua avaliação, aprovação e ritual de selamento<sup>13</sup> antes de poder dar continuidade ao tratamento do material, pela defesa de que pensamentos<sup>14</sup> podem ser levados junto às imagens. Para os Kumuã Ye'pamahsã do Alto Rio Negro, na região do Noroeste Amazônico, os peixes são considerados sujeitos ancestrais<sup>15</sup>, qualquer tipo de registro feito tem que ser tratado com a devida atenção e cuidado.

Já no caso do povo indígena Xukuru do Ororubá, localizado na zona rural do agreste pernambucano na cidade de Pesqueira no Brasil, tem-se o hábito, por respeito, nos inícios de qualquer atividade que plasme sua espiritualidade, seja ela escrita, sonora ou visual, pedir força e bons direcionamentos a Pai Tupã e Mãe Tamain, protetora dos Xukuru, além dos encantados<sup>16</sup>. As perspectivas colocadas anteriormente, estimam que

O surgimento de culturas audiovisuais não ocidentais supõe uma oportunidade única para desconstruir (nosso) olhar ocidental e nos obriga a fazer reorientações epistemológicas no momento de trabalhar com materiais áudio (e) visuais. (MINGO, 2016, p. 130. Tradução Pessoal)<sup>17</sup>.

Como a produção é realizada de maneira autogestionada, feita pelo povo, podemos falar em expressão ativa da comunicação, ou seja, o sujeito participa ativamente dos processos comunicacionais que o envolvem, produzindo novos sentidos a ela e reivindicando sua própria identidade. Esta maneira de fazer comunicação também possui uma dimensão socioeducativa que possibilita o sentimento de pertencimento e permite que os sujeitos desenvolvam habilidades capazes de interferir no mundo. Paulo Freire (2003) defendeu a inserção das mídias como ferramenta nos processos de aprendizagem e conhecimento não só na escola

---

<sup>13</sup> No ritual, os *Mamos* selam os pensamentos contidos no material audiovisual gravado por meio de pedido em cantigas feitas na língua própria, seguido de oração de benção aos encantados. Fonte: A autora, observação em Minga Indígena do Norte (Colômbia 2010).

<sup>14</sup> Na cultura dos povos Arhuacos, os pensamentos têm uma grande relevância, da concepção deles deve emanar: o equilíbrio, a simetria e as leis de conservação como princípio básico da ordem no universo.

<sup>15</sup> Recomenda-se ler o livro de João Paulo Barreto Yepamahsã: "Waimahsã: peixes e humanos".

<sup>16</sup> Espíritos sagrados que habitam na mata e cuidam do território sagrado. Toda pessoa que morre, encanta e volta ao território a brindar força aos irmãos.

<sup>17</sup> No original: *El surgimiento de culturas audiovisuales no occidentales supone una oportunidad única para desconstruir (nuestra) la mirada occidental y nos obliga a hacer reorientaciones epistemológicas a la hora de trabajar con materiales audio(y)visuales.*

como na sociedade, atentando a sempre ser críticos diante delas. Isto apontaria a teses políticas no sentido de quebra de manutenção de padrões coletivos, promovendo transformações sociais profundas. Concordando com estes apontamentos, Cicilia Peruzzo (2009) comenta que

A participação ativa do cidadão na feitura da comunicação, ou seja, na criação, sistematização e difusão de conteúdos e nos demais mecanismos inerentes ao processo comunicativo também é educativo porque possibilita que a pessoa sinta sujeito, e, como tal, se desenvolva intelectualmente, aprenda a compreender melhor o mundo e seja capaz de interferir no seu entorno e na sociedade como um todo, visando assegurar o respeito aos direitos humanos. (PERUZZO, 2009. p. 42).

A história da comunicação indígena na Abya Yala<sup>18</sup>, no Nupirau<sup>19</sup> ou América latina é uma história de decolonização da imagem, da linguagem audiovisual e dos processos em si. A tarefa direta ou indiretamente é, de forma paulatina, dar fim ao regime de dominação audiovisual imposto pela colonização, que se moldou forçadamente com olhares, vozes e perspectivas unilaterais, e hoje, esses relatos estão sendo desconstruídos pelos próprios sujeitos representados. Esta história veio da mão de processos de conquistas de direitos e do espaço comunicacional que foram e seguem sendo realizados de forma gradual, com episódios baseados em lutas populares, em resistência, para a manutenção e em resiliência diante das adversidades para evitar retrocessos.

Os povos indígenas possuem pautas urgentes que são historicamente negligenciadas pelos grandes meios de comunicação. Por isso, ao investir de poder sujeitos subalternizados que desafiam a violência da representação, e ao utilizar uma matriz epistemológica própria, desvinculada do imaginário ocidental, nasce um singular modelo de comunicação na forma cultural dos povos indígenas, enraizado num contexto de resistências aos ataques dos direitos constitucionais, à homogeneização cultural e comunicativa, ao extermínio e abandono, plantados na resiliência e na defesa de uma comunicação múltipla, abrangente, democrática e popular, a comunicação comunitária indígena, uma comunicação perspectivada.

---

<sup>18</sup> Denominação da América Latina pelo movimento panindígena latinoamericano. Na língua Kuna significa: "Terra em plena maturidade"

<sup>19</sup> Denominação da América Latina na língua Muysca, significa: "Por onde tem grandeza e abundância de água que se expande pelas raízes"

## 2.4 ESTADO DA ARTE E SUA PARTICULARIDADE

Com a finalidade de aprofundar sobre a comunicação comunitária indígena, e saber como pesquisadoras e pesquisadores científicos vinham abordando o tema no Brasil, o estado das discussões e como poderia localizar-me e aportar para o avanço das mesmas, iniciei com empolgação uma grande busca nas diferentes bibliotecas virtuais, plataformas e portais de periódicos inicialmente com recorte de cinco anos de publicação, levando em conta que minha busca começou no primeiro semestre de 2021, as fontes de pesquisa para o referencial teórico que deveria levar em conta teriam que ser a partir de 2015. Uma pequena base já tinha sido encontrada e catalogada por mim, sendo pesquisas unicamente internacionais.

Um dos portais mais importantes do Brasil é o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi o primeiro a ser consultado, assim que entrei me deparo com algumas estatísticas que me deixam ainda mais vibrante,

O acervo do Portal de Periódicos chegou a 26.372 títulos com textos completos e 130 bases referenciais e de resumos, em 2010. Além disso, a quantidade de instituições participantes subiu para 311, consolidando uma das maiores bibliotecas virtuais do mundo, oferecendo conteúdos fundamentais para a pós-graduação e a pesquisa brasileiras. (www.gov.br)<sup>20</sup>

O primeiro assunto a procurar foi “comunicação comunitária indígena” escrito entre aspas para que o site me lançasse em resultado as três palavras juntas, com a surpresa de encontrar zero resultados para o assunto pesquisado, a seguinte busca foi a palavra “etnomídia”, lançando um (1) artigo publicado na Revista Observatório em 01.04.2020 como resultado:

a. “ETNOMÍDIA INDÍGENA: discurso e conflitos de representação do Covid-19 no Portal do CIR”, de Bryan Chrystian da Costa Araújo (UFRR) e Vilso Junior Santi (UFRR). Reflete sobre as práticas etnomidiáticas levadas a cabo pelo portal do Conselho Indígena de Roraima (CIR) durante a pandemia do Covid-19, a fim de entender como a organização constrói sentidos sobre a doença, concluindo a partir da emergência sanitária intensificada que já estava vivendo o povo Yanomami, a necessidade essencial de considerar a relação das comunidades indígenas com a comunicação midiática e o papel representativo da etnomídia na construção dos discursos. Confirmando que seu veículo comunicacional, o portal do CIR se posiciona nesse campo utilizando os princípios da Etnocomunicação indígena em sua busca por novos regimes de visibilidade, combinando aspirações ético-filosóficas, geográfico-territoriais e etno-políticas.

---

<sup>20</sup> O Portal de Periódicos da Capes pode ser acessado no link <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/portal-de-periodicos-reune-o-melhor-da-producao-cientifica-mundial> Acessado em 15.01.2023.

Meu primeiro contato com um texto que trata sobre a construção de discurso através do debate coletivo tive nesta pesquisa, já o enfoque do artigo girou em torno da parte organizacional da etnia, pois a particularidade da situação pela qual os Yanomami estariam passando, criou um objetivo específico para o veículo no momento, que era empregar o dispositivo comunicacional como forma de contato e mobilização de diferentes etnias e comunidades da região.

Prossigui a busca com algumas palavras sinônimas que puderam me levar perto do tema, assim encontrei: 1- etnomídia indígena (2); 2- decolonialidade (1) e - etnocomunicação (1), todos levando-me ao mesmo artigo anteriormente descrito e a um novo:

b. “ETNOMÍDIA INDÍGENA COMO NARRATIVA DAS RESISTÊNCIAS” de Vinícius Guedes Pereira de Souza (UFMT) e Raylson Chaves Costa (UFMT). Neste artigo, os autores desenvolvem pesquisa bibliográfica no campo da comunicação de-colonial com práticas etnomidiáticas indígenas e da análise imagética de produto audiovisual, especificamente do Povo Terena em Mato Grosso do Sul (MS) e seu papel no combate às estratégias para invisibilizar a presença de seus corpos no estado. Essa pesquisa foi inspirada pelo filme “Primeira Cavalgada Indígena – Grito dos Excluídos”, do realizador Angelo Terena, que trabalha com audiovisual desde os 15 anos de idade, criando imagens autônomas sobre seu povo.

Encontrei esta fonte muito rica, uma vez que se apresenta majoritariamente de forma teórica, me permitiu coletar autores que trabalham com decolonialidade desconhecidos por mim até o momento e que viriam a se tornar um marco nesta dissertação, a exemplo de Erick Torrico e Anibal Quijano. Referente ao viés dado na pesquisa sobre a etnocomunicação, a mostra em relação ao povo indígena Terena foca na sabedoria, ressaltando as produções atravessadas por conhecimentos indígenas e, especialmente, pela luta que sua comunidade enfrenta.

Ao ir percebendo a falta de escritos sobre o tema e um pouco frustrada com a expectativa que tinha criado, entendi que estaria adentrando num tema muito rico e pouco trabalhado até o momento, decidi fazer a busca mais rústica da academia, no *google academic*, procurando comunicação comunitária indígena, encontrei dois resultados, o primeiro uma tese de doutorado publicada em 23.02.2017 pela Univerdidade de Brasília:

c. “A BUSCA PELA PALAVRA ROUBADA: Estratégias de comunicação e articulação de povos e nacionalidades indígenas na Amazônia equatoriana” de Maria Luiza de Castro Muniz. O título da tese consegue sintetizar bem o recorte tratado, um percurso pelas conexões e vínculos comunitários entre a palavra e o território acompanham a resistência às atividades petroleiras na região onde habita o povo Cotopaxi.

O apontamento principal da tese se centra no uso da comunicação como ferramenta de recuperação de identidade e fortalecimento cultural, o que chama de palavra concedida/ recuperada, “serpenteio” e palavras de re-existência ou palavras liberadas. A utilização também da comunicação comunitária como ferramenta de luta pela reivindicação dos direitos, neste caso pelo território e o bom uso dos recursos naturais, equilíbrio e harmonia com a natureza. Esta pesquisa se torna difícil de sintetizar em um parágrafo, pois teve um trabalho muito detalhado e complexo por trás da tese na íntegra. Algo que me chamou muito a atenção foi a entrega que a autora faz no trabalho de campo e sua capacidade de particularizar os pormenores de cada atividade ou situação, sem dúvida um olhar atento que me inspirou no campo. É um orgulho chegar ao final e compreender que o trabalho de quatro anos na comunidade resultou em ações afirmativas, resistência à retirada de território e coerção coletiva dentro da comunidade, talvez seja a esse impacto que me refiro quando insisto nesta pesquisa em estudar os processos que se geram através da comunicação feita pelas e para as comunidades indígenas.

Do 4 ao 9 de outubro de 2021 tive a oportunidade de participar do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação com um artigo que intitulei “Comunicação Comunitária Indígena: o caso do Ororubá Filmes no povo Xukuru do Ororubá” e que tive a honra de apresentar no GP “Comunicação Para a Cidadania” coordenado pelo professor Pablo Nabarrete Bastos, da Universidade Federal Fluminense, a quem conheci no evento e virou referência, além de estar pela primeira vez com um trabalho autoral junto a duas mulheres que já compunham minhas referências bibliográficas, Raquel Paiva e Cicilia Peruzzo. Ali, antes da minha vez, apresentou seu trabalho a pessoa com a qual mais identifico minha pesquisa pela afinidade e cercania do tema, Letycia Gomes Nascimento, da Universidade Fluminense, que na oportunidade falava sobre “#PL490NÃO: A atuação da @APIBOFICIAL no Twitter contra o Marco Temporal: perspectivas socioculturais pela preservação ambiental”, mas que em trocas posteriores conheceria sua dissertação de mestrado:

d. “Etnocomunicação indígena como prática de liberdade decolonialista e ancestral na formação comunicativa da Webrádio Yandê” publicada em 2020. A discussão que eu incorporei na área de comunicação está alinhada com esta dissertação, ela trata aqui sobre a formação comunicativa da Web rádio Yandê junto à etnocomunicação indígena e suas interfaces na comunicação comunitária e cidadã que desenvolvemos, debruçados nas influências cotidianas.

A proposta de Letycia foi a de sugerir a construção de modelos de sociabilidade e ritualidade comunicativa das comunidades originárias sem chegar a alguma definição, o que hoje eu enxergo como comunicação perspectivada.

Estamos definitivamente diante de uma temática pouquíssimo explorada, com falta de referências e fontes bibliográficas. Para se ter uma ideia, esta pesquisa é a primeira dentro do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco a tratar sobre Comunicação Comunitária Indígena, mas acredito que não será a última, pois hoje lutamos para que o ingresso de pessoas indígenas, quilombolas e ribeirinhas seja cada vez mais recorrente no curso. A falta de pesquisas relacionadas à temática trabalhada denuncia a falta de inserção e permanência de estudantes indígenas na academia, uma luta com a qual contribuo todos os dias com o fim de mudar as estatísticas e fazer da universidade um ambiente mais inclusivo e equitativo, como diz Boaventura, um lugar onde a pluridiversidade seja protagonista.

Da catalogação de autoras e autores com trabalhos bibliográficos mais referenciados, entre o mais importantes para este texto, encontramos:

**Quadro 1** – Catalogação de autores e temáticas mais relevantes para esta pesquisa

<b>Temática</b>	<b>Autor</b>
Decolonialidade	Anibal Quijano
	Boaventura de Sousa Santos
	Erick Torrico
	Rita Segato
	Enrique Dussel
Comunicação Comunitária	Raquel Paiva
	Cicilia Peruzo
Epistemologia	Muniz Sodré
Análise ancestral	Ailton Krenak
	David Kopenawá
Audiovisual Indígena	Elisa Garcia Mingo
	Tornay Marquez
Representações sociais	Stuart Hall
	Moscovici

Fonte: A autora (Janeiro/2023).

## 2.5 RADIOGRAFIA DO POVO INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ

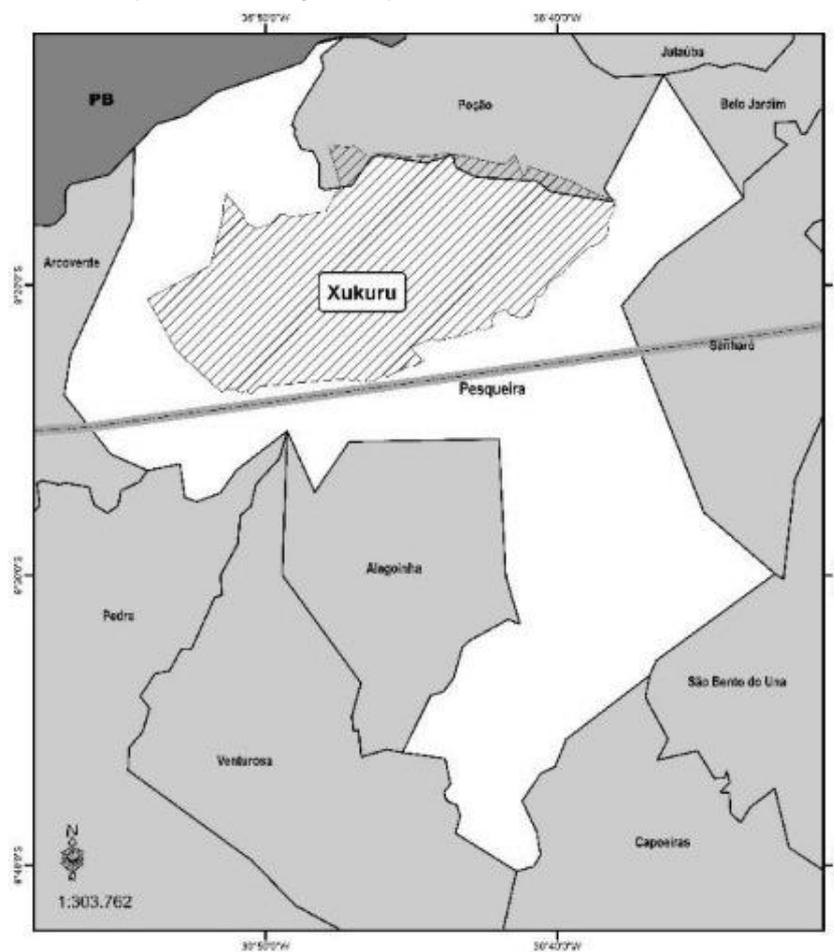
O povo indígena Xukuru do Ororubá está localizado na zona rural do agreste pernambucano, no município de Pesqueira e parte de Poção. O Território Sagrado da Serra do Ororubá está a 215 quilômetros de distância do município do Recife, capital do estado. Segundo dados da Fundação Nacional da Saúde, seção do Sistema de Informações da Atenção à Saúde Indígena (FUNASA/SIASI)<sup>21</sup>, a etnia conta com aproximadamente 12 mil indígenas divididos em 24 aldeias, além dos não aldeados, que moram na cidade de Pesqueira, sobretudo no bairro “Xukurus”. A demarcação do território atualmente conta com 27.555 hectares, iniciada na segunda metade do século XX e homologada em 2001.

Uma cadeia montanhosa abraça o Território Sagrado e contribui com as condições hídricas que dão fertilidade às terras da Serra do Ororubá. Rios, lagoas e pequenas cachoeiras fazem parte da biodiversidade do lugar.

---

<sup>21</sup> Para mais informações acessar ao link <http://www.funasa.gov.br/> . Acessado em 10.11.2022.

**Figura 1** – mapa de localização do povo Xukuru do Ororubá em Pernambuco



Fonte: (ARAÚJO, 2021. p, 78)

**Quadro 2** – Listagem das aldeias do Território Sagrado Xukuru do Ororubá

1. Caípe
2. Sucupira
3. Guarda
4. Mascarenhas
5. Cajueiro
6. Pão de Açúcar
7. São José
8. Jatobá
9. Capim de Planta
10. Vila de Cimbres
11. Curral Velho
12. Pé de Serra dos Nogueira
13. Canabrava
14. Couro d'antas

15. Pé de Serra de São Sebastião

16. Pedra d'água

17. Brejinho

18. Caldeirão

19. Passagem

20. Santana

21. Caetano

22. Afetos

23. Lagoa

24. Pé de Serra do Oiti

Fonte: Elaboração própria. Novembro/2022.

Os Xukuru vêm disputando, há muito tempo, o controle de suas terras. Da memória oral Xukuru obtemos também histórias sobre a participação dos Xukuru na Guerra do Paraguai, bem como participação em rebeliões no Estado, como foi o caso da Cabanada, guerra ocorrida entre 1831 e 1834. Os Xukuru sempre estiveram presentes no cenário político local, seja utilizando a estratégia de se aliar ao poder público, como na guerra do Paraguai, seja confrontando esse mesmo poder público, como na rebelião da Cabanada. (NEVES, 2005. p, 54).

O povo Xukuru do Ororubá trava uma luta histórica contra o extermínio da sua cultura e da comunidade desde a colonização ocorrida por parte de Portugal à extensão territorial do nordeste do Brasil, que começa em 1654 “quando o rei de Portugal fez doações de grandes sesmarias de terras a senhores de engenho do litoral para criação de gado” (SILVA, 2007. p, 90). A partir disso, a prática de hostilização foi se intensificando por parte dos novos fazendeiros que chegavam constantemente na região, assim se espalharam as lutas e mobilizações por parte da comunidade indígena. A mobilização coletiva deste povo, diante de tantas atrocidades e em prol da resistência, se converteu em agenda fixa, registrando diferentes formas de reivindicação ao decorrer da sua história,

Um abaixo-assinado de “índios da extinta Aldeia de Cimbres”, contendo 192 assinaturas foi enviado, em 1885, ao Presidente da Província de Pernambuco. No longo texto que antecede os nomes dos signatários, eles apelam para o senso de justiça da autoridade provincial, pedindo providências para “fazer cessar as perseguições de que são vítimas”. Informavam os índios que as terras públicas, onde eles se encontravam, estavam sendo invadidas por “verdadeiros intrusos”. Os índios se ocupavam “exclusivamente do trabalho da agricultura” para se manter e denunciavam as invasões das terras por fazendeiros. A exemplo de um fazendeiro que, fugindo da seca na Paraíba, ocupara uma das áreas mais férteis na Serra do Ororubá, com seu gado destruindo as roças dos indígenas que, por serem pobres, estavam sendo explorados e não eram ouvidos em suas queixas pelas autoridades policiais. (SILVA, 2011. p 183)

O Cacique Francisco De Assis Araújo, mais conhecido como “Cacique Xikão”, se converte na maior liderança para o povo da Serra do Ororubá, pois foi através da sua visão, articulação política e organização social, que a etnia se torna progressivamente uma referência a nível nacional. A visibilidade tanto do Cacique Xikão como do povo Xukuru cresce quando, pela primeira vez, participa na campanha da constituinte em 1980, quando então ocupava o posto de Vice-cacique, estando presente para garantir a inclusão dos direitos dos povos originários e as reivindicações na nova constituição que posteriormente seria lançada em 1988, ano em que é eleito Cacique do Povo Xukuru do Ororubá. Um ano depois, em 1989, foi iniciado o processo jurídico da demarcação do Território Sagrado na Procuradoria da República do estado, processo liderado também pelo Cacique Xikão, desatado pela venda de terreno subsequente à Serra do Ororubá para Agropecuária Vale do Ipojuca S.A. (NEVES, 2005. p, 55), e que teria conclusão, como já falamos acima, em 2021.

Desse modo, procuramos situar como a partir do seu processo de territorialização, a partir do final dos anos 1980 e início da década de 1990, os Xukuru se articulam e são reconhecidos como sujeitos coletivos de direitos que, através de sua organização política, elabora normas de convivência entre os membros do grupo e as aplica. O processo de territorialização se constitui, pois, não apenas no elemento fundamental para etnogênese dos povos indígenas, mas na afirmação da autonomia desses grupos étnicos frente ao Estado (CALHEIROS, 2017. p, 142).

Em 20 de maio de 1998, o Cacique Xikão sofre um atentado em Pesqueira, no bairro Xukurus, após vir recebendo ameaças por parte dos fazendeiros da região, incomodados com o movimento político levantado. O assassinato da liderança causa comoção a nível internacional, dentre outros motivos, por sua relevância nas reorganizações políticas como nas lutas pelos direitos indígenas. Assim, o Cacique é “plantado”<sup>22</sup> pelo seu povo na aldeia Pedra D’Água, e a cada ano é homenageado dentro das Assembleias do Povo Xukuru numa caminhada feita pela etnia inteira desde a Aldeia São José, no Território Sagrado, até o bairro Xukurus na periferia da cidade de Pesqueira, no “Ritual do Manifesto”. A assembleia anual Xukuru é um espaço sagrado que se torna a instância de organização, troca e produção de conhecimento mais importante para a etnia, sendo aberta a participação de outras etnias e de pessoas não indígenas. É o ritual mais conhecido do povo da Serra do Ororubá. O forte legado do Cacique Xikão Xukuru na comunidade pode ser observado

---

<sup>22</sup> Para os Xukuru do Ororubá, o Cacique “Xikão” está plantado, não enterrado, para que dele nasçam novos guerreiros. Essa expressão foi utilizada por Dona Zenilda, esposa do líder, durante o funeral. (ARAÚJO, 2021. p, 78)

na estrutura da organização política, projeto ao qual dedicou a maior parte da vida junto com o Pajé Zequinha.

Embora a organização política dos Xukuru anterior ao atual processo de territorialização fosse constituída de cacique, pajé e três representantes nomeados pela FUNAI, estes não desempenhavam qualquer função na resolução dos seus conflitos internos. A construção desse novo processo organizativo e a necessidade de criação de normas internas de convivência foi assim explicitada pelo pajé Zequinha ao lembrar seu diálogo com o então cacique Xikão Xukuru: Ele disse: “Pajé quando essa terra tiver toda nas nossas mãos, como é que nós vamos fazer?”. Eu digo, Xikão, é muito fácil. Ele disse: é muito fácil, mas como? Aí eu disse, três coisas: trabalhar, morar e criar, porque ninguém tem nada, todo mundo tem e ninguém tem nada. Xikão, se nós destrinchar um pedacinho de terra pra cada um vai ser a mesma coisa ou pior, porque eles vão vender e nós fazendo isso aí ninguém pode vender. Ele disse: você pensou numa ideia boa. Eu disse: você tira desse pessoal aonde tem esses lotes, que venderam tudinho, e depois vai fazer de novo. Ele disse: é mesmo, mas e agora, pra nós dois resolver, nós dois resolver essa comunidade todinha? Eu disse é fácil, é em cada setor nós botar um Representante em cada setor, aqui que nós estávamos, em Pedra D’Água, Canabrava, Brejinho, em todo o canto um Representante, porque nós não pode ir lá diariamente e esse Representante que está lá, está vendo seu povo, conversando com seu povo, saber o que eles querem e depois esse Representante chega até nós e nós vamos resolver. Ele disse: nós dois? Eu disse não, agora nós vai fazer uma Comissão Interna por que no meio dessa Comissão é que vai saber o que vai fazer, como é que vai fazer, aonde é que se vai trabalhar, onde que vão criar, onde é uma morada. É muito fácil, mas não destrinchando por que destrinchando vai ficar a mesma porcaria ou pior. Aí ficou, trabalhemos muito, levantemos a Comissão e eram doze homens, que eram os mais velhos, que era pra ter uns conselhos pra dar, pois Xikão morreu e tem a Comissão até hoje. (Pajé Xukuru, 09/08/10, grifo nosso) (CALHEIROS, 2017. p, 145)

Na continuação, descreveremos no “Quadro 1 – Relação das instâncias de organização sociopolítica do povo Xukuru do Ororubá”, de forma simplificada, cada uma delas.

**Quadro 3** – Relação das instâncias de organização sociopolítica do povo Xukuru do Ororubá

<b>Cacique</b>	Marcos (Marquinhos)	Líder político maior
<b>Vice cacique</b>	Redisanta	Suplência na ausência do cacique
<b>Pajé</b>	Zequinha	- Liderança religiosa - Mediador da relação entre o povo Xukuru e os encantados, entidades sagradas - Figura que representa o consentimento da natureza sobre as decisões tomadas na aldeia

<b>COLETIVOS</b>	<b>ACRÔNIMO</b>	<b>MEMBROS</b>	<b>ATRIBUIÇÕES</b>
<b>Comissão Interna</b>		- Composta por pessoal indicado pelo próprio cacique ou pajé.	- Frequentam reuniões mensais para discutir as demandas trazidas pelos representantes das aldeias. - Responsáveis por destinar a função da terra a partir das diretrizes: Morar, trabalhar e criar
<b>Coletivo de Lideranças</b>		- Conselho formado por líderes Representantes de cada aldeia	- Atendem as demandas das aldeias e as repassam para a comissão interna ou em maior instância ao próprio cacique, de modo a tomar decisões unificadas e centralizadas - Se reúnem para debater acerca dos processos de demarcação do território - Encarregados de garantir a permanência do território através do pleno exercício das diretrizes.
<b>Associação da Comunidade Indígena Xukuru do Ororubá</b>	ACIXO	- Kleber Xukuru - Silvinha	- Responsáveis pela atuação jurídica da aldeia - Conduzem as negociações de contratos e convênios com entidades governamentais ou ONG's, afim de prestar serviços que atendam às demandas da comunidade.
<b>Coletivo indígena de saúde Xukuru do Ororubá</b>	CISXO	- Composto por representantes de todas as instâncias de organização e Profissionais de saúde - Everton	- Conselho de saúde local que articula as demandas dos povos Xukuru referentes à saúde da comunidade.
<b>Coletivo de mulheres indígenas</b>		- Mulheres Xukuru voluntárias - Silvinha	- Articulação para pautar políticas públicas voltadas às mulheres Xukuru
<b>Conselho de professores indígenas</b>	COPIXO	- Coletivo criado em 1997, composto por 14 professores	- Coordena, organiza e orienta a educação nas aldeias Xukuru - O PPP (projeto político pedagógico) é chamado de "Plantando a memória do

<b>Xukuru do Ororubá</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eduardo Feitosa</li> <li>- Silvinha</li> </ul>	nosso povo e colhendo os frutos da nossa luta” e possui os eixos: terra, identidade, história, interculturalidade e organização.
<b>Organização de Juventude Xukuru de Ororubá</b>	Poyá Limolaygo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Composto em maior parte por estudantes</li> <li>- Micaele Xukuru</li> <li>- Guila</li> </ul>	- Articulação de juventude da comunidade
<b>Produtora Audiovisual</b>	Ororubá Filmes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Voluntários interessados no trabalho audiovisual, geralmente formados em oficinas promovidas pela própria produtora</li> <li>- Micaele Xukuru</li> <li>- Diego Xukuru</li> <li>- Kleber Xukuru</li> <li>- Ruan</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Comunicação comunitária indígena do povo Xukuru do Ororubá</li> <li>- Transmitem assembleias e noites culturais ao vivo pelas plataformas digitais</li> <li>- Produzem e divulgam conteúdos de autorreferenciação</li> <li>- Administram as redes de comunicação do povo Xukuru</li> <li>- Ajudam a difundir e popularizar a cultura do povo Xukuru do Ororubá</li> </ul>
<b>Coletivo de agricultura</b>	Jupago Kreka	- Agricultores que produzem dentro das terras demarcadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criado em 2004</li> <li>- Integra o centro de agricultura Xukuru de Ororubá (CAXO)</li> <li>- Fornece para a Casa de Sementes Mãe Zenilda, a Casa da Cura e Cozinha Tradicional, também integrantes do CAXO.</li> <li>- Agricultura de retomada denominada de agricultura “modo de vida”</li> <li>- Também chamada de agricultura ancestral, agricultura tradicional ou agricultura do sagrado.</li> <li>- Promoveu, junto a ACIXO, um projeto de recuperação da vegetação nativa, a partir do espaço CAXO, garantindo a preservação da agrobiodiversidade local por meio da prática da agricultura do</li> </ul>

			sagrado. O projeto foi aprovado pela FUNAI/PNUD
--	--	--	---

Fonte: Elaboração própria (julho/2022).

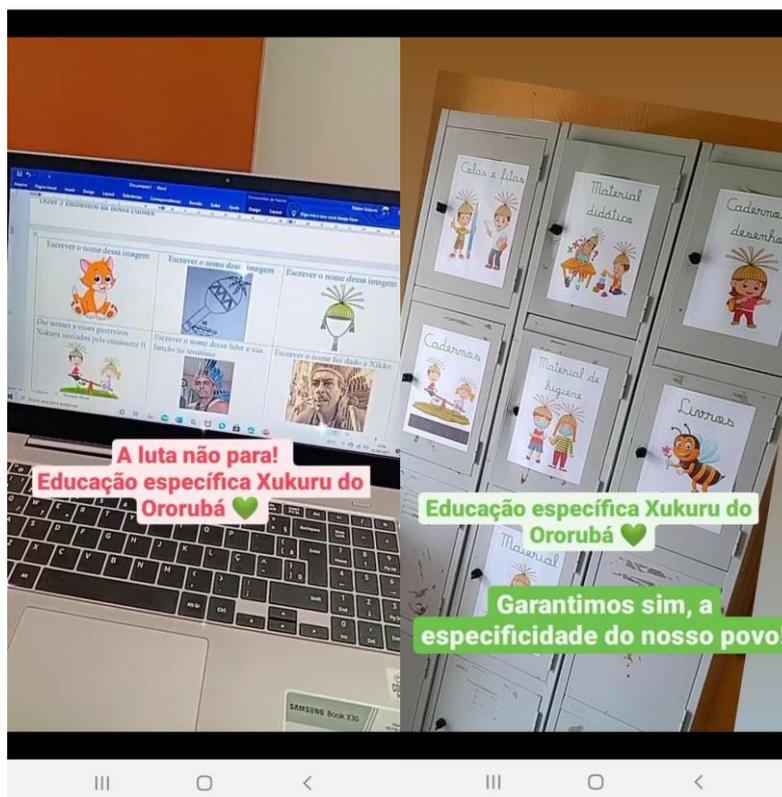
O atual Cacique, Marcos Luidson de Araújo, mais conhecido como “Cacique Marquinhos Xukuru”, assume a liderança com apenas 21 anos de idade nos anos 2000, após o assassinato do seu pai, o Cacique Xikão. Dando continuidade ao projeto de luta e resistência do povo Xukuru do Ororubá, Cacique Marquinhos se torna uma referência contemporânea na luta dos povos indígenas a nível internacional, principalmente após levar o Brasil ao banco dos réus na Corte Interamericana de Direitos Humanos em Guatemala, pela violação aos direitos humanos do povo Xukuru, ganhando a sentença em 2018.<sup>23</sup>

Outro projeto de referência executado desde a década dos anos 90 e que toma força progressivamente é o educacional, com o objetivo de pensar uma educação diferenciada, que leve em consideração a especificidade étnica, é um marco para a comunidade na reafirmação e recuperação de identidade. O povo Xukuru tem o idioma português como língua oficial, no entanto, dispõem de 800 palavras na sua língua original, o Brobo. A educação específica (perspectivada) desde a tenra idade dentro da etnia é o foco fundamental do projeto na atualidade, como podemos ver na seguinte figura, retirada do *Instagram* de Mikaele Xukuru, professora de ensino fundamental no Território Sagrado e integrante da Ororubá Filmes.

---

<sup>23</sup> A informação do caso na íntegra pode lida no link de Cimi- <http://www.cimi.org.br> . Acessada em 10.11.2022.

**Figura 2** – Capturas de tela do material educacional perspectivado utilizado no ensino fundamental pelos professores indígenas Xukurus



Fonte: Retirado do instagram de Mikaele Xukuru @mikaxukuru. (2022)

A natureza sagrada é um dos pilares das crenças da etnia, afirmando sua procedência e retorno a ela no percurso da existência. Ao longo do Território Sagrado, podemos encontrar vários terreiros, onde são desenvolvidos alguns rituais religiosos para a celebrar a conexão com os encantados.<sup>24</sup> Os lajedos também são espaços sagrados onde podem ser encontradas grandes pedras lisas que mantêm a presença dos encantados.

Um dos aspectos mais importantes da cosmologia Xukuru refere-se à forma como se relacionam com o sagrado. A crença na natureza sagrada faz com que os Xukuru realizem rituais - chamados de pajelança - nas matas, nos lajedos e nos olhos d'água, por considerarem esses locais o espaço onde os caboclos e encantados estão naturalmente presentes. A pajelança pode ser feita por vários motivos, desde a cura de alguma enfermidade até a

<sup>24</sup>Para os indígenas, os Encantados ou Encantos de Luz, são os seres que tanto podem ser divindades, energias habitando as matas, os rios, as árvores, as pedras, como podem ser os próprios indígenas que, não habitando mais o plano físico, encontram-se no plano espiritual. Comumente, os Encantados estabelecem diálogos durante os rituais de pajelança, ao incorporarem nos indígenas, sobretudo nas mulheres. O Cacique "Xikão" é um dos Encantados mais reverenciados pelos Xukuru do Ororubá, pela sua trajetória de liderança na luta em defesa dos direitos do seu povo e de retomada do território habitado pelos indígenas. (ARAÚJO, 2021. p, 45).

confirmação, pelas próprias forças da natureza, de alguma liderança política. (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL).<sup>25</sup>

Nos torés<sup>26</sup> se entoam e dançam músicas de louvor que falam sobre as divindades do sistema cosmológico Xukuru. “Reis encantados como Orubá, Canaã e Jericó são evocados nessas ocasiões, assim como são feitas louvações ao Pai Tupã, à Mãe Tamaín e ao Senhor São João.” (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL). Mãe Tamaín ou Nossa Senhora das Montanhas, que pertence à própria natureza e Pai Tupã.

A relação com o sagrado, evidenciada no Toré, se consolida principalmente na figura do pajé, conhecido na literatura antropológica como xamã, mediador entre o mundo dos homens e o mundo dos espíritos. O pajé é o principal mediador no sistema cosmológico Xukuru. Ele responde não apenas pelo aspecto sagrado, mas também participa das decisões políticas, da organização social e principalmente da cura. O pajé detém um poder que se estende, além dos domínios físicos, mas que atua primordialmente na esfera humana; um poder que precede inclusive ao poder do próprio cacique. Nenhuma decisão é tomada sem o consentimento das forças da natureza que se expressam através do pajé. Há cerca de quarenta anos, Seu Zequinha (Pedro Rodrigues Bispo) exerce esse papel entre os Xukuru.

A economia do povo Xukuru do Ororubá atualmente é diversificada, mas dentro dos principais ofícios encontramos a agricultura, com plantações majoritariamente de milho, feijão, macaxeira e hortaliças. Estes alimentos, produzidos através da “Agricultura Ancestral Indígena”, são centralizados nas relações que se tem entre a natureza e a espiritualidade. Sua comercialização se faz através da feira orgânica de Pesqueira, outras vezes nas feiras orgânicas itinerantes nos municípios em volta. A prática agropecuária é menor, mas ainda é comum, atribuindo-se à criação de gado leiteiro e cabras.

Como movimentos culturais, podemos encontrar vários grupos de coco que incluem nos repertórios parte dos seus torés. Grupo de pífano, poetisas de cordel,

<sup>25</sup> A informação na íntegra pode lida no link de Povos Indígenas no Brasil - <https://pib.socioambiental.org/> . Acessado em 11.11.2022.

<sup>26</sup> O Toré é um elemento fundamental no sistema cosmológico Xukuru. Enquanto manifestação comum entre os índios da região nordeste do Brasil, o Toré possui várias classificações e significados. Entre os Xukuru, não podemos precisar exatamente a época em que se iniciou o Toré, enquanto performance. O que podemos identificar é que os viajantes e pesquisadores que estiveram na Vila de Cimbres, desde o início do século XX, fazem referência à “dança do Toré” que é executada por descendentes indígenas, durante as festividades nessa Vila. O significado do Toré para os Xukuru é polissêmico, ou seja, em alguns momentos, o Toré é um ritual; em outros, uma brincadeira, ou ainda uma dança que integra o ritual. (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL)

cantor de MPB, entre outros. No quadro a seguir visualizamos uma relação de alguns grupos que podem ser encontrados comumente nas atividades da etnia.

**Quadro 4** – Listagem de alguns movimentos culturais do povo Xukuru do Ororubá

<b>1. Jetuis e Jetuíssima de Mandarú</b>	Banda de Pífano/ Aldeia Canabrava
<b>2. Sergio Amaral</b>	Cantor
<b>3. Flor de Jurema</b>	Grupo de coco Aldeia Cimbres
<b>4. Osmar Galindo</b>	Poeta
<b>5. Pandeiro do Mestre</b>	Grupo de coco/ Nilton
<b>6. Hálisson Xukuru</b>	Músico MPB
<b>7. Toype do Ororubá</b>	Grupo de coco
<b>8. Maracás do Ororubá</b>	Grupo de coco caetano/caípe
<b>9. Maira Tenório e Tainá</b>	Poetisas cordel
<b>10. Xener de Jurema</b>	Grupo de coco

Fonte: Elaboração própria (2022).

### 3 DIGA AO POVO QUE AVANCE: O PAPEL DA ORORUBÁ FILMES

“Eh, eh, eh, Orubá Tem um Reinado Encantado

Oi Pisa, pisa, quero ver pisar

Terreiro dos índios do Ororubá”

(*Toré Xukuru*)

Este capítulo se desdobra no veículo comunicacional do povo Xukuru do Ororubá, a Ororubá Filmes, desde sua ancestralidade, sua germinação e seu desenvolvimento através do tempo, passando por como os Xukurus se pensam no passado, no presente e no futuro baseando-se na sua própria experiência. Seguido a isso, encontraremos o trabalho de inspiração etnográfica, resultando num estudo de campo de oito meses, que consistiu em acompanhar as atividades da Ororubá Filmes fora e no interior do território sagrado do povo Xukuru do Ororubá. Aplicam-se técnicas mistas da etnografia para obter uma visão mais ampla e diversificada do trabalho do coletivo da Serra do Ororubá. A proposta é descrever nestas páginas, o trabalho perspectivado da Ororubá Filmes dentro da própria comunidade Xukuru, e também fora dela. Procuramos saber a influência que permeia as outras etnias por parte da produtora audiovisual, levando em conta o contexto histórico atual e sua estruturação, além da influência e dos processos que gera dentro da sua mesma comunidade.

#### 3.1 ORORUBÁ FILMES: COMUNICAÇÃO PERSPECTIVADA DO POVO INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ

Como percebemos no capítulo anterior, o povo indígena Xukuru do Ororubá consegue estabelecer uma exitosa organização educativa e sociopolítica dentro da sua comunidade. Para chegar à estância do processo em que se encontram hoje, o percorrido foi longo, difícil e doloroso, ainda hoje exige atenção e muita força. O diretor pernambucano Nilton Pereira realizou em 1996 um documentário através da TV Viva e o Centro de Cultura Luiz Freire<sup>27</sup> em que mostra uma importante entrevista do Cacique Xikão, que comenta sobre o povo Xukuru do Ororubá, sua cultura e a luta que se travavam na época em prol da demarcação das terras e denunciando as ameaças que eram feitas contra sua vida. Trazemos um dos trechos mais significativos da fala do Cacique para começar a entender desde sua ancestralidade, onde a Ororubá Filmes se funda. Essa escolha foi feita primeiro porque o Cacique

---

<sup>27</sup> O documentário pode ser encontrado pela plataforma *YouTube* com o nome “Xikão Xucuru” (Dur. 20’15”) no canal da Tv Viva ou diretamente no link <https://www.youtube.com/watch?v=IMCzb0eLY7g>. Acessado em 20.01.2023.

Xikão como figura pública foi um orador e discursante bem sucedido, transmitindo e influenciando gerações inteiras através da força da palavra e, segundo, porque a juventude abraça a missão dada a eles.

Todo movimento de organização que a gente faz a partir da terra, educação, subsistência e saúde é na perspectiva de que no futuro, quando eu morrer ou os mais velhos aqui morrerem, as crianças que vem chegando, elas tome conta desse processo, não deixar isso cair, não deixar isso morrer, que continue porque o trabalho dele também vai ser a preparação do futuro do outro, os filhos dele, da outra geração que vai vir pela frente, então a preocupação nossa não é no momento atual e sim no futuro, porque nós pode fazer a nossa viagem eterna, mas as nossas crianças, os nossos, netos, filhos, eles precisam viver nessa terra e é preciso que a gente comece a prepará-los desde agora para eles irem acompanhando e deem seguimento e assim por diante. (Xicão Xukuru, 1996. 09'58").

O documentário mostra também os dias após o assassinato do Cacique Xikão, uma das lideranças indígenas mais respeitadas e seguidas do Brasil. Nele, podemos ver a consternação e revolta da etnia, do povo de Pesqueira e da população em geral. Na sequência, temos a fala de dona Zenilda, liderança e esposa do Cacique, para o povo Xukuru do Ororubá durante a cerimonia,

Acolhe teu filho mãe natureza, ele não vai ser enterrado, ele não vai ser sepultado e sim plantado para que dele nasçam novos guerreiros minha mãe natureza, ele vai ser plantado, assim como vivia embaixo da tuas sombras minha mãe natureza. (Xicão Xukuru, 1996. 17'20").

Dessa geração de crianças e adolescentes que aprenderam os direcionamentos e missão com o Cacique Xikão e as demais lideranças, e que viveram de perto os desafortunados acontecimentos de violência por parte dos fazendeiros para com o seu povo, é que nasce o coletivo audiovisual da serra do Ororubá. É essa geração que se converteu em lideranças indígenas e que desde 2008 constroi o veículo comunicacional do povo Xukuru que hoje conhecemos como a Ororubá Filmes, além de conformar outras instâncias de organização dentro da comunidade, entre eles encontramos, Diego; Micaele; Kleber; Ruan; Guila; Mirellyane; Everton, entres outros. Essa iniciativa audiovisual nasceu para envolver os jovens dentro das questões sociais de seu povo. Hoje, toda a produção midiática do coletivo é realizada majoritariamente pela própria juventude, que produz filmes documentários que circulam em Festivais e Cineclubes, também como conteúdo audiovisual para redes sociais, transmissões ao vivo de Assembleias e diversos vídeos realizados a partir de mobilizações, atos culturais, entre outras atividades ligadas à luta da etnia. Diego Xukuru, que fez parte fundação e até hoje se mantém ativo na produção da Ororubá

filmes conta em entrevista como foi o processo de início da produtora,

Em 2008, cento e vinte jovens teve o curso de audiovisual realizado pela Cabra Quente Filmes aqui, onde a gente ganhou, é, equipamento de audiovisual como câmera, computador de última geração da época, é, tripé, boom, e a gente foi capacitado. Na oficina a gente teve aula de roteiro, edição, direção, produção, câmera e áudio. Quando acabou a oficina, depois de seis meses, a gente lançou três documentários, que foi produto da oficina, que já era contando a história no nosso povo. Um sobre a religiosidade, outro sobre a criminalidade dentro do povo, que a gente sofria né, o processo de criminalização, e outro sobre a história da aldeia Cimbres. Após os seis meses de curso, após apresentação dos vídeos, a gente iniciou, a gente começou a registrar as nossas assembleias, rituais que tinha dentro do povo, os momentos do povo, criando arquivos de imagem e de história do nosso próprio povo. A gente também passou a visitar outras aldeias e registrar eventos também em outras aldeias, usando do audiovisual como ferramenta de luta também para o povo. E a gente, através do audiovisual, a gente registrava a nossa história, apresentava em outras aldeias, é... Naquele tempo não era muito forte rede social, mas a gente criava os DVDs pra distribuir pra os parceiros que vinham. A gente usava e usa ainda o audiovisual como, é, uma ferramenta também de divulgar um pouco de nossa história né? Divulgar a verdade de nossa história.

Eu não lembro de todos os nomes, assim, de jovens que tinham, que participaram nas aldeias. Mas quando a gente criou Ororubá Filmes, a ideia era essa mesmo. Era... A meta era registrar a história do nosso povo, dos mais velhos, deixar registrado toda a sabedoria deles, assim. Inclusive rituais né? A gente filmava a busca da lenha, a gente filmava eventos dentro da aldeia como forma de impulsionar a nossa luta. (DIEGO XUKURU, entrevista semiestruturada, 2023)

O povo indígena Xukuru do Ororubá possui um canal no *YouTube*, o “Ororubá Filmes” que conta com 4,5 mil inscritos, uma página homônima no *Facebook* com cerca de 7,7 mil curtidas e 8,6 mil seguidores, o *Instagram* com 4,4 mil seguidores e um *Podcast*, o “Ororubá Cast: um sinal de fumaça do povo Xukuru”, uma imagem metafórica que atualiza o sinal de fumaça como símbolo da comunicação indígena. Para os membros da comunidade, o objetivo de realizar essa produção é fazer uma Comunicação própria que envolva a população e transmita a perspectiva do povo Xukuru sobre fatos, atividades e cultura. A ideia é que povos tradicionais possam fazer comunicação sem interlocutores externos, uma estratégia vital para visibilizar direitos, ampliar as vozes e fazer resistência e enfrentamento ao monopólio da mídia hegemônica, colaborando no processo de descolonização do olhar ocidental sobre estes povos. Este gesto colabora com a expansão da multiplicidade de discursos e visões de mundo, além de colaborar para a autorrepresentação dos sujeitos, a defesa da autonomia e a autogestão das redes locais de comunicação, com isso, a Ororubá Filmes mantém o *slogan*: “utilizando o que tem de moderno para fortalecer o que tem de ancestral”.

Hoje a Ororubá Filmes tem uma missão muito grande né? Além de a gente externar toda nossa luta e nossa organização, a gente vai, a gente faz parte de diversos setores da nossa organização aqui. A gente tá dentro do grupo de jovens, a gente tá dentro do conselho de saúde, sabe? Então... A gente faz parte do registro da educação também, e... A gente também tem hoje a Ororubá Filmes como um, é, instrumento de estudo também, até das escolas né? Uma vez a gente distribuiu pendrives com todos os vídeos produzidos pela Ororubá Filmes, pra ser apresentado e discutindo nas escolas sabe? Ajudando a fortalecer essa educação específica e diferenciada, mostrando nossa cultura, suas tradições e a história do povo né, pra fazer com que cada aluno, é, de uma forma mais didática assim, aprenda mais sobre seu povo, fortalecendo assim a cultura também, ajudando o fortalecimento da cultura dentro das escolas. Além disso, a Assembleia, por exemplo, além de quando, na pandemia, a gente não deixou a Assembleia parada, a gente fez a live da Assembleia né? A gente fez a Assembleia em Cimbres em forma de live, pra que a gente não deixasse de discutir as ações dentro do nosso povo. Hoje também, a Assembleia, mesmo presencial, nós vamos também estar transmitindo pra quem não puder tá presente presencialmente na nossa Assembleia do Povo Xucuru, a gente vai tá transmitindo pra tá assistindo de casa. E, pra além disso, além do audiovisual, a gente consegue criar vínculos de amizade em vários setores de comunicação, conseguindo assim também outros modos de divulgação de nossa luta, sabe? É, desmanchar preconceitos que são estabelecidas dentro dos meios de comunicações. Assim como eu, por exemplo, tive na Conferência de Jornalismo Plural em Recife, onde lá eu conheci vários jornalistas plurais, de várias comunidades, de quilombola, de favela, rádios amadoras, onde a gente pôde discutir também muito disso assim sabe? E um ajudar o outro a resistir né, a persistir nessa... Nessa luta de cinegrafia, de... De audiovisual dentro das comunidades. (DIEGO XUKURU, entrevista semiestruturada, 2023)

A prática nas escolas que Diego Xukuru explana no comentário anterior, exemplifica como a práxis da “comunicação perspectivada”, da qual viemos discorrendo neste texto mais uma vez trabalha em favor da decolonização da palavra e da imagem, promovendo dentro da própria comunidade debates e discursos sobre as cosmovisões pertencentes ao povo indígena e enfatizando suas particularidades como a “educação específica e diferenciada”, cumprindo pelo menos dois objetivos: Utilizar os conhecimentos ancestrais que servem aos objetivos de luta, isto quer dizer, empoderar a população desde temprana idade com reafirmação identitária para garantir a força da luta no futuro;—impulsionar a formulação coletiva de discursos midiáticos, quer dizer, a geração de discursos comuns que serão proclamados dentro, mas, principalmente, fora do território.

na atualidade, o público-alvo, além de nossos próprios estudantes, são... É usar mesmo como fonte de pesquisa, sabe? Pra outras pessoas que precisarem entender sobre o nosso povo, e também como, é... Desmanchar um pouco do preconceito do que a luta indígena, a luta do povo do Nordeste né, a luta do povo Xucuru. Através do audiovisual e do, do cinema, a gente consegue isso, alcançar de outras formas essas pessoas e tirar esses preconceitos assim. (DIEGO XUKURU, entrevista semiestruturada, 2023)

Uma vez assumindo a Ororubá filmes como veículo comunicacional que cujo papel contrapõem-se à postura omissa da mídia hegemônica, percebemos que sua responsabilidade é ainda maior ao dimensionarmos o propósito de atuar como uma sementeira, no ato ou efeito de semear conhecimento audiovisual diante do seu povo e dos demais povos com os que tem contato, disto trataremos um pouco mais à frente.

assim, os grandes meios de comunicação nunca foram a favor da luta indígena né? O agronegócio, por exemplo, as grandes empresas, a mineração, é... Esses aí foi o que, são os que bancam os políticos né, esses são os que bancam essas grandes mídias. Com isso, eles nunca foram a favor da gente, sempre distorceram nossa história de luta, sempre... Sempre se omitiram, a nossa história de luta e... Por isso também, reforço mais uma vez, a importância do audiovisual dentro dos povos indígenas, a importância da Ororubá Filmes dentro do povo Xucuru, pra gente usar meio de instrumento de luta mesmo e rebater esse tipo de matérias, de influência da grande mídia preconceituosa, racista, através do nosso audiovisual, através da história do nosso povo, com nossa visão do nosso povo. (DIEGO XUKURU, entrevista semiestruturada, 2023)

Quando falamos sobre ser um exemplo bem sucedido de mídia indígena e iniciativa de comunicação comunitária, em parte nos referimos ao fato deste ser um projeto que produz audiovisual desde 2008 e que ainda se mantém em atividade, tomando proporções maiores a cada dia. Sabemos que manter funcionando um coletivo audiovisual com recursos próprios não é uma tarefa fácil. É por isto que se torna tão importante o estudo científico e institucional destas temáticas emergentes, para reivindicar diante dos setores culturais governamentais o emprego de políticas sociais que promovam e incentivem este tipo de projetos, possibilitando que sejam replicados nas diferentes etnias do estado e do território nacional. Indagado sobre o futuro da Ororubá Filmes , Diego disse,

o futuro é uma luta agora muito árdua assim, porque... A gente, na pandemia, a gente... A gente vinha dando oficinas dentro das escolas, de audiovisual, sabe? Pra adquirir outros jovens e também fazendo cinema itinerante, mas infelizmente na pandemia a gente parou, e a gente perdeu um pouco desse pique, sabe? Espero que na Assembleia a gente consiga novamente tá reunindo os jovens né, pra que uma nova geração de jovens se aprofunde no audiovisual pra dar continuidade a essa missão que a gente vinha dando. Eu sei que, tipo, hoje são poucos os jovens que tão na Ororubá Filmes, mas que... Eu prezo e a gente preza muito, a gente sustenta até no fim de nossas vidas, enquanto não tiver nenhum jovem assim que possa tá nos representando, mas que... Eu acho que o próximo desafio, assim, da Ororubá Filmes é recrutar novos jovens, assim, pra o audiovisual dentro do povo Xucuru, é trazer pra eles um pouco dessa importância. Mesmo com a dificuldade hoje da juventude, que é diferente por causa do... De tecnologia mesmo. Assim, o celular, assim, e a internet, é, tirou muito as crianças assim da, daquele momento de conversa. Mesmo dentro dos territórios indígenas, mas a internet, às vezes o celular atrapalha muito esses momentos de conversa e esses, e essas ações que se tinham como antigamente. Mas que a gente vai usar um pouco da tecnologia, a gente tinha que entender um pouco da tecnologia e ver como a gente consegue, através do audiovisual,

resgatar essa juventude. Não só pra cultura, mas também para compor o audiovisual junto com a gente e continuar essa luta, é essa a ideia que a gente tem né, da Ororubá Filmes.

Cristina Fontes, conhecida como jornalista Krika, desenvolveu uma pesquisa sobre Narrativas Ancestrais, onde mapeou e analisou as percepções sobre os povos indígenas e as principais narrativas deles e sobre eles no Brasil na última década (2011/2021)<sup>28</sup>. Nela, a pesquisadora fala, entre outras coisas, da importância do incremento de veículos comunicacionais independentes como “InfoAmazonia” e “Amazônia Real” e sobre a mudança da cena midiática no país, destacando críticas à mídia hegemônica como a generalização, uso de termos inadequados e a escolha por recorrer a falas de cientistas de instituições de ensino convencional em detrimento de indígenas especializados. Dentre os 350 entrevistados, a maior porcentagem falou sobre a percepção da ocupação espaços pelos próprios, a autorrepresentação, o protagonismo, o aumento de artistas pensadores indígenas como Sônia Guajajara, Ailton Krenak, Jôenia Wapichana, Cacique Raoni e Davi Kopenawa, assim como de influenciadores digitais.

Ao fenômeno que estes últimos estão causando nas diferentes redes sociais, com destaque ao *Instagram*, poderíamos chamar de “Primavera Indígena”. Os influenciadores apresentam detalhes das suas culturas de forma dinâmica e com temáticas variadas. Neste sentido, há uma importante diferença em relação aos meios de comunicação hegemônicos, que foram amplamente criticados por ainda preservar na hierarquização de temáticas indígenas a violência e a pobreza dentro dos povos.

Alice Pataxó, jornalista, tem um perfil no *Instagram* que conta com 175 mil seguidores. o gastrônomo Tukumã Pataxó conta com 200 mil seguidores, a artista, cantora e compositora Kae, tem 120 mil seguidores. Esses nomes, dentre outros, são bastante procurados por pessoas não indígenas para serem introduzidos de uma forma mais sensata e realista às culturas indígenas. Estes jovens influenciadores também são ativistas e lutam pelas causas indígenas, colocam a serviço da cosmovisão indígena a comunicação nos moldes das redes sociais.

Em relação à comunicação comunitária indígena, durante o estudo de campo desta pesquisa, mais exatamente no Acampe Terra Livre (ATL. Ver o tópico detalhado

---

<sup>28</sup> A pesquisa pode ser consultada na íntegra no link <https://www.amoreira.info/narrativasancestrais/01-apresentacao-e-metodologia> . Acessado em 22.01.2023.

Acampamento Terra Livre 2022: “Retomando o Brasil: Demarcar Territórios e Aldear a Política”, mais à frente), me propus a registrar, entre outras coisas, pessoas pertencentes às etnias indígenas que participavam do evento e que ao mesmo tempo estivessem no exercício comunicacional, queria ter uma ideia, mesmo que rasa, da quantidade e da diversidade que se apresentaria mediante esses registros fotográficos. Após sete dias de registros, concluí essa experiência com um acervo de 52 imagens. A figura 03 é uma colagem com algumas delas. A revista do Acampamento Terra Livre, publicada posteriormente no mês de junho, mostra em seu levantamento que 208 pessoas foram cadastradas para atuar como comunicadores na cobertura colaborativa (REVISTA ATL, 2022. p.78), uma estatística importante para perceber o panorama nacional do estado da comunicação comunitária indígena. Ainda não temos como fazer cifras comparativas com as dos anos anteriores, pois não há registros específicos dessa área nas outras edições.

**Figura 3** – Colagem de fotografias de comunicadores indígenas de diferentes povos cobrindo o ATL



Fonte: Acervo da autora. Abril/2022.

### 3.2 TRABALHO DE CAMPO: DESCOBRINDO A ORORUBÁ FILMES PELOS OLHOS DA COMUNIDADE

Para a construção do trabalho de inspiração etnográfica que será apresentado nesta pesquisa qualitativa, foi realizado um intenso estudo de campo durante oito meses que consistiu em acompanhar as atividades da Ororubá Filmes fora e no interior do território sagrado do povo Xukuru do Ororubá que, como já foi mencionado, está localizado em Pernambuco. O que me proponho a descrever nestas páginas, é

o trabalho perspectivado da Ororubá Filmes dentro da própria comunidade Xukuru e fora dela. Procuo saber a influência que permeia as outras etnias por parte da produtora audiovisual, levando em conta o contexto histórico atual e sua estruturação.

“Nada no ser humano é por acaso, assim como nada é fruto de uma relação totalmente determinada de causa e efeito” (MARTINO, 2018. p, 99), é por isso que julguei a abordagem qualitativa apropriada a esta pesquisa. Esse tipo de pesquisa que está preocupada com os significados presentes nas ações humanas, procurando compreendê-las e não explicá-las, propondo um processo de reflexão e análise crítica da realidade, em que todos os fatos e fenômenos são significativos e relevantes, apresentado-os de forma descritiva. Uma modalidade possível de se desenvolver a partir do resultado do trabalho de campo de um trabalho com inspiração etnográfica.

O termo “etnografia” significa, em sua origem grega, a “descrição de um povo”. Atualmente, se refere a estudos caracterizados pela atividade descritiva e compreensiva da cultura de um grupo social.” (MARTINO, 2018. p, 129). O objetivo deste método é o acompanhamento sistemático das atividades de determinado grupo para conhecer sua profundidade, procurando entender suas “razões, emoções e sentimentos” (ibidem.). O antropólogo polonês Bronislaw Malinowski escreveu o livro “Os argonautas do Pacífico Ocidental”, onde conta sua experiência com os povos da Nova Guiné durante cinco anos. É até hoje considerado um marco nas ciências sociais por seu nível de detalhamento descritivo e a forma da escrita. Nele o autor aponta:

Na Etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador; e embora as suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos. Na Etnografia, a distância entre o material informativo bruto - tal como se apresenta ao investigador nas suas observações, nas declarações dos nativos, no caleidoscópio da vida tribal - e a apresentação final confirmada dos resultados é, freqüentemente, enorme. (1976. p, 19)

Na etnografia, o ponto é entender a cultura do outro em seu sentido amplo, incluindo sua vida material, atividades comuns e a *vida simbólica* que as fundamenta. (MARTINO, 2018. p, 129). No processo, o pesquisador necessariamente permeia as informações com subjetividades, uma vez que perpassa pelo seu entendimento das realidades para chegar ao estágio descritivo, o que seria diferente de promover alterações intencionais. Os resultados da pesquisa científica e o material etnográfico devem ser apresentados de maneira clara e absolutamente honesta.

A etnografia se torna um método versátil na hora de estudar os fenômenos

sociais, é por isso que as ciências da comunicação se posicionam com especial relevância na hora da coleta de dados. Segundo Martino, a etnografia na pesquisa em comunicação vem sendo utilizada de pelo menos duas formas: nos Estudos de Recepção, permitindo entender a relação de grupos ou pessoas com a mídia, e nos Estudos Culturais, na compreensão das relações com a “cultura da mídia”, quer dizer, dos grupos sociais imersos em um ambiente midiático. (2018. p, 130).

Dentre os métodos correlatos que podem ser utilizados para o desenvolvimento de uma etnografia, nesta pesquisa foram aplicados: 1- observação direta, que se dedica ao olhar e à escuta, procurando evitar qualquer tipo de interação que comprometa o desenvolvimento da situação. Uma das principais vantagens desta ferramenta é a possibilidade de ter um panorama mais completo do momento como ele é usualmente; 2 - observação participativa, na qual é permitida a participação nas atividades realizadas pelo grupo, possibilitando o compartilhamento de experiências e vivências que promovam a compreensão da situação com detalhes; 3 - entrevista estruturada, em que é utilizado um questionário previamente preparado que contém perguntas divididas por assunto e que são feitas a todos os entrevistados da mesma maneira, levando em conta unicamente as respostas que se encaixam dentro das perguntas; 4 – entrevista semiestruturada, baseada num roteiro de perguntas, aqui é permitido que a pessoa entrevistada acrescente elementos que não estavam previamente definidos, aumentando a riqueza das informações proporcionadas; 5 - grupo de discussão, um método qualitativo que analisa a opinião de um grupo de pessoas, com pelo menos uma característica em comum, a respeito de um determinado tema; 6 – classificação de temática de conteúdo, que permite classificar e medir, inicialmente em termos numéricos, a presença ou ausência de temáticas nos conteúdos e posteriormente interpretá-los para a compreensão do que é dito, escrito ou mostrado.

Na continuação apresentarei, de forma simplificada, uma relação entre as atividades que participei dentro do trabalho de campo com a Ororubá Filmes e/ou a comunidade Xukuru do Ororubá, o lugar onde foi desenvolvida e os métodos correlatos utilizados em cada uma delas, condicionando a organização à data de realização.

**Quadro 5** – Listagem das atividades de campo realizadas e os métodos correlatos aplicados

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Lugar</b>	<b>Método correlato</b>
<b>junho de 2021 e agosto de 2022</b>	Canal de <i>Youtube</i> da Ororubá Filmes	Plataforma - Ambiente digital	Classificação temática de conteúdo
<b>10 ao 13 de março de 2022</b>	I Mostra de Cinema Indígena “Cine Comunaty”	Aldeia Fulni-ô – Águas Belas	Observação direta
<b>26 de março de 2022</b>	10 anos da Poyá Limolaygo – Juventude do Povo Xukuru do Ororubá	Escola Ororubá – Aldeia Cana Brava – Território Xukuru do Ororubá	Observação participativa
<b>04 ao 14 de abril de 2022</b>	18° Acampamento Terra Livre (ATL)	Centro Ibero-americano de Culturas - Brasília	Observação participativa
<b>17 ao 20 de maio de 2022</b>	22° Assembleia Xukuru do Ororubá	Território Sagrado Xukuru do Ororubá	Observação participativa
<b>03 ao 05 de junho de 2022</b>	Visita à comunidade Xukuru do Ororubá	Território Sagrado Xukuru do Ororubá	Entrevista Estruturada
<b>Janeiro de 2023</b>	<i>A desenvolver.</i> Visita à Ororubá Filmes	Território Sagrado Xukuru do Ororubá	Entrevista Semiestruturada

Fonte: Elaboração própria. Novembro/2022.

Fiz a escolha destes seis métodos correlatos por entender que eram adequados à diversidade das informações e dados com os quais iria lidar. Tentar compreender a complexidade e singularidade que o povo Xukuru do Ororubá carrega no seu entendimento e desenvolvimento de mídia me levou à necessidade de aplicar diferentes técnicas que puderam me proporcionar pontos de vista, experiências e ângulos diversos sobre determinadas situações. Como o tempo era curto, precisava otimizar cada oportunidade que se apresentava em campo. No planejamento inicial da pesquisa, o trabalho de campo duraria 12 meses, quatro a mais do que foi executado, mas, se em função da pandemia do covid-19, o cronograma teve que ser repensado, o que afetou o início e o desdobramento deste trabalho de inspiração etnográfica. Ainda que com algumas sequelas, esses obstáculos foram superados.

Um dos momentos mais intensos da pesquisa, sem sombra de dúvidas, foram os dias prévios à saída para campo, principalmente pelas incertezas quanto às boas formas de aplicabilidade das técnicas que precisavam ser utilizadas na etnografia e

do receio do resultado por vir. Sobre alguns métodos correlatos, é preciso identificar que, como pertencente a uma comunidade indígena, houveram episódios do processo que me foram bastante incômodos. Lembro que nessa preparação para ir a campo recebi, entre outras, a recomendação de sempre ter na mão a caneta e a agenda, pois seriam ferramentas de registro imediato muito úteis para pequenos detalhes importantes que, ao não serem registrados na hora, correm certo risco de serem esquecidos, mesmo sendo detentores de uma carga simbólica ampla.

Executando essa recomendação, numa das minhas primeiras visitas ao território Xukuru, já como pesquisadora, me deparo no meio de uma ocasião sagrada, a iniciação do festejo dos dez anos da Poyá Limolaygo, grupo da juventude do povo Xukuru do Ororubá, do qual falarei de forma detalhada mais à frente. Uma vez inserida e conectada, com o respeito e a gratidão de ter as portas abertas para presenciar, viver e experienciar tudo o que envolve agradecer os encantados para receber sua força, percebo o início de uma contação de história oral, carregada de muitos nomes, personagens e elementos que sabia que precisaria resgatar no futuro. Sinto instantaneamente que o ato da escrita corta o elo de conexão com o ritual, o momento, o imaginar da fala, o recriar da história na minha própria cabeça, exercício que por anos e anos foi feito na minha família. Inclusive, acredito que esse desconforto poderia vir do entender que o momento de repasse é um momento sagrado<sup>29</sup>, em que não cabe ir e voltar, como quem sai e entra incansavelmente na sala de aula, sem perceber possíveis constrangimentos aos demais. Nesse momento percebi que precisava readequar alguns instrumentos de pesquisa da etnografia que já estão estipulados para o que seria o exercício de levantamento de alguns dados e registros no território sagrado do povo Xukuru do Ororubá, instrumentos que atendessem às demandas perspectivadas que se apresentavam. Nesse sentido, Malinovski apontava algo do tipo no seu livro:

Está treinado e actualizado teoricamente não significa estar carregado de «idéias preconcebidas». Se alguém empreende uma missão, determinado a comprovar certas hipóteses, e se é incapaz de a qualquer momento alterar as suas perspectivas e de as abandonar de livre vontade perante as evidências, escusado é dizer que o seu trabalho será inútil. Mas quantos mais problemas ele levar para o campo, quanto mais habituado estiver a moldar as suas teorias aos factos e a observar estes últimos na sua relação com a teoria, em melhores condições se encontrará para trabalhar. As idéias

---

<sup>29</sup> Que merece um respeito excepcional e não pode ser ofendido. Definição do Oxford Languages. Ver mais em [https://www.google.com/search?q=sagrado&rlz=1C11SCS\\_pt-PTBR989BR990&oq=sagrado&aqs=chrome..69i57j0i67j0i512j46i512j0i512l2j46i512j0i512j46i512j0i512.1744j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=sagrado&rlz=1C11SCS_pt-PTBR989BR990&oq=sagrado&aqs=chrome..69i57j0i67j0i512j46i512j0i512l2j46i512j0i512j46i512j0i512j46i512j0i512.1744j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8) Consultado em 02.11.2022

preconcebidas são prejudiciais em qualquer trabalho científico, mas a prefiguração de problemas é o dom principal do investigador científico, e estes problemas são revelados ao observador, antes de mais, pelos estudos teóricos. (MALINOVSKI, 1976. p, 23)

A recomendação não está equivocada, ela funciona de fato, tanto é assim que mostra-se uma prática recorrente em campo. No entanto, agora entendo que existem momentos específicos e situações aplicáveis, o pesquisador deve ter a sensibilidade para adaptação da sua pesquisa em relação ao objeto de estudo. Foi assim que, na observação direta e na observação participativa, decidi desenvolver um diário de campo gravado por voz, posterior às atividades das quais participasse, mesmo sabendo do risco do esquecimento, aceitei, mesmo consciente das perdas, senti que ganhei.

### **3.2.1 Classificação temática do conteúdo audiovisual da Ororubá Filmes no YouTube**

Como mencionado acima, a comunidade em questão possui na atualidade quatro redes sociais de gerenciamento próprio. Em julho de 2020, início de nossa pesquisa, alguns dados que foram levantados registraram cifras diferentes às atualmente tratadas nesta dissertação. Nesse sentido, trabalharemos com esses novos dados, inclusive por acreditar que a pandemia ocasionada pelo vírus da Covid-19 e o fenômeno de digitalização, tecnologização e novas práticas sociais, interferiram de forma incisiva nesses números.

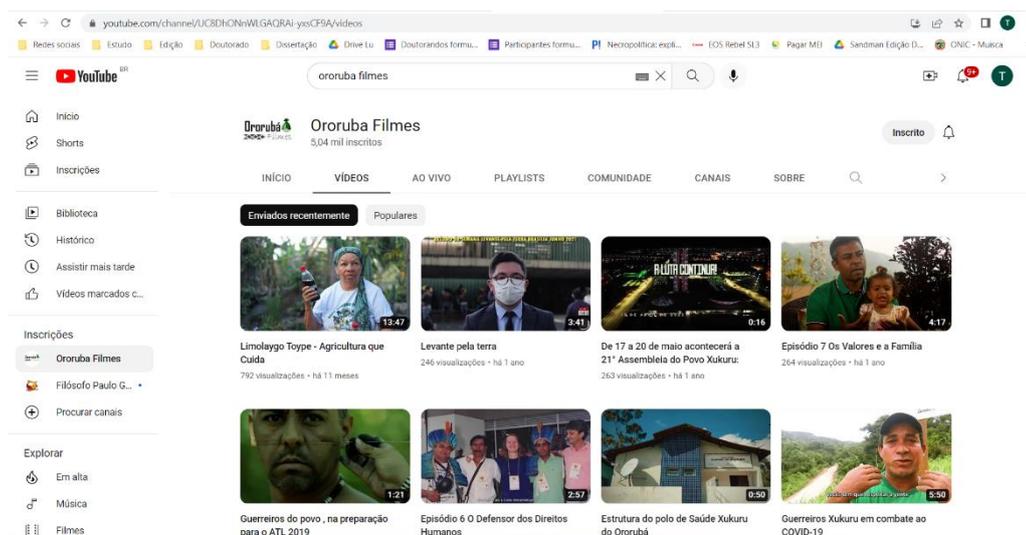
Dentre essas redes, o canal no *YouTube*, “Ororubá Filmes”, que contava com 4,5 mil inscritos no início da pesquisa, mudou, em agosto de 2022, para 5,1 mil inscritos. Uma página homônima no *Facebook*, que tinha cerca de 7,7 mil curtidas e 8,6 mil seguidores, conta hoje com 8,2 mil curtidas e 9,1 mil seguidores, além disso, o perfil do *Instagram*, que na data inicial tinha 4,4 mil, hoje soma 6,2 mil seguidores e, por fim, o *Podcast*, o “Ororubá Cast: um sinal de fumaça do povo Xukuru”, do qual não temos registro de cifras de seguidores em nenhum momento da pesquisa uma vez que não é possível sua visualização na plataforma *Spotify*.

Para esta etapa, traçamos como objetivo classificar tematicamente o conteúdo da produção audiovisual veiculada na plataforma *online YouTube*, no canal “Ororubá Filmes” e, posteriormente, fazer uma análise dessa classificação. Foram considerados 69 vídeos que datam de 21 de novembro de 2019 a 15 de agosto de 2021, recorte de período que se justifica pela primeira publicação no canal até as produções mais

recentes. Revisitamos o canal em 10 de novembro de 2022 e reportamos 19 vídeos a mais que ficaram de fora desta classificação temática.

Visualizamos e classificamos pelo método de análise de categorização dos principais temas, investigados pelo critério de recorrência, em detrimento de ausência, procurando ou elaborando uma organização das mensagens. “Agrupamento esse, efetuado em razão das características comuns destes elementos.” (BARDIN, 2011, p. 147) Laurence Bardin explica que o critério de objetividade, ao se tornar menos rígido, possibilitou o uso combinatório entre estatística e análise descritiva, ou seja, o método não se limita às pesquisas quantitativas unicamente, também abrange pesquisa qualitativa no uso de complementos descritivos no processo de categorização, como implementado neste caso.

**Figura 4** – Captura de tela do canal do *YouTube* da Ororubá Filmes



Fonte: Acervo da autora. Agosto/2022.

Ao realizar esta análise, a metodologia desenvolvida para o levantamento dos dados consistiu em visualizar cada um dos vídeos na ordem decrescente àquela apresentada pelo canal, assim, o primeiro vídeo visualizado foi o mais recente e o último assistido foi o vídeo mais antigo.

Assistir na íntegra cada um deles permitiu, paralelamente, construir uma planilha que discrimina sete tópicos diferentes: 1 – número que classifica a ordem da visualização do vídeo; 2 - nome do vídeo idêntico ao designado pela Ororubá Filmes no canal; 3 – data de publicação do vídeo registrada na plataforma; 4 – duração em horas, minutos e segundos em ordem correspondente; 5 – tema do vídeo,

classificação feita a partir de categorias criadas por meio da visualização e análise crítica dos mesmos; 6 – relação das visualizações até junho de 2021; 7 – relação das visualizações até agosto de 2022. O intuito desta classificação foi o de confirmar ou não as hipóteses formuladas no decorrer da pesquisa referentes ao estímulo do fazer da comunicação comunitária indígena, desenvolvida na comunidade por membros da mesma. O quadro detalhado pode ser encontrado nos Anexos, como o **Anexo 1 - Levantamento de dados dos vídeos da “Ororubá Filmes” veiculados pela plataforma YouTube.**

No que diz respeito às temáticas abordadas no material audiovisual analisado, veiculado no canal do *YouTube* “Ororubá Filmes”, concluímos que os assuntos mais relevantes nesse lapso de tempo para a comunidade foram: 1 - organização educativa e sociopolítica, que se dá através das transmissões ao vivo de diversas sessões das Assembleias anuais, que tem lugar sempre no mês de maio, mesas de debate e sensibilizações em comunicação, educação, análise de conjuntura, direitos humanos e constitucionais, além da importância da atuação nas diversas instâncias comunitárias e institucionais, tais como o “Coletivo de Mulheres Indígenas Xukuru”, o “Conselho de Professores Indígenas Xukuru do Ororubá” (COPIXO), o “Conselho de Lideranças Xukuru do Ororubá”, o “Coletivo de saúde Xukuru”, a “Organização da Juventude Xukuru do Ororubá” (Poyá Limolaygo) entre outros; 2 - assuntos da comunidade que dizem respeito às ações coletivas, como a construção do recinto sagrado *Mandarú* por parte da população das diferentes aldeias, a “Casa de Sementes Mãe Zenilda”, a inauguração do “Polo da saúde Xukuru” e ações que envolvem o Cacique Marcos; 3 - difusão cultural, apresentando oficina de artesanato com barro, realizando eventos como “Urubá Terra”, apresentações de teatro como a peça “Cana Brava: História de luta, resistência e aprendizagem”, e noites culturais com a apresentação de grupos musicais como o “Toypé do Ororubá”, “Flor de Jurema” e “Pandeiro do Mestre”, todos eles grupos de coco, “Maíra e Taína” poetisas de cordel, o cantor Sergio Amaral, entre outros; 4 – memória histórica, contemplando majoritariamente material relacionado a Francisco de Assis Araújo “Cacique Xikão Xukuru”, cacique anterior que sofreu um atentado em 20 de maio de 1988, pai de Marcos Xukuru, atual Cacique; 5 – campanha de conscientização e combate à Covid-19, difundindo informação sobre a pandemia e os cuidados gerais que devem ser tomados para evitar a propagação do vírus, além de mostrar as ações que têm sido feitas para atender as pessoas infectadas na comunidade; 6 – mobilizações, sendo

especificamente para convite e participação em atos nacionais; 7 – agricultura, promovendo intercâmbio de conhecimentos e cobertura de eventos como a “Feira Orgânica Xukuru”; 8- momento sagrado, permitindo saber mais sobre suas crenças e cosmovisão, porém, esta é uma das categorias menos recorrentes. A seguir, veremos no quadro a categorização sistematizada de forma simplificada:

**Quadro 6** – Classificação temática dos vídeos da “Ororubá Filmes” veiculados pela plataforma *YouTube*

<b>Temáticas</b>	<b>Número de vídeos sobre o assunto</b>
Organização educativa e sócio-política	21
Comunidade	14
Difusão cultural	11
Memória histórica	06
Conscientização e combate ao Covid-19	06
Mobilizações	04
Agricultura	04
Momento sagrado/espiritual	03

Fonte: Elaboração própria. Junho/2021

Uma vez que o material foi classificado, constatamos nas primeiras quatro temáticas o propósito com o qual a “Ororubá Filmes” foi gestada. Ser uma forma de envolver os jovens dentro das questões sociais de seu povo, ainda se mantém firme e refletido nas suas produções. Ressalta-se que, conforme revelado no levantamento, uma das temáticas mais recorrentes nos vídeos produzidos e veiculados pela plataforma *YouTube* é “Organização educativa e sócio-política”. Esta dimensão organizativa fortalece a estrutura de união pelo comum, na resistência como povo diante dos frequentes ataques tanto aos direitos humanos quanto aos constitucionais, ataques esses que não são de agora, mas que têm sido empregados desde a invasão do Brasil, e se agudizaram com governos recentes que corroboram práticas de extermínio das florestas, dos territórios e dos indígenas.

Na segunda temática mais recorrente, “comunidade”, encontramos a ratificação do fazer comunicação comunitária, um âmbito coletivo e educacional onde o sujeito participa ativamente dos processos comunicacionais que o envolvem, contestando direitos, promovendo e exercendo sua cidadania, transformando sua comunidade e,

principalmente, colaborando para a democratização da comunicação. Já no terceiro tema, “Difusão cultural”, podemos perceber a importância desses materiais serem produzidos e protagonizados pela mesma comunidade indígena, pois, ao se autorreferenciar, os mesmos se reafirmam culturalmente. Por exemplo, detalhar elementos importantes dentro da cena como oferendas, vestimentas tradicionais, movimentos corporais, palavras e nomes desses mesmos elementos perfeitamente pronunciados, valorizam esses elementos culturais e impactam positivamente os membros do povo Xukuru do Ororubá.

O quarto colocado na classificação é “memória histórica”. O Cacique Xikão Xukuru é o centro desta temática, ele é uma das figuras mais importante para a comunidade da Serra do Ororubá. Lembrado por sua trajetória, liderança e capacidade de articulação, o antigo cacique se converte numa representação de resistência indígena para seu povo, mantê-lo vivo no dia a dia da comunidade denota como os Xukuru se enxergam politicamente.

Revisitando a plataforma aproximadamente um ano depois, no mês de agosto de 2022, percebemos que houve uma mudança relevante em alguns dados, como o aumento considerável nos seguidores das redes sociais, nas curtidas das publicações e nas visualizações dos vídeos, principalmente os registros das assembleias e não vídeos de memória histórica, como os da trajetória do Cacique Xikão Xukuru. Importante dizer que essas mudanças observadas durante o período de levantamento decorrem de um momento histórico-social que trouxe transformações irreversíveis para a humanidade, que atravessava o ápice de uma pandemia gerada pelo vírus do Covid-19, ainda não extinta por completo, mas que agora se encontra minimamente controlada.

Esse significativo episódio sanitário do século XXI provocou uma mudança abissal nas práticas sociais. A digitalização e a tecnologização da sociedade sofreram uma aceleração bem superior às estimativas dos estudos direcionados ao tema antes do acontecimento. Um jornal digital brasileiro de circulação nacional, naquele ano (2020), aponta, numa matéria publicada em meio a um momento crítico do acontecimento, que a “pandemia aumenta em 91% tempo de usuário brasileiro no *YouTube*”.

Na pandemia do novo coronavírus, muitos hábitos tiveram que ser mudados devido à necessidade de ficar em casa. O *YouTube* foi um exemplo disso. Atualmente, 105 milhões de brasileiros acessam a plataforma mensalmente. Segundo a Pesquisa

ComScore VideoMetrix, que comparou os acessos em julho do ano passado e julho deste ano, 91% afirmam ter aumentado seu tempo de uso na plataforma (UOL, 2020)<sup>30</sup>.

Compreendendo a pandemia do coronavírus e as novas práticas sociais e mudanças de rotina que foram adotadas pela maioria da população mundial, consideramos que a alteração relevante desses dados no período de tempo entre o levantamento (2020) e revisita (2021), se deu principalmente por causa desse fenômeno de saúde. Um exemplo que mostra de forma concisa o ressaltado aqui, é o vídeo número 39 do Quadro 6 – Classificação temática dos vídeos da “Ororubá Filmes”, veiculado pela plataforma *YouTube*:

**Quadro 7** – Classificação temática dos vídeos da “Ororubá Filmes”

#	NOME	DATA	DURAÇÃO	TEMA	VIZ. ATÉ 06/21	VIZ. ATÉ 10/22
39	Assembleia Xukuru – Limolaygo Toype: a nossa luta não para!	19/05/20	00:43:54	Difusão cultural (momento sagrado da assembleia)	2628	5944

Fonte: Autora

Procuramos apontar o valor da Comunicação Comunitária Indígena dentro da mesma comunidade analisando a dinâmica de consumo dela. Mas alertamos que a síntese de uma linha tão rica e plural não pode ser demarcada com facilidade, precisamente por sua heterogeneidade, nesse sentido, o cuidado deve ser redobrado, evitando cair em banalizações e generalizações sobre o tema.

### 3.2.2 I mostra do “Cine Comunaty”: Ororubá Filmes na Aldeia Fulni-ô

O primeiro contato em campo com a Ororubá filmes foi feito em 12 de março de 2022, mês em que se realizava a primeira mostra de cinema indígena feita pelo povo Fulni-ô<sup>31</sup> dentro da sua própria aldeia. O “Cine Comunaty”<sup>32</sup>, que se estendeu de a

<sup>30</sup> Veja mais em <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/11/09/pandemia-aumenta-em-91-tempo-de-usuario-brasileiro-no-youtube.htm?cmpid=copiaecola> acessado em 30 de agosto de 2022.

<sup>31</sup> Os Fulni-ô atualmente habitam as terras sagradas situadas na zona fisiográfica do Sertão, a 273 quilômetros da capital do estado de Pernambuco, dentro das suas terras cresceu o município de Águas Belas que está compreendido no chamado polígono das secas. A região de Águas Belas é cortada de norte a sul pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Fulni-%C3%B4> acessada em 10.08.2022.

<sup>32</sup> O nome do “Cine Comunaty” vem da Serra Comunaty que se localiza nas terras sagradas Fulni-ô, referenciada pela importância para a etnia, sendo por muito tempo e para algumas famílias até os dias

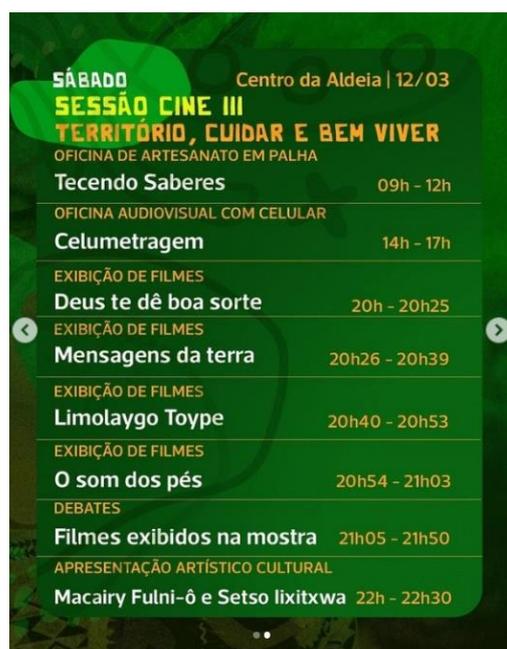
quinta-feira (10/03/2022) até o domingo (13/03/2022), foi realizado pelo coletivo audiovisual Thul'sê<sup>33</sup> na seguinte configuração: Cledson Tadeu, pesquisa, programação e assistência de produção; Luiz Fernando, curadoria e assistência de produção; Narriman Kauane, pesquisa, programação e assistência de produção; Thales Ferreira, pesquisa, programação e *filmmaker*; Tayho Fulni-ô, curadoria e *filmmaker* e Raryson Freitas, curadoria e *filmmaker*. Durante a programação da mostra, o veículo comunicacional do povo Xukuru fez presença para ministrar a oficina de “Celumetragem”, ou seja, oficina que visou a utilização do dispositivo móvel para a produção e montagem de imagens com o fim de realizar um curta-metragem. Esta oficina compunha a programação da tarde no terceiro dia de mostra, assim como a exibição e debate do filme “Limolaygo Toype”, do mesmo coletivo, no turno da noite.

**Figura 5** – Captura de tela do cartaz da mostra Cine Comunaty



Fonte: *Instagram* da mostra @cinecomunaty. Novembro/2022

**Figura 6** – Captura de tela da programação do terceiro dia da mostra Cine Comunaty



Fonte: *Instagram* da mostra @cinecomunaty. Novembro/2022

atuais, a fonte de renda com a palha Ouricuri, além da fonte de água com suas várias nascentes e delas a obtenção da água mineral. Fonte: Narrima Kauane, produtora da mostra em áudio de *WhatsApp* enviado em 09.11.2022.

<sup>33</sup> Que significa “corte” em Yaathê, (língua original da etnia Fulni-ô) no sentido da claquete quando bate e simboliza a detenção da gravação. Fonte: Narrima Kauane, produtora da mostra em áudio de *WhatsApp* enviado em 09.11.2022.

Aplicando a técnica de observação direta, estive presente, duas horas antes do início da oficina, nos corredores da escola indígena bilingue Antônio Jose Moreira, detalhando tanto o movimento da produção da mostra como dos participantes que foram chegando e se concentrando aos poucos na sala três. A oficina durou aproximadamente quatro horas, uma hora a mais do previsto pela produção da mostra.

A comunicação comunitária indígena do povo Fulni-ô, intitulada coletivo Thul'sê é formado por indígenas da etnia Fulni-ô há pouco mais de dois anos, nesse tempo, produziram filmes independentes com temáticas voltadas para seu povo. "O Som dos Pés", "Ethxô Nandudya" e "Yakhe, Nossos Corpos" são curtas-metragens dirigidos coletivamente, sendo essa uma a forma adotada pelo coletivo de designar a autoria da obra audiovisual. É notório que este jovem coletivo é profundamente influenciado pela atuação e trajetória da Ororubá Filmes, do povo Xukuru. A recepção de Micaele Xukuru, Kleber Xukuru, Diego Xukuru e Myrelliane Kapinawá<sup>34</sup> na escola, representantes do coletivo audiovisual da Serra do Ororubá na ocasião, foi permeada por um ambiente de admiração, reafirmando constantemente a gratidão, em palavras de Narriman Kauane<sup>35</sup>, indígena Fulni-ô e uma das produtoras do evento. Ela agradeceu pelo coletivo ter viajado até as terras sagradas Fulni-ô para repassar os conhecimentos audiovisuais à comunidade, algo que, ao ver dos Thul'sê, estimularia a criatividade ao mesmo tempo que geraria engajamento, colaborando nas atividades futuras propostas pelo coletivo dentro da aldeia. Outras perguntas técnicas e dicas de realização e comunicação aconteceram durante a conversa.

A Ororubá Filmes se torna um exemplo de autorreferenciação para a comunicação de vários povos indígenas a nível nacional, mas principalmente regional, em especial as mídias indígenas que estão no primeiro estágio de desenvolvimento. O fato, é que a visibilidade obtida pelos Xukuru principalmente na última década é uma mostra da importância dos povos originários se apropriarem das tecnologias e dispositivos da comunicação. Além disso, é fundamental fomentar a politização e organização sociopolítica interna em prol das suas lutas, gerando discurso midiático perspectivado, isto é, contra hegemônico. Micaele Xukuru expressa isso durante a oficina:

---

<sup>34</sup> Integrantes da Ororubá filmes que podem ser reconhecidos na figura 7 deste tópico.

<sup>35</sup> Recepção no dia da oficina de Celumetragem na escola indígena bilingue Antônio Jose Moreira em conversa oral com o grupo.

A gente entende hoje que essa é uma forma top, massa pra a gente tá dando continuidade à luta né? Onde a gente pode contar a nossa história, expandir essa história, mostrar de fato como nós vivemos, como nós somos né? E também dentro do nosso território é uma forma também da gente tá fortalecendo a questão da nossa identidade indígena, né? Onde a gente tem contribuído, assim, nós temos contribuído na educação do povo Xucuru né? Onde os nossos vídeos que contam a história do nosso povo são passados em salas de aula. (MICAEL XUKURU, 2022, OFICINA DE CELUMETRAGEM)

Para participar da oficina de Celumetragem não precisava fazer inscrição prévia, era necessário unicamente chegar antes da oficina começar. A iniciativa contou com aproximadamente 18 participantes no dia, de idades que oscilavam entre 16 e 50 anos, sendo a maioria da etnia Fulni-ô. Foram registradas também as presenças de pessoas das etnias Guajajara do Maranhão e Tabajara-Xucuru, assim como de pessoas não indígenas que participavam da mostra. O início da oficina foi bem marcante pois se deu a partir das falas tanto de apresentação, como de sensibilização da importância da utilização do audiovisual como ferramenta política, como meio de reafirmação de identidade e também como veículo educacional. Podemos perceber isso na fala de Kleber Xukuru:

o audiovisual, eu o vejo também enquanto uma grande ferramenta de politização da nossa juventude, né? Porque pra gente produzir qualquer vídeo que seja, ou do nosso povo ou do movimento indígena, a gente tem que estudar praquilo né? Tem que estudar sobre o que tá acontecendo, é, na questão das PEC que vem aí só pra querer destruir, pra tomar nosso território, é, tomar nossa cultura, tudo que nossos antepassados lutaram né? Muitos dos nossos perderam a vida por nós, pra nós poder tá aqui hoje né? A gente perdemos muitos guerreiros e guerreiras aí, e dentro do audiovisual eu vejo muito essa forma de politização da gente, sabe? Porque quando a gente vai gravar, ou a gente estuda antes ou se não ali, na hora, a gente tem uma grande aula com nossos entrevistados, né? Lá em nosso povo a gente chama é toypes né, em nossa língua, que é os mais velhos né? O que mais importa quando a gente faz um documentário é essa escuta mesmo dos mais velhos. Então ali a gente também fica sabendo, não é, de nossa história e se politizando também pra defender o nosso povo, então eu vejo essa grande importância. (KLEBER XUKURU, 2022, OFICINA DE CELUMETRAGEM).

Do ensinamento da caminhada da Ororubá Filmes, um dos pontos mais importantes ao meu ver é o fato do coletivo ter entendido o valor e a responsabilidade de atuar como uma sementeira, no ato ou efeito de semear conhecimento audiovisual diante do seu povo e dos demais povos com que tem contato. Compreender que, como expressado por Julie Trudruá Dorrico, escritora e pesquisadora do povo Macuxi: “o audiovisual e o cinema indígena têm sido uma flecha por meio da câmera na

sociedade não indígena” (ECOIA UOL, 2022)<sup>36</sup>. Ao atuar como agentes multiplicadores, eles aceleram o processo de defesa e resistência aos ataques que os povos originários vêm sofrendo desde a invasão dada pelo colonialismo. Dorrico faz uma analogia importante ao afirmar que “Demarcando as telas do cinema, os indígenas, tal como na luta política, lutam por um território cinematográfico onde possam fazer parte e ter suas vidas respeitadas” (Ibidem.). Micaele Xukuru discursa na oficina sobre a importância disso:

Nós também já tivemos o momento de cinema itinerante dentro do território, onde a gente passou em algumas aldeias mostrando essas produções da gente. E tudo isso é uma forma de fortalecer o povo e de tá fazendo esse chamamento da juventude pra tá atuando junto na luta, né? E aí é importante que vocês também né, utilizem essa ferramenta, é, como estratégia de luta, pra que a gente possa ficar se defendendo e buscando reconhecimento, né? Porque ainda, a gente infelizmente ainda tá nessa, nessa busca né, de reconhecimento, de respeito, pra que a gente possa tá sendo respeitado do jeito que somos. E é isso. (MICAEL XUKURU, 2022, OFICINA DE CELUMETRAGEM).

**Figura 7** – De esquerda à direita: Diego Xukuru; Micaele Xukuru; Kleber Xukuru, ministrando a oficina de Celumetragem



Fonte: Acervo da autora. Março/2022

Dentro do conteúdo técnico da oficina de Celumetragem, na qual uns dos objetivos era realizar um curta-metragem que seria exibido no dia seguinte (domingo,

<sup>36</sup> A matéria na íntegra poder encontrada no link <https://www.uol.com.br/ecoia/colunas/trudrua-dorrico/2022/09/01/como-voce-cuida-da-sua-aldeia-fecci-projeta-cinema-como-flecha-indigena.htm>. Acessado em 03.11.2022

13 de março) na sessão de cine da mostra denominada como “espiritualidade”, encontramos valor de planos ou planimetria, roteiro, fotografia, captação e o cuidado com o som e montagem, esta última se valendo de um programa que era descarregado pelo *app store* dos telefones com sistema *Android*, o *Capcut*. Depois da primeira parte, que foi teórica, seguiu-se a parte prática, que consistia na produção em campo, com três grupos formados. Cada um deles estava encarregado de desenvolver um filme diferente. Para a realização, um membro da Ororubá Filmes acompanhou cada grupo permanentemente como orientador, suporte de dúvidas e apoio ativo. Ao final, três filmes foram produzidos: 1- Yaahatxo; 2- Yanal'nika tx'txo; 3- Fowa Et'ka T'kâdôokya. É preciso ressaltar que as temáticas e o gênero dos três, de escolha livre, envolveram a prática do documentário e a cultura Fulni-ô, respectivamente: a medicina ancestral muito forte na etnia; o preparo da tinta natural à base de jenipapo para o desenho dos grafismos na pele e a “Pedra do Cruzeiro” como lugar sagrado no território indígena. Sendo assim, se percebeu um cuidado e respeito muito grande tanto no jeito de se referir e descrever os processos, como na conduta durante a gravação.

A linguagem audiovisual proposta pela Ororubá Filmes para a oficina se centrou no documentário, se valendo de técnicas como a da entrevista para sua elaboração, gravação de imagens de apoio do tema tratado, de sons que pudessem servir como suporte para o que apresentassem, assim como de trilhas sonoras. Quando assistimos às produções do coletivo da Serra do Ororubá, podemos perceber uma influência do modo de fazer audiovisual das mídias tradicionais, que tem a ver com a velocidade em que são repassadas as informações, cortes e montagem. Na avaliação do resultado final dos filmes desenvolvidos a partir da oficina, encontramos planos longos, contemplativos, momentos de som ambiente prolongados e pouca entrevista, o que me leva a entender que as percepções audiovisuais dos dois povos se pronunciavam de forma diferenciada.

**Figura 8** – Momento prático da oficina de Celumetragem. Kleber Xukuru acompanha o grupo com a temática da medicina ancestral



Fonte: Acervo da autora. Março/2022

Para finalizar sua participação na I mostra de cinema do povo Fulni-ô, o “Cine Comunaty”, a Ororubá Filmes teve seu curta-metragem “Limolaygo Toype” exibido no turno da noite, momento em que ocorriam as sessões de cinema e o debate com alguns realizadores e realizadoras. Vale ressaltar que foi sinalizado por Narriman Kauane que a praça central da aldeia nunca tinha recebido uma atividade parecida, isso pode ser uns dos motivos pelos quais se reuniam tantas pessoas, de todas as idades, crianças e idosos que participaram ativamente da exibição e dos debates. O fato de presenciar e ter a noção que quase toda a aldeia se encontrava ali foi, para mim, um dos mais satisfatórios exemplos de engajamento político-cultural na etnia. A conjuntura se mostrava propícia ao discurso perspectivado que a Ororubá Filmes apresentou, de resgate e manutenção de saberes, assim como luta e resistência dos povos indígenas mediante o audiovisual, inspirando com certeza algumas gerações na plateia.

Uma avaliação sobre os processos que essa troca de saberes gerou, e da influência que o coletivo Xukuru deixou, principalmente na juventude Fulni-ô, pode ser feita através do informe em estatísticas que foi entregue pelo Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA), solicitado via e-mail (ver anexo 3). Este informe aponta que, no ano de 2022, mais pessoas da etnia de Águas Belas abriram o Cadastro de Produtor Cultural (CPC) e participaram submetendo projetos no edital do “Funcultura” do que no certame do ano de 2021. A inscrição do CPC de 2021

encerrou com um total de 1.737 pessoas do estado registradas, dos quais 10 cadastros foram de Águas Belas. Em 2022 se registraram 1.049 inscrições ao total, sendo 21 em Águas Belas, um aumento de um 100,01% na cidade.

**Figura 9** – Ororubá Filmes no debate do filme *Limolaygo Toype*, na exibição na mosta Cine Comunaty



Fonte: Acervo da autora. Março/2022

### 3.2.3 Dez anos da Poyá Limolaygo: A Ororubá Filmes como raiz

*Poyá Limolaygo* é uma terminologia que vem da língua materna Xukuru, “Poyá” significa “pé” e “Limolaygo”, chão/terra, essa é a denominação que o coletivo da juventude indígena do povo Xukuru do Ororubá adotou, um nome que faz correlação direta com uma juventude que tem o pé no chão, com a própria natureza e laços estreitos com o próprio território. Este nome vai de encontro à ideia de que a juventude sempre está, como se fala coloquialmente, com a “cabeça nas nuvens”, ou muito dispersa. Esta designação anuncia o surgimento de uma juventude que tem sua “cabeça no lugar”, que se preocupa e se engaja com as lutas do seu povo desde cedo, além de ser um nome que se relaciona ao mesmo tempo com a identidade da cultura Xukuru - fazendo referência inclusive ao toré<sup>37</sup>, mencionando o “pé no chão” -e com um princípio religioso da etnia, que diz que um guerreiro Xukuru não é enterrado, ele é plantado como semente para que dele surjam novos guerreiros. Nesse sentido, a

<sup>37</sup> Toré é um dos rituais religiosos indígenas em comum mais praticados por diferentes povos, cada um com suas especificidades.

juventude seria a nascente desses guerreiros (GUILA, 2020)<sup>38</sup>.

A Poyá Limolaygo comemorou seus dez anos de fundação e atividades no dia 26 de maio de 2022, sábado, na aldeia Cana Brava, nas instalações da Escola Indígena Ororubá. Cheguei ao lugar nesta data por volta do meio dia, fui recebida pela professora Marciene Xukuru<sup>39</sup>, que faz parte da Poyá Limolaygo. O grupo ainda estava realizando os últimos ajustes na escola para receber o evento. A atividade estava programada para iniciar às 13 horas, mas atrasou um pouco e começou uma hora e meia após o programado, finalizando às 19 horas com a apresentação de “Jetuis e Jetuisima de mandarú”, grupo de pífano da aldeia Cana Brava. Após a finalização do evento, fiquei para a desmontagem, completando aproximadamente 10 horas de campo. Para esta ocasião, utilizei a ferramenta de observação participativa, escolha feita em decorrência dos tipos de atividades que seriam realizadas: ritual de abertura, roda de conversa, apresentação do vídeo-comemoração realizado pela Ororubá Filmes, visita ao mural de exposição fotográfica, bolo de aniversário, toré e apresentações culturais, acreditando que seria a melhor forma de entender e viver o encontro. Uma vez que o evento é uma dádiva (MAUSS, 1950)<sup>40</sup> oferecida aos assistentes, ficar de fora ou não interagir, de maneira alguma contribuiria na construção da relação com o coletivo da juventude Xukuru que está intimamente ligado à Ororubá Filmes e de grande relevância também para a pesquisa.

Em diálogos com Diego Xukuru, *videomaker* e montador da Ororubá Filmes, ouvimos do mesmo que a produtora audiovisual nasce em 2008, sendo ele integrante desde a fundação. Ele lembra que as discussões não eram integralmente politizadas dentro do coletivo recém-nascido. É das discussões futuras do engajamento em causas da comunidade que desponta a necessidade crescente de debater questões históricas, sociais, econômicas, educacionais, de organização, de lutas, de resistência, entre outros. Desse modo, algumas pessoas se juntam e criam a Poyá Limolaygo, em 19 de outubro de 2013. Como podemos observar, o processo de sensibilização e conscientização levou algum tempo até amadurecer. Esses cinco anos, aproximadamente, permitiram que crescessem e se fortalecessem as raízes do

---

<sup>38</sup> Fala de Guilherme Araújo no podcast Ororubá Cast., episódio 2: Poyá Limolaygo – Instância Sociopolítica da juventude do Povo Xukuru. Pode ser escutado na íntegra no link <https://soundcloud.com/ororuba-cast/ororuba-cast-2-poya-limolaygo>. Acessado em 03.11.2022.

<sup>39</sup> Pode ser identificada na figura 11 deste tópico.

<sup>40</sup> Ideia trabalhada no livro Sociologia e Antropologia: segunda parte - Ensaio Sobre A Dádiva - de Marcel Mauss, 1950.

que hoje se entende como a árvore da juventude Xukuru, permitindo-a alcançar a estabilidade.

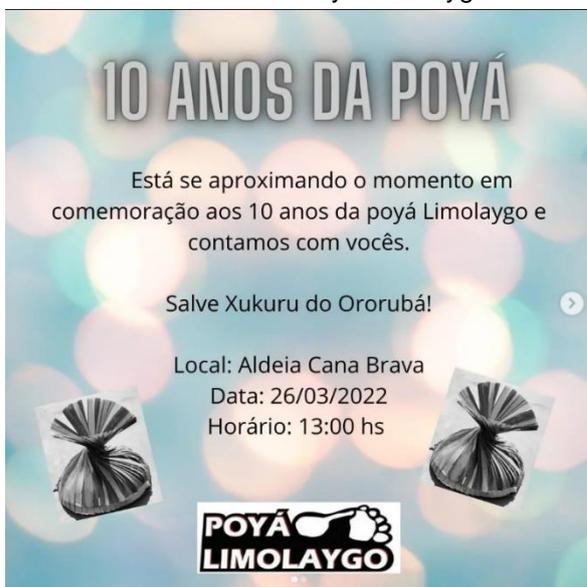
Várias lideranças da etnia se fizeram presentes no evento que acompanhamos, dentre elas Dona Zenilda, a Mãe Zenilda, que faz a abertura da atividade chamando à saudação os encantados, e o Sobrinho Márcio, discípulo do Pajé Zequinha, que conduz o ato religioso. As histórias deles, fazendo referência às lutas e movimentos dos que já fizeram parte, são uns dos momentos mais importantes pois, do jeito que são contadas, estimulam e investem de poder os aproximadamente oitenta participantes que acompanham o aniversário, principalmente os jovens, encorajando-os a se apropriarem das demandas da comunidade e trabalhá-las desde a coletividade.

Um dos pontos que foi frisado com mais entusiasmo foi o das várias responsabilidades que cada juventude das diferentes gerações do povo Xukuru já teve, por exemplo, a juventude que precisou lutar contra a invasão dos latifundiários, dos fazendeiros e dos pecuaristas, a seguinte, que ajudou na luta pela demarcação das terras e, na atualidade, a juventude que tem o comprometimento de manter essas demarcações, bem como de se apossar das demandas que o momento histórico requer, o que inclui a expansão do discurso decolonial. Essas diretrizes são possíveis inferir já no tema da sua última assembleia: “Decolonizar as mentes e aldear a política”<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Tema da 22ª Assembleia Xukuru do Ororubá, 2022.

**Figura 10** – Cartaz de convite aos 10 anos da Poyá Limolaygo



Fonte: *Instagram* do coletivo @poya\_limolaygo. Novembro/2022

**Figura 11** – Bolo de aniversário dos 10 anos da Poyá Limolaygo



Fonte: *Instagram*, @poya\_limolaygo. Novembro/2022

Ruan Xukuru, captador de som na Ororubá Filmes e representante no dia da assembleia, fez sua fala centrando-se na importância da participação e crescimento dos coletivos que fazem parte da organização sócio-política da etnia, principalmente os da juventude. Ele comentou a mudança de olhar em relação a sua identidade e existência ao se engajar com as demandas de seu povo. Ruan também faz parte da Ororubá Filmes desde sua fundação e ajudou a formar a Poyá Limolaygo. Ele enfatiza que organizar-se politicamente proporciona, na coletividade envolvida, autorreferências, autoafirmações, fortalecimento da identidade e da espiritualidade, esta última talvez uma das partes mais significativas do evento. Ruan reconhece que o contexto atual pode ter mudado no sentido do fortalecimento dos ambientes digitais, mas faz o chamado para aproveitar-se disso, apropriar-se do seu uso e criar novas formas de comunicação com o seu povo. Finaliza lembrando algumas anedotas da caminhada da juventude na última década e chama outro colega com quem compartilhou esses momentos para falar um pouco no evento sobre esses episódios.

**Figura 12** – Escola Ororubá, reunião de comemoração dos 10 anos da Poyá Limolaygo. Professora Marciene Xukuru de camisa branca, em pé, no centro da foto



Fonte: Acervo da autora. Maio/2022

### 3.2.4 Acampamento Terra Livre 2022: “Retomando o Brasil: Demarcar Territórios e Aldear a Política”

A maior assembleia dos povos indígenas no Brasil, o Acampamento Terra Livre (ATL), acontece desde 2004 em Brasília, Distrito Federal, usualmente no mês de abril, o que deu passo ao surgimento do “Abril Indígena”. Em 2022, se realizou entre os dias 04 e 14 de abril, “foi instalado no espaço do ‘Centro Ibero-americano de Culturas’, antigo complexo da Fundação Nacional de Artes (Funarte), localizado no Eixo Monumental” (REVISTA ATL. p, 38). Este movimento nasce a partir da necessidade de organização dos povos indígenas a nível nacional para conter os ataques das medidas anti-indígenas que se acirram ano após ano. A prática de reunião entre povos indígenas não é nova, muito pelo contrário, é uma prática recorrente que há muitos anos se consolida como a ocasião para gerar trocas ou em torno de algum bem comum. Dentre os povos andinos essa prática é chamada de “Minga”, “A palavra Minga vem do quechua<sup>42</sup> *mink’a*, que era como certas comunidades andinas chamavam o trabalho agrícola coletivo, a benefício geral da etnia<sup>43</sup>. Segundo o dicionário quechua-espanhol do governo de Cusco, *minga* é: Pe.Aya: convite, reunião. Ec: sistema de trabalho comunitário” (ETIMOLOGIAS DE CHILE, 2022. Tradução

<sup>42</sup> Idioma de alguns povos indígenas andinos, principalmente os peruanos.

<sup>43</sup> A palavra utilizada no texto original é Tribo, mas não reproduziremos o termo em prol da mudança que procuramos desde o entendimento do teor pejorativo que carrega, assim foi mudada pela autora para etnia, sem prejudicar o significado da frase ou intenção do texto.

nossa).<sup>44</sup>

**Figura 13** – Entrega da carta aberta dos povos ao candidato eleito Lula, (2022)



Fonte: Kamikla Kiseadje (APIB). Retirada da revista do ATL 2022

Confesso que nunca tinha visto uma minga de proporções semelhantes ao do ATL 2022, nem de longe imaginava que um encontro indígena poderia ser dessa magnitude. Em carta aberta ao candidato presidencial eleito para o período de 2022-2026, Luiz Inácio Lula da Silva, que visitou o complexo no décimo primeiro dia, reunindo-se com os povos indígenas assistentes, foi informado o número de participantes: “Esta é a maior mobilização nacional indígena da história do país. Mais de 8 mil indígenas de 200 povos passaram por estes gramados.” (REVISTA ATL, 2022. p, 59). A importância deste acampamento é inestimável, estamos falando de um encontro que se converte num ninho epistémico, um evento que é gerador de conhecimentos. Ao longo dos dez dias de programação, a diversidade nas atividades se desenhou entre “manifestações e assembleias, plenárias, conversas sobre saúde, economia, educação, diversidade e juventude; bem como um resgate dos 18 anos do

<sup>44</sup> No original: “La palabra Minga viene del quechua mink´a, que era como ciertas comunidades andinas llamaban al trabajo agrícola colectivo a beneficio general de la *etnia*”, según el diccionario quechua-español del gobierno de Cusco, minga es: Pe.Aya: invitación, reunión. Ec: sistema de trabajo comunitario”. Tomado do site de Etimologia de Chile que pode ser acessado no link <http://etimologias.dechile.net/?minga> . Acessado em 05.11.2022

Acampamento Terra Livre”. (BRASIL DE FATO, 2022).<sup>45</sup>

O espaço disponibilizou tendas para a venda das artes indígenas dos diferentes povos ao longo do parque, um comedor solidário instalado e gerenciado pelo MST, com capacidade de sustentar a quantidade completa de assistentes no evento nas três refeições do dia: café da manhã, almoço e janta, com alimentos cultivados na modalidade de agricultura familiar, chuveiros e banheiros químicos, tenda de comunicação e um cenário principal no centro do evento, onde se desenvolviam a maioria das atividades, além dos torés que cada povo apresentava aos demais. É preciso dizer que o ATL é promovido pela APIB, Associação de Povos Indígenas do Brasil, do qual Sonia Guajajara seria, até 2022, a presidenta.

**Figura 14** – Povo Guajajara do Maranhão com uma venda de arte indígena no ATL 2022



Fonte: Acervo da autora. Abril/2022.

---

<sup>45</sup> Matéria veiculada por um jornal de circulação digital nacional de acesso irrestrito, leia a matéria completa no link <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/04/e-preciso-ocupar-a-politica-dizem-indigenas-na-abertura-do-acampamento-terra-livre> . Acessado em 05.11.2022

**Figura 15** – Povo Pankararu de Pernambuco no seu alojamento do ATL 2022



Fonte: Acervo da autora. Abril/2022.

Julguei apropriado nesta visita de campo aplicar novamente a técnica de observação participativa, pelos motivos anteriormente expostos acrescidos do contexto de ancestralidade tanto meu como do evento. Não poderia haver, ao meu entendimento, outra metodologia mais adequada que essa. Dos dez dias do evento, participei de sete, meu retorno prematuro se deu por causa do regresso antecipado da delegação com a que fui, a do povo Pankararu.

A ida e volta para Brasília foi feita de ônibus providenciado pela APOINME, Associação dos povos do Indígenas do Nordeste e Minas Gerais. Totalizando em torno de quarenta horas de viagem só na ida, acompanhei a delegação representativa do povo Pankaraku de Pernambuco liderada pelo vice-cacique Sarapô Pankararu. Haviam quarenta e duas pessoas no total dentro do ônibus que encontrei em Paulo Afonso, primeira cidade da Bahia, na divisa com Pernambuco.

Foram várias horas de trocas de saberes que usualmente se davam nas quatro horas seguintes ao almoço: conhecimento de lideranças, debate de estratégias de ação que iriam ser propostas no encontro, torés e o entendimento de como funciona a comunicação dentro desse povo, informação que trago mais à frente em relação à Ororubá Filmes.

A comissão do povo Xukuru viajou no ônibus próprio da comunidade e chegaram no evento desde o primeiro dia (04 de abril, 2022), ficando até o último (10 de abril, 2022). Era recorrente ver povos que chegavam depois do início do encontro e outros que deviam sair antes do término do evento, assim, a circulação de etnias não parava.

A Ororubá Filmes se fez presente em peso junto com o povo, ali eu consegui entender a dimensão referencial que o Cacique Marcos Araújo e os Xukuru do Ororubá tem para os povos indígenas do Brasil, bem como a responsabilidade comunicacional que a Ororubá Filmes carrega na produção de discursos. Essa avaliação pode ser comprovada na análise das passeatas e manifestações, na ocasião, no ATL, uma das lutas mais significativas foi contra o marco temporal, luta que e ainda é fundamental.

No terceiro dia de acampamento, seis de abril, às nove horas, saiu da tenda principal, a marcha “Basta de Violência”, dos povos indígenas das várias regiões que se encontravam no evento, além de artistas reconhecidos e representantes de instituições “indigenistas”. Todos rumo ao Congresso Nacional, lugar onde se entende que os projetos anti-indígenas tramitam. Encabeçando a marcha, podia se ver uma corrente humana com as lideranças do movimento, simbolizando a união dos diferentes setores com os povos indígenas e reforçando a importância de estarem presentes em Brasília, como pode ser visto na figura 15. Uma dessas pessoas na corrente humana era o Cacique Marcos, ele é visto e considerado dentro do movimento indígena como um representante a nível nacional. É uma figura confiável e forte, que sabe falar e tem boa análise política e conjuntural, o que se complementa de maneira harmoniosa com a atuação da Ororubá Filmes. O coletivo fez a cobertura todos os dias do evento, principalmente das atividades em que o povo Xukuru estava presente.

A produção de fotografias era feita para as atividades paralelas às do objetivo do veículo. Isso não significa que sejam atividades menos importantes, apenas que não estavam no centro do radar da participação dos Xukuru.

A cobertura em vídeo ficava disponível para ser feita das 8 às 17 horas usualmente, horário em que o coletivo chegava à base de comunicação para descarregar o material no computador da APOINME. Diego Xukuru fazia uma montagem rápida do vídeo, que deveria ficar pronto para ser publicado no mesmo dia. Foram dias intensos de trabalho para o coletivo audiovisual, uma vez que repondiam aos deveres espirituais e políticos ao mesmo tempo. Uma cena usual de ser vista era o toré de 6 horas da manhã na zona do acampamento, isso diariamente, repetindo-se o ritual religioso a cada 18 horas.

**Figura 16** – De esquerda à direita: Representante da Green Peace BR; Chico César; Sonia Guajajara; Cacique Marcos; Telma



Fonte: Acervo da autora. Abril/2022.

A assessoria de comunicação da APOINME é coordenada por Alexandre Pankararu, que conheci no ônibus de ida para o ATL. O conhecimento que ele tem do trabalho da Ororubá Filmes é latente, lembro termos uma conversa em torno da importância da comunicação, principalmente para os povos originários no contexto atual.

O povo Pankararu tem pessoas reconhecidas que fazem audiovisual de forma inovadora dentro dos recursos de realização, como Bia Pankararu, com seu filme “Rama Pankararu” no qual participo como roteirista e atriz principal, título que venceu como melhor longa-metragem no festival de cinema Cine-PE, levando também o prêmio de melhor atriz. O filme teve estreia mundial em Paris em 2022. Outro nome é o de Alexandre Pankararu, quem possui vários filmes que se encontram na programação dos festivais pelo Brasil e pelo mundo, alguns são: “Mãos de Barro (2017 – 20 min. – Cor) e “Terra Nua” (2014 – 20 min. – Cor), este último codirigido com Graciela Guarani que também pertence à etnia Pankararu, cineasta reconhecida a nível nacional<sup>46</sup> com uma ampla filmografia referencial. Nei Pankararu, com seu filme intitulado “Artesanato” (2021 – 14 min – Cor) e Gean Ramos Pankararu, compositor e produtor cultural, realizador do filme “Vivências Sonoras Pankararu” (2020 – 10 min – Cor)., são outros nomes de destaque.

<sup>46</sup> As informações dos filmes foram retiradas do site do Festival Internacional de Filme Etnográfico e podem ser consultadas no link <https://sites.ufpe.br/filmedorecife/mostra-de-filmes-pankararu/> . Acessado em 06.11.2022.

A diferença do povo Xukuru para o Pankararu é que este último não conta com uma mídia comunicacional estabelecida, a exemplo das configurações da Ororubá Filmes. Os Pankararu não possuem uma comunicação comunitária que seja desenvolvida pelo povo e supra as demandas da comunidade. Alexandre Pankararu comentou que estão adiantando o projeto de sensibilização audiovisual na sua comunidade, que atualmente se encontra no estágio de engajar a juventude, revelando que espera poder ver o projeto acontecer.

Voltamos ao ATL, sem deixar de lado Alexandre Pankararu e o reconhecimento pelo trabalho do coletivo da Serra do Ororubá. Na relação de apoio entre os dois povos, se sela uma parceria de confiança entre ambas as partes para que as imagens que fossem captadas diariamente pelo coletivo Xukuru, fossem compartilhadas com a Associação e possibilitassem ser trabalhadas livremente pela APOINME. Desse modo, poderiam veicular-se mais conteúdos nos canais comunicacionais da associação, visando expandir e abranger mais público com a informação das atividades que estavam acontecendo no acampamento, valendo-se do alcance considerável que as redes da Associação têm, chegando a 17 mil seguidores só no *Instagram*<sup>47</sup>, tudo em prol de um objetivo maior: a visibilidade do encontro.

A troca se fechou de maneira satisfatória e assim foi a dinâmica de trabalho de produção de imagens diárias durante os dez dias que se seguiram. O momento de chegar na tenda da comunicação para saber das atividades com mais detalhes era às oito horas da manhã, uma vez que na programação inicial só se informava o nome e o lugar. A ocasião também servia para a transmissão dos direcionamentos perspectivados de uso das imagens como, por exemplo, a não publicação de parentes indígenas com flechas nas mãos ou em uso delas, o que ao ver da organização incentivaria provocações às instituições policiais e militares que saíam junto com as marchas, além de serem material frutífero para a criação de *fake news* e de exposição das pessoas pertencentes aos povos participantes. Após essas pequenas reuniões, as comunicações comunitárias indígenas de todo o Brasil estavam instruídas para sair e produzir seus materiais, inclusive a Ororubá Filmes. Às 17 horas, como já foi falado, seria o encontro para ver e reunir o material.

---

<sup>47</sup> Dados do perfil @apoinme, à data de 06.11.2022.

**Figura 17** – Ororubá Filmes na cobertura do ATL



Fonte: Imagem retirada do *Instagram* da Ororubá Filmes @ororuba\_filmes/2022.

Uma das maiores comissões no ATL foi a do povo Xukuru do Ororubá, reunindo aproximadamente oitenta pessoas que participaram da missão em Brasília. Em decorrência disso e do histórico de representatividade que o povo tem na defesa dos direitos indígenas, a etnia foi a encarregada de levar, na marcha que viemos falando aqui, vários letreiros de madeira com dimensões em torno de um metro quadrado, que continham duas ou até três letras cada, formando em conjunto a frase “BASTA DE VIOLÊNCIA”. Essa logística do ato, misturada com a visibilidade e reconhecimento que alcançou o Cacique Marcos, além do reconhecimento ao povo da Serra do Ororubá, fez com que as coberturas da mídia hegemônica, assim como as comunitárias e as comunitárias indígenas, os colocassem em foco no dia.

### **3.2.5 22º Assembleia Xukuru do Ororubá: “Decolonizando as Mentes, Aldeando o Planeta”**

A assembleia Xukuru do Ororubá acontece de forma anual desde 1998, data em que o Cacique Xikão foi plantado na aldeia Pedra D’Água, iniciando sempre no dia 17 de maio. É o encontro mais importante da etnia, pois é o momento que rememora as lutas do maior guerreiro Xukuru, seu legado e a força são repassados ao povo, como já foi mencionado acima. As assembleias foram sempre de forma presencial e com um roteiro pré-definido, começando com o ritual de abertura e terminando com a marcha pela cidade de Pesqueira até o bairro Xucurus. A cerimônia é aberta aos

visitantes externos e aos demais povos indígenas.

A Ororubá Filmes geralmente concedia o suporte técnico-audiovisual para as atividades internas da assembleia, mas, a partir de 2019, começaram também a fazer as transmissões na íntegra para que qualquer pessoa com acesso à internet pudesse assistir mesmo nos lugares mais remotos possíveis. Nos anos de 2020, 2021 e 2022, em decorrência da Covid-19, o conselho de lideranças, junto com a comunidade, viu-se obrigado a adotar outra dinâmica para que a realização da assembleia pudesse acontecer de forma a deixar a população da comunidade Xukuru fora de risco. Os Xukuru já vinham inclusive adotando medidas rigorosas para o combate e disseminação do vírus. Foi decidido então que, em 2020, a assembleia se transmitiria inteiramente de forma remota.

A Ororubá Filmes já acumulava alguma experiência nesse sentido, mas nunca tinham transmitido uma assembleia por completo. Diego Xukuru conta que foi, para o coletivo, um dos maiores desafios que já enfrentaram dadas as condições de responsabilidade espiritual a que estavam lidando, somado à limitação dos equipamentos e recursos que tinham à disposição. Cabe ressaltar que o trabalho desenvolvido até a presente foi feito com equipamentos próprios, isso significa que o coletivo detinha os meios de produção minimamente necessários. A questão estaria no estado de conservação e/ou sofisticação dos mesmos, dessa forma, foi necessário chamar mais pessoas com recursos audiovisuais diferentes que pudessem ajudar na exequibilidade satisfatória do importante evento.

... quando a gente começou, era com um celular para gravar e um computador que, que estava lá em casa, desses de escritório mesmo, só muito tempo depois que mudou, foi com um projeto da Fiocruz e que a gente executou, a gente fez o filme com celular, porque a gente conseguiu, a gente conseguiu comprar a câmera e um novo computador de edição, então, é, não é porque a gente não tem computador de última geração que a gente vai deixar de produzir né? O importante, o importante do audiovisual indígena é a gente tá retratando a história do nosso povo, é a gente tá se defendendo, defendendo o nosso povo, os povos originários, os povos indígenas, através do audiovisual. (Diego Xukuru, 2022, Oficina De Celumetragem Nos Fulni-Ô)

Prossegue Diego apontando que essa experiência fez com que a Ororubá se entrosasse de vez com as demandas da comunidade. Uma vez encarregados da organização, produção e logística do evento, terminariam profundamente envolvidos com as demandas da coletividade, não que nas versões anteriores não houvesse essa integração, mas dessa ocasião Diego fala na aquisição de um conhecimento íntimo dos detalhes. Em 2021, a demanda foi a mesma, mas dessa vez já estavam melhor

preparados. Para a última versão da assembleia, a Ororubá Filmes aponta:

A Assembleia Xukuru do Ororubá, na sua 22ª Edição, traz como tema central "Limolaygo Toype: Decolonizando as Mentas, Aldeando o Planeta" considerando a conjuntura política nacional e a perspectiva ambiental do Planeta Terra. Decolonizando as Mentas ajudam-nos a romper com paradigmas e a ressignificar os processos históricos, assim como as versões erroneamente impostas e pregadas quanto aos Povos Originários. Aldear o Planeta é considerar a completude da Mãe Terra, com a Ancestralidade que lhe envolve, assim como, a urgente discussão e mudança de hábitos quanto à saúde planetária. Irrupendo com a "colonização velada" e posta cotidianamente, seguiremos avançando defendendo a Terra dos Ancestrais. "Em cima do medo, coragem". (@Ororuba\_filmes, 2022)

Com um tema conjuntural, emergente e central na 22ª assembleia, os debates se alinham com os atualmente desenvolvidos pela academia e por diferentes encontros dos povos originários, não só do Brasil, mas da *Abya Yala* completa. É uma sincronia com o momento atual de admirar e se autorreferenciar. A abertura se deu com uma cerimônia no Terreiro Sagrado da aldeia Pedra D'Água, onde o Cacique Xikão foi "plantado".

**Figura 18** – Cerimônia de abertura da 22ª Assembleia Xukuru do Ororubá – Terreiro Sagrado da aldeia Pedra D'Água



Fonte: Acervo da autora. Maio/2022.

Para esta última edição, a Ororubá filmes se encarregou de cobrir em tempo integral a assembleia, marcando presença em todas as atividades que compunham a programação, o que demandava uma logística de divisão de trabalho para toda a

equipe que, como já vimos, não é composta por um contingente muito grande. Usualmente, as atividades do turno da manhã começavam às oito horas e se estendiam até o meio dia, poucas atividades aconteceram no turno da tarde, só esporadicamente, entre 14 e 17 horas. Assim, o turno da noite era mais movimentado, requerendo maior número de pessoas presentes, pois se realizavam os debates com convidados de diferentes partes do estado, do país e do mundo, as mesas de diálogo que tinham a mesma intensidade e as apresentações culturais. O turno da noite começava às 19 horas e terminava ao redor da meia noite. Para este evento, o método correlato que utilizei foi o de observação participativa.

Pela primeira vez na história das assembleias, o povo da Serra do Ororubá decidiu transmitir ao vivo o evento que ocorria na praça principal da cidade de Pesqueira, feito que determinava uma nova era para o povo indígena do agreste.

Guila Xukuru, produtor da Ororubá Filmes, comentou em conversa que o movimento de fortalecimento de identidade tem sido muito importante tanto para o povo Xukuru, quanto para o imaginário dos não-indígenas da cidade. Ele relembra um episódio que o marcou bastante e que até pouco tempo atrás, na década anterior, ainda acontecia. No ritual do manifesto, que é uma caminhada feita pela etnia saindo o território sagrado em direção à rua de Pesqueira onde a vida do Cacique Xikão foi ceifada, no bairro Xukurus. Neste percurso, os indígenas Xukurus acabam atravessando a cidade inteira. Em épocas passadas, os não-indígenas, ao passo da etnia, costumavam gritar frases e palavras pejorativas como: “índios sujos”, “vai tomar banho” e outros xingamentos, ao mesmo tempo que, com gestos de tapar o nariz e sinais com as mãos para irem embora, os hostilizavam. O comércio fechava quase por inteiro em indício de perigo, e as ruas ficavam quase solitárias.

Atualmente, com alegria, esse panorama se percebe diferente. Na transmissão ao vivo da 22ª Assembleia no centro da cidade de Pesqueira, a comissão organizadora do evento, paralelamente, realizou várias atividades pela cidade, dentro delas, pinturas de grafismos indígenas na pele de quem quisesse conhecer e adentrar a cultura da etnia. A surpresa foi grande quando constataram que quatro pessoas destinadas para realizarem os grafismos não deram conta da quantidade de interessados que queriam plasmar a identidade Xukuru consigo. Uma fila que dava voltas na praça era composta por indivíduos que queriam participar do evento, enquanto que uma parte do público já se encontrava dentro do espaço da cerimônia aguardando que esta tivesse início.

O dia da caminhada foi marcado por pessoas não-indígenas aplaudindo das janelas, crianças com grafismos imitando a batida do pé no chão ou os movimentos do braço com as maracas imaginárias, pessoas que se tumultuavam nas lojas do comércio, fotos e vídeos sendo produzidos no celular por olhares curiosos com tom de admiração. O depoimento de Guilherme Xukuru, que descreve toda a importância desta recepção, foi um marco crucial para esta pesquisa.

**Figura 19** – Povo Xukuru do Ororubá no bairro Xukurus ao término da caminhada, na celebração do manifesto



Fonte: Acervo da autora. Maio/2022.

O cenário para as transmissões ao vivo foi montado no CAXO (Centro de Agricultura Xukuru do Ororubá), contando com uma arte que ressaltava a palha de coqueiro, matéria prima indispensável para a produção artística e de elementos culturais da etnia, com uma imagem do Cacique Xikão no centro, uma imagem do Pajé Zequinha na lateral esquerda e uma do Cacique Marcos na lateral direita. O coletivo contou com equipamentos alugados e próprios, assim como pessoal suficiente para operá-los. Contou-se ainda com acessibilidade em língua de sinais e um equipamento de som de última geração para as sessões culturais, esse último fruto de empréstimo voluntário por Carlos, uma pessoa que trabalha com o coletivo no seu dia a dia, e que comenta que fez isso por admirar o povo e sua cultura artística.

**Figura 20** – Ororubá Filmes na cobertura da 22ª Assembleia Xucuru do Ororubá

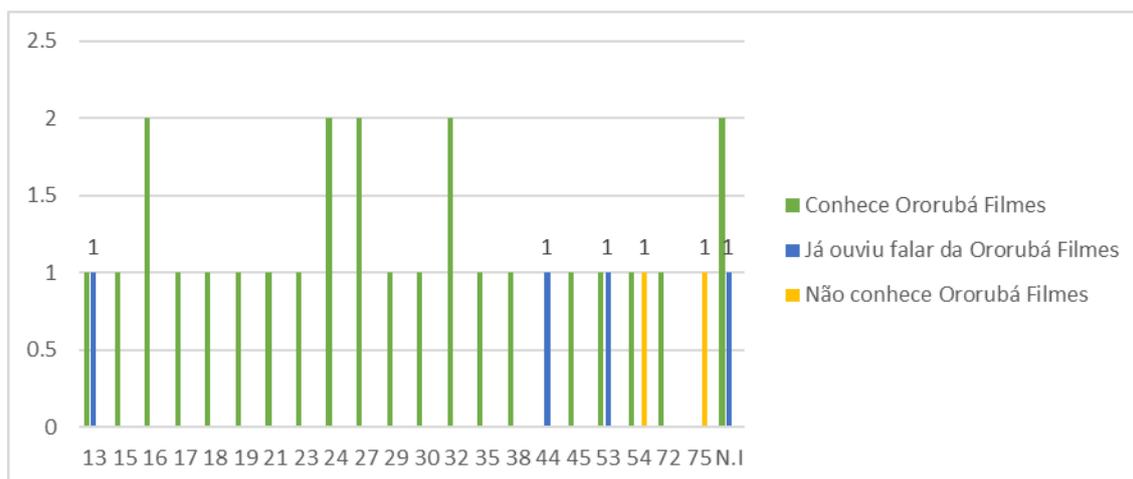


Fonte: Acervo da autora. Maio/2022

### 3.3 ENTREVISTA ESTRUTURADA: O SIGNIFICADO ALÉM DOS NÚMEROS

#### Juventude e engajamento

**Gráfico 1 – Conhece a Ororubá Filmes\* x Idade**



Fonte: Elaboração própria (novembro/2022).

Por “não conhece a Ororubá Filmes” entenda-se também “nunca ouviu falar da Ororubá Filmes”.

- 28 Entrevistados informaram a idade;
- A juventude é mais engajada com a produtora;
- Até 38 Anos (71,42% dos entrevistados que informaram), todos conhecem a Ororubá Filmes, exceto uma criança de 13 anos (5% dos entrevistados até 38 anos) que só ouviu falar;
- Somente idosos acima de 54 anos (14,28% dos entrevistados que informaram) não conhecem a Ororubá Filmes;
- Quem tem entre 27 e 38 anos, tinha entre 13 e 24 anos na época em que o projeto da Ororubá teve início.

Foram entrevistados 31 membros da comunidade, desse total, 28 informaram a idade, que varia de 13 até 75 anos. Os dados demonstram que a Ororubá Filmes tem um melhor engajamento entre a juventude da comunidade. De 13 até 38 anos, 16 consultados, cerca de 70% do total que optou por informar, somente 1 não conhece a produtora, mas já ouviu falar. Os assuntos que interessam à juventude são diversos e englobam temas como: tradição, cultura e espiritualidade, nos formatos de documentário e *podcast*, além de demonstrarem interesse também pelo processo de produção dos conteúdos. (ver **Tabela 1 – Interesse da juventude x Idade**).

Considerando que o projeto do coletivo audiovisual teve início em 2008, este acompanhou a formação de jovens que tinham entre 13 e 24 anos à época, o que

corresponde aos entrevistados de 27 até 38 anos, que somam 8 pessoas. Todos conhecem a produtora e a maioria, em torno de 63%, já participou de atividade ou conteúdo promovido pela Ororubá Filmes (Ver **Tabela 2** – Total de entrevistados x Já participou de vídeo/oficina Ororubá Filmes). Também vale ressaltar que todos desse recorte, consomem os conteúdos do *YouTube* ou *Spotify* e seguem a produtora em pelo menos uma das redes em que ela atua.

Entre as pessoas mais velhas, a produtora é menos conhecida. De 44 até 75 anos, 50% não conhecem ou só ouviram falar. Isso se expressa também nos interesses de conteúdo, dos 8 nesse recorte, 6 deles não informaram e 3 deles também não sugeriram nenhum conteúdo. Todos os 2 entrevistados que afirmaram nunca terem ouvido falar da Ororubá Filmes tem mais de 54 anos, porém um deles informou que assistiu à 21ª Assembleia Xukuru pelo *Youtube*, mesmo sem conhecer a produtora e sem possuir acesso à internet em casa, ele foi alcançado pelo trabalho do coletivo de comunicação audiovisual. (Ver **Gráfico 2** – Tem internet em casa X Assistiu a assembleia)

Podemos perceber então que o trabalho que vem sendo desenvolvido mesmo que chegando a todas as gerações na comunidade, se aproxima mais da juventude e do jovem-adulto, é possível que isso deva-se ao fato de que o trabalho que é realizado pela Ororubá Filmes, primeiro, é disponibilizado majoritariamente nas redes sociais, o que indiscutivelmente impossibilita gerações mais velhas do acesso de forma direta aos conteúdos. Em segundo lugar, refletindo sobre seu objetivo inicial, que seria engajar a juventude mediante o audiovisual com as lutas da comunidade, o resultado é compreensível, o que pressupõe que uma dinâmica interna comportamental no coletivo audiovisual se mantenha. A exemplo disso apontaria as atividades que são realizadas de forma presencial e são dirigidas principalmente aos grupos de organização de jovens no território, deixando a terceira idade fora de atividades como as oficinas. Embora a procura da cooperação dos mais velhos com o coletivo se faça para a participação nos vídeos, pois uma grande parcela envolve repasse de conhecimentos ancestrais, não se elaboram atividades com foco em outras gerações, ou pelo menos não se teve acesso a registro prévio, nem durante esta pesquisa, que sustente o contrário.

**Tabela 1 – Interesse da juventude x Idade**

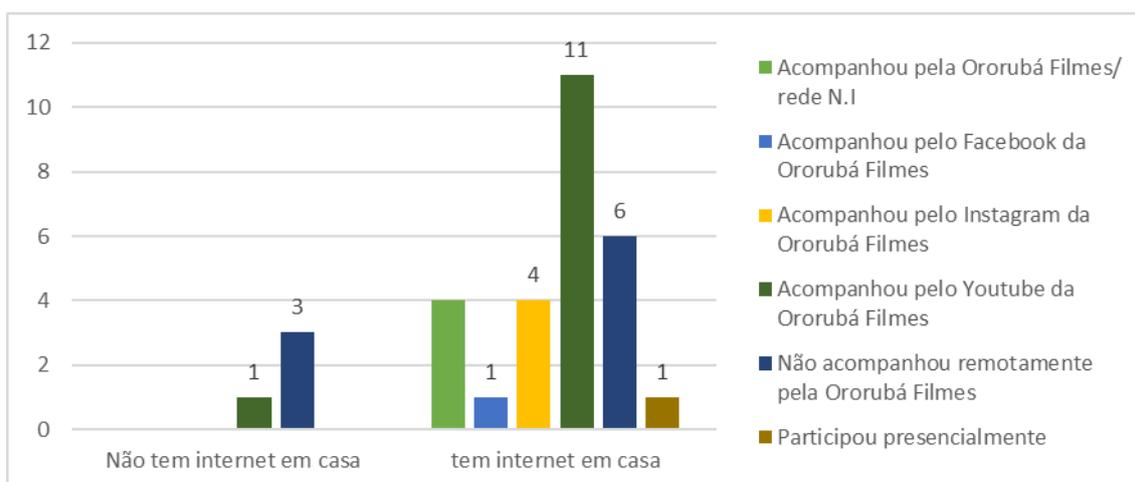
	15	16	17	18	19	21	29	30	32	Total geral
Tem interesse nos conteúdos sobre o cacique Marquinhos		1								1
Tem interesse nos conteúdos do <i>Podcast</i>					1					1
Tem interesse pela produção				1						1
Tem interesse pela transmissão das noites culturais						1				1
Tem interesse pelos conteúdos de espiritualidade									1	1
Tem interesse pelos conteúdos de tradição e cultura	1		1					1	1	4
Tem interesse por documentários							1			1
Total geral	1	1	1	1	1	1	1	1	2	10

Fonte: Elaboração própria. (novembro/2022).

**Tabela 2 – Total de entrevistados x Já participou de vídeo/oficina Ororubá Filmes**

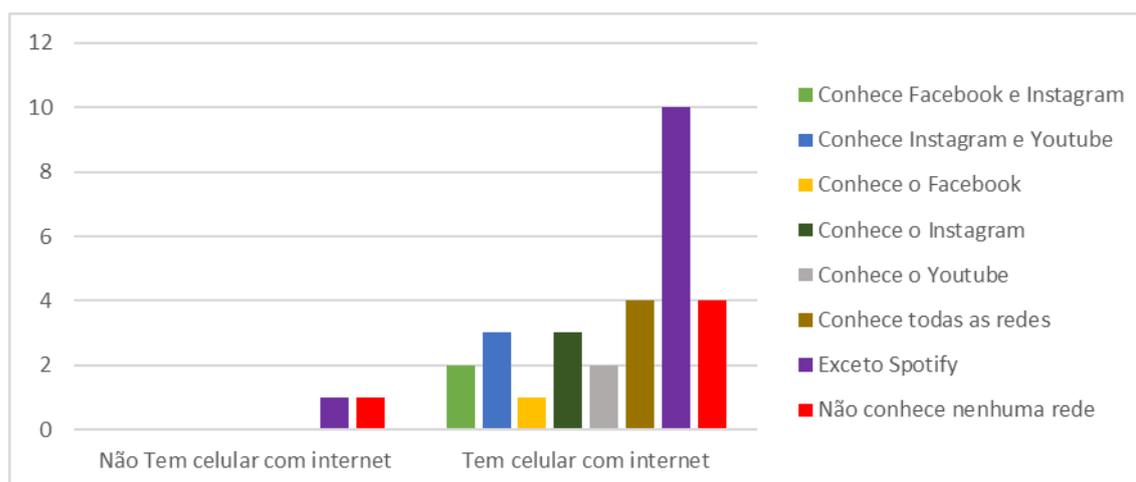
	Total
Já participou de conteúdo/ atividade da Ororubá Filmes	11
Nunca participou de conteúdo/ atividade da Ororubá Filmes	20
Total geral	31

Fonte: Elaboração própria. (novembro/2022).

**Gráfico 2 – Tem internet em casa x Assistiu a assembleia**

Fonte: Elaboração própria. (novembro/2022).

### Inclusão, acessibilidade e internet

**Gráfico 3 – Tem celular com internet x Conhece as redes da Ororubá Filmes**

Fonte: Elaboração própria. (novembro/2022).

- 4 pessoas com acesso a celular com internet não conhecem nenhuma rede;
- Todos os 31 entrevistados optaram por informar ter ou não celular com internet;
- Todos os 31 entrevistados optaram por informar conhecer ou não as redes da Ororubá Filmes;
- 2 entrevistados informaram não ter celular com internet (6,45% dos entrevistados);
- 5 entrevistados não conhecem nenhuma rede da Ororubá Filmes (16,12% dos entrevistados)
- 4 entrevistados conhecem todas as redes da Ororubá Filmes (12,9% dos entrevistados)
- *Spotify* é a rede menos conhecida, 4 entrevistados conhecem a rede (12,9% dos entrevistados). Somente os entrevistados que conhecem todas as redes também conhecem o *Spotify*;
- *Instagram* é a rede mais conhecida, 23 entrevistados conhecem a rede (74,19% dos entrevistados);
- 4 pessoas com acesso a celular com internet não conhecem nenhuma rede (13,79% dos entrevistados que tem celular com acesso à internet);
- 1 pessoa que não tem acesso a celular com internet conhece todas as redes, exceto *Spotify* (50% dos entrevistados que não tem acesso a celular com internet).

Dos 31 membros da comunidade entrevistados, todos optaram por responder às perguntas desse recorte do formulário, a saber, “Tem celular com internet?” e

“Conhece as redes da Ororubá Filmes?”. A rede mais conhecida é o *Instagram*, 23 entrevistados conhecem a rede, o que corresponde a cerca de 74% dos entrevistados, seguida pelo *YouTube*, com 20 entrevistados tendo afirmado conhecerem, e *Facebook* com 18. O *Spotify* é significativamente a menos conhecida, essa rede só é frequentada pelos membros que já conhecem todas as demais redes, 4 pessoas no total, equivalente a 12% dos entrevistados.

*Instagram* é também a rede mais seguida. No total, 18 pessoas seguem o *Instagram*, dessas, 4 seguem apenas essa rede, é o maior número de seguidores por uma única rede. 26 pessoas, por volta de 83% dos entrevistados, conhecem pelo menos uma rede da Ororubá Filmes, no entanto, 3 dessas pessoas, cerca de 11%, não seguem nenhuma rede, apesar de conhecerem *YouTube* ou *Instagram*. No total, 8 entrevistados não seguem nenhuma rede da Ororubá Filmes, número que representa 25% do total de entrevistados. (ver **Tabela 3** – Tem celular com internet x Segue as redes).

Todos os entrevistados informaram ter acesso a internet por algum meio, 27 informaram ter acesso à internet em casa, por volta de 87% do total, sendo 11 deles por meio de computador ou celular, aproximadamente 40%, e 16 exclusivamente pelo celular, aproximadamente 59%. Dos 4 entrevistados restantes, 3 deles, 75%, não possuem internet em casa, mas acessam através do celular, e 1 deles não possui celular nem computador, acessa a internet esporadicamente. Somente 2 pessoas, cerca de 6% dos entrevistados, informaram não ter celular com internet, desses, 1 deles não conhecia nenhuma rede da Ororubá Filmes, porém, o outro entrevistado informou conhecer todas as redes, exceto *Spotify*, mesmo sem possuir essa ferramenta de acesso, pois integra o grupo dos que informaram ter computador e acesso à internet em casa, de modo que somente o membro já citado anteriormente não possui acesso frequente à internet por nenhum meio. Entre os que informaram possuir celular ou computador com acesso à internet, 4 deles, em torno de 13%, não conhecem nenhuma rede da Ororubá Filmes, de algum modo o trabalho digital da produtora não alcançou esse recorte.

**Tabela 3** – Tem celular com internet x Segue as redes

	<b>Não Tem celular com internet</b>	<b>Tem celular com internet</b>	<b>Total geral</b>
<b>Segue todas as redes exceto <i>Spotify</i></b>	1	9	10
<b>Não segue nenhuma rede</b>	1	7	8
<b>Segue <i>Instagram</i> e <i>YouTube</i></b>		2	2
<b>Segue o <i>Facebook</i></b>		3	3
<b>Segue o <i>Instagram</i></b>		4	4
<b>Segue o <i>YouTube</i></b>		1	1
<b>Segue todas as redes</b>		3	3
<b>Total geral</b>	<b>2</b>	<b>29</b>	<b>31</b>

Fonte: Elaboração própria. (novembro/2022).

## 4 UTILIZAR O QUE TEM DE MODERNO PARA FORTALECER O QUE TEM DE ANCESTRAL!

*É hora de contar histórias às nossas crianças,  
de explicar a elas que não devem ter medo.  
Não sou um pregador do  
apocalipse,  
o que tento é compartilhar a mensagem de um outro  
mundo possível.*

Ailton Krenak

Neste capítulo final buscamos fazer um levantamento descritivo dos veículos comunicacionais com que contam atualmente a etnia da serra do Ororubá, ou seja, as plataformas em que a Ororubá Filmes está inserida, sendo elas: *Facebook, Instagram, Spotify e YouTube*. A partir disso, analisamos criticamente a importância hierárquica que cada uma tem, levando em conta as mudanças de contexto histórico-social através do tempo que levam em andamento, explorando como elas são importantes e se comportam separadamente, além de observar como se complementam entre si. A Análise crítica dos desafios de acessibilidade ao ambiente digital que tem o povo indígena Xukuru do Ororubá dentro do seu mesmo território, ambiente esse onde a Ororubá filmes nasce e se desenvolve desde 2008, também é um tópico deste capítulo, além dos desafios de engajamento detectados para a recente dinâmica de consumo de informação do seu próprio povo. Buscou-se com este estudo ter um melhor entendimento do panorama comunicacional feito pelo e para o povo Xukuru do Ororubá, a partir da Ororubá Filmes como veículo próprio de comunicação.

### 4.1 REIVINDICANDO AS TELAS E OS VEÍCULOS COMUNICACIONAIS

Como mencionado no capítulo anterior, a Ororubá Filmes possui várias plataformas de redes sociais como janelas de exibição para seus produtos audiovisuais, observamos que o comportamento em cada uma delas se torna diferente, e isso é aproveitado pelo coletivo ao parecer de forma intencional, talvez por uma análise já feita por parte da equipe sobre público alvo, engajamento, número de seguidores, facilidade de compartilhamento, entre outras.

Na plataforma do *YouTube*, o canal denominado “Ororubá Filmes”, que até a escrita do segundo capítulo contava com 4,5 mil inscritos, hoje<sup>48</sup>, cinco meses depois, registra 5,5 mil inscritos, um aumento considerável, levando em conta que a rede

---

<sup>48</sup> Acessado em 28.01.2023

social não se comporta como a mais consumida pelo público que segue e interage, mas que dentro da categorização que observamos na **Tabela 3** – Tem celular com internet x Segue as redes (página 100), ocupa o segundo lugar. A plataforma *YouTube* foi trabalhada com detalhe anteriormente, por essa razão adentraremos nas outras redes sociais que gerencia o coletivo, com o intuito de ressaltar algumas especificidades de cada uma, como o coletivo utiliza isso a favor ou o que poderia estar faltando para seu melhor desempenho e, eventualmente, traremos o canal do *YouTube* de volta como suporte comparativo. A saber, os vídeos majoritariamente veiculados por esta rede social são as lives da Assembleia Xukuru e demais eventos, atividades e rituais sagrados.

Um levantamento das datas de criação de cada rede social foi feito acreditando ser uma variável importante na hora da análise, como encontraremos na tabela. A relação dos dados são disponibilizados pelas mesmas plataformas, dois com mais exatidão e outros dois com o dado menos preciso, mas que no final, para o uso que daremos, não representa maiores problemas.

**Tabela 4** – Relação da criação das redes sociais da Ororubá Filmes

<b>Rede Social</b>	<b>Data de criação</b>
<i>Facebook</i>	10 de agosto de 2012
<i>Instagram</i>	Abril 2019
YouTube	21 de novembro de 2019
<i>Spotify</i>	Março 2020

Fonte: Elaboração própria. (novembro/2022).

### **Facebook**

A plataforma do *Facebook*, foi a primeira rede social à qual o coletivo se cadastra, na atualidade conta com cerca de 8,2 mil curtidas e 9,2 mil seguidores, há cinco meses atrás, quando foi atualizado o levantamento, registrava cerca de 7,7 mil curtidas e 8,6 mil seguidores, obtendo um aumento parecido com a plataforma do *YouTube*. Esta plataforma, durante sete anos aproximadamente, centralizava na

totalidade as produções realizadas pelo coletivo. Ao percorrer sua interface e analisar o material, encontramos uma grande quantidade, principalmente de fotos das atividades no Território Sagrado, atos, e viagens de comissões, além dos vídeos, os *cards* para chamadas de eventos ainda não eram muito utilizados. A partir de 2019, o uso da plataforma mudou, as publicações de vídeos diminuíram consideravelmente, assim como as de fotos de construção em álbum, fotos individuais ainda eram recorrentes, utilizar *cards* e pôsteres para as chamadas das atividades junto a um texto ou legenda são as publicações mais comuns na atualidade, para o caso dos vídeos, passaram a ser veiculadas unicamente as lives. As publicações são feitas com longos intervalos de tempo, as quatro últimas, por exemplo, se levam sete meses de diferença. É de conhecimento que a popularidade da rede social *Facebook* caiu consideravelmente para a plataforma *Instagram*, mas ainda assim segue sendo a mais utilizada no Brasil. Meu primeiro contato com as produções da Ororubá Filmes foi por esta plataforma.

### ***Instagram***

Com um aumento vertiginoso do uso desta plataforma nos últimos cinco anos, esta rede social se converte, na atualidade, na janela de exibição mais utilizada e movimentada pelo coletivo, assim, torna-se a preferida do público para interação e compartilhamento de conteúdo audiovisual, informação baseada no que mostra a **Tabela 3** – Tem celular com internet x Segue as redes. Embora seus números ainda sejam menores que os da plataforma de *Facebook*, o *Instagram* atualmente conta com 6,3 mil seguidores, há cinco meses atrás contava com com 4,4 mil seguidores. Exponencialmente, esta rede foi a que teve mais expressão de crescimento no ano de 2022 em detrimento das plataformas *YouTube* e *Facebook*. Esta rede social começou dando prioridade às imagens sem movimento, favorecendo sua visualização e deixando o texto em segundo plano. Para a Ororubá Filmes, este era um elemento que funcionava perfeitamente, pois ao trabalhar produtos audiovisuais onde se envolviam elementos, por exemplo, de cor envolvente, diferenciados e pouco conhecidos como os elementos da sua cultura, prendiam assim o público alvo fora da comunidade. Já as pessoas pertencentes à etnia, se prendiam pela identificação cultural, o objetivo de realizar essa produção era fazer uma comunicação própria que envolvesse à população e assim transmitir a perspectiva do povo Xukuru sobre fatos, atividades e cultura. Ao abranger a possibilidade de compartilhar vídeo de curta

duração, esta rede social foi suprindo as necessidades mais latentes do coletivo. Em análise, podemos perceber que os vídeos compartilhados no *YouTube* gozavam de uma produção mais elaborada, onde se constatavam processos de montagem e finalização, já os vídeos veiculados pela plataforma *Instagram*, talvez como seu próprio nome o denuncie, resultavam ser instantâneos, sem edição, algo que atende às necessidades imediatas da produtora, como o cobrimento de eventos, atos, rituais e inclusive lives de curta duração. Ainda hoje se mantém desse mesmo jeito, adicionando a modalidade dos *cards* e pôsteres com informação rápida e objetiva numa imagem só.

### **Spotify**

Do *podcast* “Ororubá Cast: um sinal de fumaça do povo Xukuru” na plataforma do *Spotify* se obtêm poucas informações. É o veículo a que aderiram por último, o mais novo, porém menos alimentado com produções. Conta atualmente<sup>49</sup> com cinco capítulos que oscilam entre 20 minutos e uma hora, trazendo temas inicialmente de apresentação da comunidade indígena Xukuru do Ororubá e algumas instâncias de organização, como a Poyá Limolaygo, juventude Xukuru e Ororubá Filmes. Esta rede social é a menos conhecida pelo público, acredito que se deva em parte à popularidade da plataforma dentro do consumo por parte da população e ao tempo que leva no ar o *podcast*. O nome é uma imagem metafórica que atualiza o sinal de fumaça como símbolo da comunicação indígena.

A produção de conteúdo para cada rede social vinha sendo desenvolvido por diferentes grupos com algumas lideranças em comum que acompanham o processo em todas as plataformas, como é o caso de Micaele Xukuru, Kleber Xukuru e o próprio Diego Xukuru. Como vimos anteriormente, o reflexo da pandemia do Covid-19 no trabalho da Ororubá Filmes resultou na desmobilização das pessoas que estariam participando ativamente do coletivo e de suas atividades, isto quer dizer, do trabalho de engajamento que vinha sendo feito por parte da produtora audiovisual e suas lideranças dentro da comunidade para trazer a juventude para dentro da Ororubá Filmes. O resultado dessa desmobilização foi a paralização das atividades de produção de alguns conteúdos específicos, como o *Podcast*. inclusive, se viu Tudo isso foi refletido na diminuição da produção audiovisual em geral do coletivo, sendo

---

<sup>49</sup> Acessado em 29.01.2023.

que as demandas de comunicação só aumentavam e seguem aumentando, muitas vezes sobrecarregando os integrantes fixos, principalmente num momento em que suas lideranças ocupam instâncias de poder na política institucional do Brasil: o Cacique Marcos, inicialmente como prefeito da cidade de Pesqueira e depois como Assessor do Ministério dos Povos Indígenas, Guilherme (Guila), como Vice-prefeito da cidade de Pesqueira, Kléber como Coordenador da Defesa Civil da cidade de Pesqueira, entre outros.

O fato indiscutível é que, para os membros da Ororubá Filmes, a ideia é que povos tradicionais possam fazer comunicação sem interlocutores externos, uma estratégia vital para visibilizar direitos, ampliar as vozes e fazer resistência e enfrentamento ao monopólio da mídia hegemônica, colaborando no processo de descolonização do olhar ocidental sobre estes povos, o que ajuda a expandir a multiplicidade de discursos e visões de mundo, além de colaborar para a autorrepresentação dos sujeitos, a defesa da autonomia e a autogestão das redes locais de comunicação, por isso, o interesse de abranger cada vez mais redes sociais, pois possibilitam o alcance a mais pessoas que possam ajudar a difundir o discurso do coletivo e sua comunidade. Com isso, a Ororubá Filmes mantém o *slogan*: “utilizando o que tem de moderno para fortalecer o que tem de ancestral”.

#### 4.2 MAS, A COMUNIDADE XUKURU É ALCANÇADA PELA ORORUBÁ FILMES?

Se levamos em conta que de todas as pessoas da comunidade entrevistadas, somente uma pessoa não os conhece, segue ou participou de alguma atividade ou vídeo do coletivo, ao longo deste tempo todo, entenderemos que o veículo comunicacional do povo Xukuru do Ororubá realmente consegue alcançar a maioria da população da Serra do Ororubá de diferentes maneiras e proporções. Uma das atividades que mais contribui para essa expansão é a transmissão da Assembleia do povo Xukuru do Ororubá, momento sagrado anual da etnia, sendo uma atividade que atravessa todas as pessoas que fazem parte da comunidade, e pelo que expressam os entrevistados, é muito valorizado o fato de graças à conformação e existência prévia do coletivo se fez possível prosseguir com o ritual de tamanha importância dentro da situação de emergência sanitária mundial, pois, do contrário, o momento sagrado poderia ter sido ameaçado pela falta de sensibilização e manuseio técnico dos equipamentos necessários para levar a cabo a atividade. É evidente que não nos referimos à simplicidade de contratar empresas que cumpram com as funções meras

de transmissão, e sim tudo o que envolve simbolicamente não deixar passar um ano sem acontecer o momento de pedir força aos encantados, que parta deles mesmos, com suas formas, modos e ritmos, além do entendimento espiritual e simbólico que a atividade demanda.

Outro indício do sucesso dos processos gerados pelo coletivo referente à comunidade é o engajamento que mantém nas redes sociais por parte da comunidade indígena, compreendendo que quase todas as pessoas seguem pelo menos uma rede social, usualmente *Instagram*, conhece ou já escutou falar. Nesses canais, é possível estar atualizado de muitos processos que ocorrem dentro do Território Sagrado, assim como o cumprimento do calendário sagrado, mudanças eventuais ou permanentes, avisos, propostas, entre outros. Fazer parte ativa e determinada dentro de uma coletividade gera processos positivos de forma irreversível, pois nunca mais uma pessoa que é escutada dentro do acolhimento se recua e fica calada, assim, se gera pertencimento, se reforça a identidade e se constrói sujeitos comunicacionais, isso quer dizer que participam ativamente dos processos comunitários.

Percebemos como pode ser diferente e eficiente quando a comunicação comunitária indígena promove sua própria cosmovisão através do audiovisual, quer dizer, quando cada povo não é obrigado a abandonar, deixar de lado ou ferir sua religiosidade, espiritualidade ou crença em prol de um fazer comunicacional “hegemônico”. A provocação feita através dos exemplos das diferentes situações de produção audiovisual por parte dos povos Muysca, Arhuaco, Kumuã Ye’pamahsã e Xukuru do Ororubá, foi colocada, entre outros, para promover o exercício de reflexão ao se ver inserido na importância desses momentos e de repensar as ocasiões em que são criados produtos audiovisuais, esforçando-se por entender como seria se estivesse submerso neste tipo de práticas-rituais, com o entendimento vasto do momento e a sensibilidade à cerimônia que carrega determinada cultura.

A luta pelo reconhecimento em muitas variáveis indígenas pode-se desdobrar do limitado entendimento das diferenças que a sociedade não indígena tem, causando sérios desgastes físicos e psicológicos à população indígena, exigindo assim uma constante resiliência para saber reinventar-se. Entendemos que as reivindicações devem ter classe e raça, mas a empatia precisa ultrapassar qualquer delimitação socialmente construída e exigir de vez uma sociedade que perceba os tocantes pluriétnicos e pluriculturais.

Tecer discursos a partir de e perspectivas autorreferenciadas, neste caso de lideranças dentro da comunidade e de projetos como a Ororubá Filmes, é garantir a luta e a resistência à sub-representação e de certa maneira ao monopólio comunicativo. Criando referências para outras etnias que olham para os Xukurus do Ororubá como uma comunidade indígena organizada e influente, temos aqui mesmo no texto, sem ir tão longe, o caso do povo Fulni-ô e o coletivo Thul'se Audiovisual com a Ororubá Filmes, e no internacional, os Muysca.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por razões de continuação da pesquisa, me recuso a dizer que estas serão as considerações finais do trabalho realizado, mas as considerações temporárias de um processo em curso que se expande vertiginosamente e que se transforma rapidamente. Mesmo assim apontarei alguns entendimentos resultantes do estudo e análise do veículo comunicacional do povo Xukuru do Ororubá, a Ororubá filmes.

O valor que este tipo de comunicação comunitária indígena tem dentro da mesma comunidade percebe-se na potência de organização educativa, sociopolítica e de luta que a comunidade ergue cada dia para combater os diversos ataques anticonstitucionais, assim como as violências físicas e psicológicas e é capaz assim mesmo de celebrar as vitórias, no sentido de que uma comunidade que se fortalece na ancestralidade, no cuidado do corpo, da mente e do espírito, é uma comunidade potencializada e investida de valor, é a partir desse fortalecimento identitário que o povo se reconhece na representação e no fazer coletivo da comunicação.

A elaboração de uma epistemologia própria que atenda a história, os processos socioculturais, os interesses e as necessidades da região, de que fala Aníbal Quijano, Erick Torrico e os autores dos pensamentos decoloniais, pode-se encontrar, em parte, nesse novo modo de entender a comunicação como perspectivada, no exercício do emprego de conhecimentos ancestrais a serviço da luta de cada povo com suas respectivas demandas. Nesse sentido, a Ororubá Filmes está realizando uma verdadeira revolução em nosso modo tradicional de perceber o audiovisual, assim como o encontramos nas diferentes etnias citadas. A Ororubá Filmes é um exemplo bem-sucedido de produções de mídias feitas pelo povo, em seu território e para atender suas demandas próprias.

Entendemos desde a análise da pesquisa que a Ororubá Filmes tem ainda muito trabalho por fazer dentro da comunidade, principalmente com gerações à parte da juventude e do jovem-adulto, pois são áreas da população que podem contribuir com a comunicação de uma maneira muito positiva, além de trazer novas propostas para a dinâmica já posta.

Quando leio Ailton Krenak em “ideias para adiar o fim do mundo” (2020) refletindo: “Adiar o fim do mundo é necessário porque, como sabemos, um outro fim de mundo é possível... O fim, por exemplo, daquele *outro mundo* – o mundo melhor que imaginamos estar construindo sobre as ruínas deste mundo”. Vejo por inteiro as

conquistas de um caminho de lutas ancestrais. Há umas décadas víamos como os Xukuru do Ororubá foram agredidos e diminuídos pelo simples fato da realização dos seus rituais na cidade, hoje temos uma gestão indígena na prefeitura de Pesqueira/PE, inclusive com Guila Xukuru, da Ororubá Filmes, como Vice-prefeito. Temos o Cacique Marquinhos Xukuru compondo o Ministério dos Povos Indígenas, órgão governamental recentemente criado e já entendido como um marco histórico no Brasil e com uma importância imensurável para os povos indígenas e suas demandas. Temos a Joenia Wapichana presidindo a FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) como primeira pessoa indígena no cargo. Enquanto é uma vergonha que só agora esteja acontecendo, quando o correto seria que tenha acontecido desde sua criação, torna-se uma vitória. Esses talvez sejam os caminhos para a construção de um melhor mundo que Krenak se refere. Dessa forma estamos testemunhando os frutos do Cacique Xikão, assim como na forma da Ororubá Filmes que atravessa a construção de todos esses caminhos direta ou indiretamente.

O impacto gerado na própria comunidade, nas comunidades que visitam a Ororubá Filmes ou nas que se autorreferenciam deles, pode ser entendido através do fato de o coletivo ter entendido o valor e a responsabilidade de atuar como uma sementeira, no ato ou efeito de semear conhecimento audiovisual, porque ao atuar como agentes multiplicadores, aceleram o processo de defesa e resistência aos ataques que os povos originários vêm sofrendo. A etnia indiscutivelmente criou um veículo comunicacional que é exemplo de comunicação comunitária indígena do Brasil, talvez o maior e mais influente dentre todos.

E assim como a analogia da plantação é retomada nas ações do povo Xukuru, hoje, entendemos que esta pesquisa é semente e está sendo plantada. Esta pesquisa não se esgota aqui, muito pelo contrário ela renascerá em outras pesquisas, porque acreditamos na importância deste tema ser amplamente abordado e discutido. E por isso que a continuação dela se torna tão importante.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marli Gondim de; **LIMOLAYGO TOYPE**: território ancestral e agricultura indígena do Ororubá em Pesqueira e Poção, Pernambuco. 2021. 318 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/43455/1/TESE%20Marli%20Gondim%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, E. P. **The Blackwell Companion to Philosophy**. 2. ed. [S.]: Blackwell Publishers Ltd, 2003.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofía de la liberación*. Buenos Aires: Docencia, 2013, 286 p.
- FONTES, Paulo Vitorino. A reflexão epistemológica de Habermas e a sua proposta de racionalidade comunicativa. **Revista de Filosofia**, Amargosa, v.20, n.1, p. 277-288, 2020. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1356/984>. Acesso em: 4 dez. 2022.
- FRANÇA, Vera V. SIMÕES, Paula. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre educação**. Diálogos. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GALINDO, Natally Araújo da Silva. “**ÍNDIO TEM QUE SER ARTILOSO E NÃO ARTISTA**”: ensino de arte nas escolas Xukuru do Ororubá. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/44720/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Natally%20Araujo%20da%20Silva%20Galindo.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022.
- GRAYLING, A. C. Epistemology. *In: The Blackwell Companion to Philosophy*. Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd, 1996, p.36-60.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1968.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. Org. e Rev. Téc.: Arthur Ituassu. 260 p.
- HALL, S. **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. El estereotipo como práctica significativa In Parte IV Identidad y Representación. Quito: Ed. Envió, 2010. Universidad Andina Simón Bolívar.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LÔBO, Sandro Henrique Calheiros. Resolvendo seus próprios conflitos: a construção do sistema de justiça indígena Xukuru de Ororubá. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, Recife, p. 134-160, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/230073/28989>. Acesso em: 4 dez. 2022.

MacBRIDE, S. **Un solo mundo, voces múltiples**. Ed. Illus. 1980. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000040066> Acesso em 15.09.2021

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. São Paulo: Abril S.A Cultural e Industrial, 1976.

MÁRQUEZ, M. C. Revalorización cultural e identitaria de mujeres afrodescendientes e indígenas en radios comunitarias. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación N.º 140, abril - julio 2019 (Sección Monográfico, pp. 163-178).

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2015.

MAUSS, Marcel. **Segunda parte**: Ensaio sobre a dádiva. In: Sociologia e Antropologia. [S.l]: 1950, p.183-312.

MINGO, E. G. Imágenes y sonidos del Wall Mapu. El proyecto de descolonización del universo visual y sonoro del Pueblo Mapuche. EMPIRIA. **Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, [S.l], n. 35, p. 125-151, septiembre – diciembre, 2016.

MOREIRA, A. MOREIRA, M. A Comunicação como um Direito Humano. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, [S.l], v. 4, p. 17-35, 2020. ISSN:2448-0959 Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/comunicacao/direito-humano> . Acessado em 13.04.2021. Acesso em: 24 mar. 2021.

NEVES, Rita de Cássia Maria. **Dramas e performances**: o processo de reelaboração étnica xukuru nos rituais, festas e conflitos. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

NEVES, Rita de Cássia Maria. **Festas e mitos**: identidades na Vila de Cimbres – PE. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

PAIVA, Raquel. **A comunicação como projeto social**. Disponível em [https://leccufjrj.files.wordpress.com/2011/02/paiva\\_comunicacao-como-projeto-social.pdf](https://leccufjrj.files.wordpress.com/2011/02/paiva_comunicacao-como-projeto-social.pdf). Acesso em: 4 dez. 2022.

PAIVA, Raquel. A potência emancipatória da comunicação. **Revista Alceu**, v.7, n.13, p. 199-208, 2006. Disponível em <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=17&inoid=223&sid=25>. Acesso em: 4 dez. 2022.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2003.

PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. Comunitarismo e sociedade incivil. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, 2019, p.1-12. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/33027/18548>. Acesso em: 4 dez. 2022.

PERUZZO, C. M. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-pós**, [S.], v. 12, n.2, p. 46-61, maio/agosto, 2009.

PERUZZO, C. M. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, [S.], v. 11, n.1, p. 33-43, janeiro/abril, 2009.

PIMENTEL, Flora Clarissa Cardim; MOURA, Hemerson. O Conselho de Professores Indígenas Xucuru do Ororubá e a autodeterminação dos povos indígenas. *In*: VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Anais [...]**. Fortaleza, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/racionalidade. **Perú Indíg**, v. 13, n 19, p.11-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonización del poder. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2020; Lima: UNMSM, 2020.

REVISTA Acampamento Terra Livre. [S.l]: APIB, 2022. Disponível em: [https://apiboficial.org/files/2022/06/ATL2022\\_REVISTA\\_v3.2.pdf](https://apiboficial.org/files/2022/06/ATL2022_REVISTA_v3.2.pdf). Acesso em: 4 dez. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Edson Hely. Índios Xukuru: a história a partir das memórias. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 15, n. 2, p. 182-194, 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2011.152.05/503>. Acesso em: 4 dez. 2022.

SILVA, Edson. História, memórias e identidade entre os Xukuru do Ororubá. **Tellus**, Campo Grande, p. 89-102, 2007. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/133/139>. Acesso em: 4 dez. 2022.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

VIEIRA, L. **Cidadania e globalização**. 4a ed., Rio de Janeiro, Record, 142 p. 22-23.

VILLAMAR, José Pérez. El Positivismo y la investigación científica. **Revista Empresarial**, Lima, v. 9, n.3, p.29-34, 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/44441351/El\\_Positivismo\\_y\\_la\\_Investigaci%C3%B3n\\_Cient%C3%ADca\\_he\\_positivism\\_and\\_the\\_scientific\\_research](https://www.academia.edu/44441351/El_Positivismo_y_la_Investigaci%C3%B3n_Cient%C3%ADca_he_positivism_and_the_scientific_research). Acesso em: 4 dez. 2022.

VILLANUEVA, Erick Rolando Torrico. A comunicação de base latinoamericana. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, Ecuador, p.23-36, 2016.

VILLANUEVA, Erick Rolando Torrico. Para uma comunicação ex-cêntrica. **MATRIZES**, São Paulo, p.89-107, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159957>. Acesso em: 4 dez. 2022.

XICÃO XUKURU: Direção: Nilton Pereira. Produção: Tv Viva/Centro de Cultura Luiz Freire.Brasil,1996.<https://www.youtube.com/watch?v=IMCzb0eLY7g>. Acesso em 20.01.2023

## APÊNDICE A - Entrevistas semiestruturadas à equipe da Ororubá Filmes

Entrevista Diego Xucuru [DX.]

Duração: 8min45seg

### **Conte como você se lembra, a história da Ororubá filmes até hoje.**

DX.: então em 2008 a gente teve, cento e vinte jovens teve o curso de audiovisual realizado pela Cabra Quente Filmes aqui, onde a gente ganhou, é, equipamento de audiovisual como câmera, computador de última geração da época, é, tripé, boom, e a gente foi capacitado pra... Na oficina a gente teve aula de roteiro, edição, direção, produção, câmera, áudio e... Depois de, quando acabou a oficina, depois de seis meses, a gente lançou três documentários, que foi produto da oficina, que já era contando a história no nosso povo. Um sobre a religiosidade, outro sobre a criminalidade dentro do povo, que a gente sofria né, o processo de criminalização, e outro sobre a história da aldeia Cimbres. Pós... Pós os seis meses de curso, pós apresentação dos vídeos, a gente iniciou, a gente começou a registrar as nossas assembleias, rituais que tinha dentro do povo, os momentos do povo, criando arquivos de imagem e de história do nosso próprio povo. A gente também... A gente também conseguiu, a gente também passou a... A visitar outras aldeias e registrar eventos também em outras aldeias, usando o audiovisual como ferramenta de luta também para o povo. E a gente, através do audiovisual, a gente registrava a nossa história, apresentava em outras aldeias, é... Naquele tempo não era muito forte rede social, mas a gente criava os DVDs pra distribuir pra os parceiros que vinham. A gente usava e usa ainda o audiovisual como, é, uma ferramenta também de divulgar um pouco de nossa história né? Divulgar a verdade de nossa história.

[fim do áudio P1]

### **Você e quem mais participaram da fundação da Ororubá Filmes e conte que metas tinham no começo.**

DX.: é, não dá pra dizer quantos eu e... Todos, eu não lembro de todos os nomes, assim, de jovens que tinham, que participaram nas aldeias. Mas quando a gente criou Ororubá Filmes, a ideia era essa mesmo. Era... A meta era registrar a história do nosso... Do nosso povo, dos mais velhos, deixar registrado toda a sabedoria deles, assim. Inclusive rituais né? A gente filmava a busca da lenha, a gente filmava eventos dentro da aldeia como forma de, de impulsionar a nossa luta.

[fim do áudio P2]

### **Qual a missão que a Ororubá Filmes tem para com o povo Xukuru do Ororubá?**

DX.: hoje a Ororubá Filmes tem uma missão muito grande né? Além de a gente externar toda nossa luta e nossa organização, a gente vai, a gente faz parte de diversos setores da nossa organização aqui. A gente tá dentro do grupo de jovens, a gente tá dentro do conselho de saúde, sabe? Então... A gente faz parte do registro da educação também, e... A gente também tem hoje a Ororubá Filmes como um, é, instrumento de estudo também, até das escolas né? Uma vez a gente distribuiu *pendrives* com todos os vídeos produzidos pela Ororubá Filmes, pra ser apresentado e discutindo nas escolas sabe? Ajudando a fortalecer essa educação específica e

diferenciada, mostrando nossa cultura, suas tradições e a história do povo né, pra fazer com que cada aluno, é, de uma forma mais didática assim, aprenda mais sobre seu povo, fortalecendo assim a cultura também, ajudando o fortalecimento da cultura dentro das escolas. Além disso, a Assembleia, por exemplo, além de quando, na pandemia, a gente não deixou a Assembleia parada, a gente fez a *live* da Assembleia né? A gente fez a Assembleia em Cimbres em forma de *live*, pra que a gente não deixasse de discutir as ações dentro do nosso povo. Hoje também, a Assembleia, mesmo presencial, nós vamos também estar transmitindo pra quem não puder tá presente presencialmente na nossa Assembleia do Povo Xucuru, a gente vai tá transmitindo pra tá assistindo de casa. E, pra além disso, além do audiovisual, a gente consegue criar vínculos de amizade em vários setores de comunicação, conseguindo assim também outros modos de divulgação de nossa luta, sabe? É, desmanchar preconceitos que são estabelecidas dentro dos meios de comunicações. Assim como eu, por exemplo, tive na Conferência de Jornalismo Plural em Recife, onde lá eu conheci vários jornalistas plurais, de várias comunidades, de quilombola, de favela, rádios amadoras, onde a gente pôde discutir também muito disso assim sabe? E um ajudar o outro a resistir né, a persistir nessa... Nessa luta de cinegrafia, de... De audiovisual dentro das comunidades.

[fim do áudio P3]

### **Qual o público alvo da Ororubá Filmes na atualidade?**

DX.: na atualidade, o público-alvo, além de nossos próprios estudantes, são... É usar mesmo como fonte de pesquisa, sabe? Pra outras pessoas que precisarem entender sobre o nosso povo, e também como, é... Desmanchar um pouco do preconceito do que a luta indígena, a luta do povo do Nordeste né, a luta do povo Xucuru. Através do audiovisual e do, do cinema, a gente consegue isso, alcançar de outras formas essas pessoas e tirar esses preconceitos assim.

[fim do áudio P4]

### **O que planeja a Ororubá Filmes para o futuro?**

DX.: o futuro é uma luta agora muito árdua assim, porque... A gente, na pandemia, a gente... A gente vinha dando oficinas dentro das escolas, de audiovisual, sabe? Pra adquirir outros jovens e também fazendo cinema itinerante, mas infelizmente na pandemia a gente parou, e a gente perdeu um pouco desse pique, sabe? Espero que na Assembleia a gente consiga novamente tá reunindo os jovens né, pra que uma nova geração de jovens se aprofunde no audiovisual pra dar continuidade a essa missão que a gente vinha dando. Eu sei que, tipo, hoje são poucos os jovens que tão na Ororubá Filmes, mas que... Eu prezo e a gente preza muito, a gente sustenta até no fim de nossas vidas, enquanto não tiver nenhum jovem assim que possa tá nos representando, mas que... Eu acho que o próximo desafio, assim, da Ororubá Filmes é recrutar novos jovens, assim, pra o audiovisual dentro do povo Xucuru, é trazer pra eles um pouco dessa importância. Mesmo com a dificuldade hoje da juventude, que é diferente por causa do... De tecnologia mesmo. Assim, o celular, assim, e a internet, é, tirou muito as crianças assim da, daquele momento de conversa. Mesmo dentro dos territórios indígenas, mas a internet, às vezes o celular atrapalha muito esses momentos de conversa e esses, e essas ações que se tinham como antigamente. Mas que a gente vai usar um pouco da tecnologia, a gente tinha que entender um pouco da tecnologia e ver como a gente consegue, através do audiovisual, resgatar

essa juventude. Não só pra cultura, mas também para compor o audiovisual junto com a gente e continuar essa luta, é essa a ideia que a gente tem né, da Ororubá Filmes.

[fim do áudio P5]

**Que tipo de representações que fazem os meios de comunicação hegemônicos dos povos indígenas incomoda mais você?**

DX.: assim, os grandes meios de comunicação nunca foram a favor da luta indígena né? O agronegócio, por exemplo, as grandes empresas, a mineração, é... Esses aí foi o que, são os que bancam os políticos né, esses são os que bancam essas grandes mídias. Com isso, eles nunca foram a favor da gente, sempre distorceram nossa história de luta, sempre... Sempre se omitiram, a nossa história de luta e... Por isso também, reforço mais uma vez, a importância do audiovisual dentro dos povos indígenas, a importância da Ororubá Filmes dentro do povo Xucuru, pra gente usar meio de instrumento de luta mesmo e rebater esse tipo de matérias, de influência da grande mídia preconceituosa, racista, através do nosso audiovisual, através da história do nosso povo, com nossa visão do nosso povo.

[fim do áudio P6]

**APÊNDICE B - Levantamento de dados dos vídeos da “Ororubá Filmes”  
veiculados pela plataforma YouTube**

#	NOME	DATA	DURAÇÃO	TEMA	VIS. ATÉ 06/21	VIS. ATÉ 10/22
1	Levante Pela Terra	17/06/21	00:03:40	Mobilizações (ato Terra Livre contra PL 490)	187	245
2	LIVE: Povo Xukuru de Ororubá em Defesa da VIDA	28/05/21	00:58:59	Campanha de conscientização e combate ao Covid-19	563	651
3	Noite Cultural, Assembleia Xukuru 2021	21/05/21	01:10:00	Difusão cultural (música)	333	386
4	Limolaygo Toype, na Aldeia, na rua, na rede, Assembleia Xukuru 2021	20/05/21	01:38:55	Organização sócio-política (assembleia 2021 <i>podcast</i> )	668	774
5	Noite Cultural, Assembleia Xukuru 2021	19/05/21	03:15:15	Difusão cultural (música)	1208	1328
6	Enfrentamento nas redes – Assembleia Xukuru 2021	19/05/21	00:43:40	Sensibilização em comunicação, organização	465	485

				sociopolítica educativa		
7	Utilizando o que tem de moderno pra fortalecer o que tem de ancestral	19/05/21	00:53:54	Organização Sociopolítica, sensibilização comunicativa	612	642
8	NUNCA MAIS UM BRASIL SEM NÓS! Assembleia Xukuru 2021	19/05/21	00:36:05	Organização Sociopolítica, articulação com outros povos	678	729
9	Noite Cultural, Assembleia Xukuru 2021	18/05/21	01:32:40	Difusão cultural	866	950
10	Covid-19 ou Genocídio, Assembleia Xukuru 2021	18/05/21	01:32:19	Saúde pública (Covid-19)	655	712
11	Análise de Conjuntura, Assembleia Xukuru 2021	18/05/21	01:53:55	Organização Sociopolítica	1030	1085
12	Debate: Deixa o Xukuru Governar, Assembleia Xukuru 2021	18/05/21	01:52:59	Organização Sociopolítica	1159	1230
13	Assembleia Xukuru 2021 Na Aldeia, Na Rua, Na Rede. 02	17/05/21	01:46:50	Organização Sociopolítica (educação), Conscientização	1865	1996

				e combate ao Covid-19		
<b>14</b>	Abertura Da Assembleia Xukuru 2021 Limolaygo Toype Na Aldeia, Na rua, Na Rede.	17/05/ 21	00:31:25	Momento sagrado	2774	2955
<b>15</b>	De 17 a 20 de maio acontecerá a 21ª Assembleia do Povo Xukuru:	02/05/ 21	00:00:15	Mobilizações (reivindicação de direitos, Convite a ato)	228	260
<b>16</b>	Assembleia Xukuru – E diga ao povo que avance. A nossa luta não para	28/05/ 21	01:12:18	Organização Sociopolítica (Terra Livre)	639	729
<b>17</b>	Episódio 7: Os valores e a Família	17/04/ 21	00:04:16	Comunidade (cacique)	181	263
<b>18</b>	Guerreiros do povo, na preparação para o ATL 2019	17/04/ 21	00:01:20	Momentos sagrados (ritual)	137	186
<b>19</b>	Episódio 6: O Defensor dos Direitos Humanos	08/04/ 21	00:02:56	Comunidade (cacique)	120	169
<b>20</b>	Estrutura do polo Saúde Xukuru do Ororubá	08/04/ 21	00:00:49	Comunidade (polo de saúde)	82	109

2 1	Guerreiros Xukuru em combate ao Covid-19	08/04/ 21	00:05:49	Saúde combate e conscientização ao Covid-19	211	251
2 2	Atenção Básica de Saúde indígena Xukuru do Ororubá	08/04/ 21	00:00:37	Comunidade (saúde)	106	126
2 3	Medidas de tratamento da Covid-19 povo Xukuru do Ororubá	08/04/ 21	00:04:31	Conscientização e combate ao Covid-19	189	229
2 4	Episódio 5: Democracia Xukuru	18/03/ 21	00:03:58	Comunidade (cacique)	191	275
2 5	Live: Voz das mulheres indígenas Xukuru do Ororubá	13/03/ 21	02:06:52	Organização Sociopolítica (mulheres)	177	186
2 6	Episódio 4: A Consagração do Cacique	11/03/ 21	00:04:05	Comunidade (cacique)	235	397
2 7	LIVE: Voz das Mulheres Indígenas Xukuru de Ororubá	06/03/ 21	02:49:46	Organização Sociopolítica (mulheres)	283	325
2 8	Episódio 3: Uma Vida Pautada pelo Trabalho	04/03/ 21	00:02:58	Comunidade (cacique)	161	250

<b>29</b>	Episódio 2: Um Índio Pleno	25/02/21	00:02:14	Comunidade (cacique)	189	249
<b>30</b>	Episódio 1: Um Lutador Incansável	17/02/21	00:02:13	Comunidade (cacique)	196	295
<b>31</b>	A luta só começou	11/01/21	00:08:15	Momento sagrado (posse do cacique)	310	326
<b>32</b>	Deixa o Xukuru governar!	18/12/20	00:03:39	Comunidade (cacique: reivindicação de direitos)	355	647
<b>33</b>	A verdade Sobre Cimbres	11/11/20	00:16:50	Comunidade (histórico)	1061	1137
<b>34</b>	3º Aniversário do Samba de Coco Toype do Ororubá	17/08/20	03:26:02	Difusão cultural	1048	1120
<b>35</b>	A Pornunça	27/05/20	00:02:17	Agricultura (cultural)	552	621
<b>36</b>	Debate – Fica a esperança, a luta não vai parar	20/05/20	01:51:46	Organização Sociopolítica (Assembleia)	981	1034
<b>37</b>	Noite Cultural – Toypes do Ororubá	19/05/20	01:43:20	Difusão cultural (música)	1372	1545
<b>38</b>	Vamos discutir sobre assembleia? –	19/05/20	01:47:28	Organização Sociopolítica (Assembleia)	740	767

	Assembleia Xukuru					
<b>39</b>	Assembleia Xukuru – Limolaygo Toype: a nossa luta não para!	19/05/ 20	00:43:54	Difusão cultural (momento sagrado da assembleia)	2628	5944
<b>40</b>	Noite Cultural – Xener de Jurema	18/05/ 20	00:51:14	Difusão cultural (música)	1177	1304
<b>41</b>	Povo Xukuru na Corte de Int. Direitos Humanos e seus impactos	18/05/ 20	01:54:06	Organização Sociopolítica (Direitos humanos)	960	995
<b>42</b>	Ações no combate à pandemia – Assembleia Xukuru	18/05/ 20	01:55:56	Combate ao Covid-19 (saúde)	1662	1712
<b>43</b>	Noite cultural – Alysson Xukuru	17/05/ 20	02:00:52	Difusão cultural (música)	1478	1555
<b>44</b>	13º Assembleia do Povo Xukuru	17/05/ 20	00:18:36	Organização Sociopolítica (memória da assembleia 2013)	673	781
<b>45</b>	Pré-assembleia Xukuru: “Limolaygo Toype: Nossa educação	17/05/ 20	00:20:29	Organização Sociopolítica (educação)	1020	1400

	é nossa resistência”					
4 6	Acampamento Terra Livre – 2015 (Participação do povo Xukuru)	17/05/ 20	00:11:14	Organização Sociopolítica (Mobilização)	250	292
4 7	Memória do 1º Seminário Xukuru – Construindo o projeto de futuro do povo Xukuru	17/05/ 20	00:08:03	Organização Sociopolítica (2016)	369	471
4 8	Oficina de artesanias em barro	17/05/ 20	00:23:29	Difusão cultural	164	206
4 9	Urubá Terra	17/05/ 20	00:04:52	Difusão cultural (evento Urubá Terra)	245	290
5 0	Xikão Xukuru TV Viva	17/05/ 20	00:20:15	Memória histórica	193	245
5 1	Campanha Opará denuncia	17/05/ 20	00:05:19	Mobilizações/ denuncia (transposição do rio São Francisco)	35	42
5 2	Feira Orgânica Xukuru	17/05/ 20	00:16:11	Agricultura	293	398
5 3	Sônia Xukuru inspira confeccionando	17/05/ 20	00:00:59	Comunidade (combate ao Covid-19)	42	44

	máscaras para doar					
5 4	Projeto de Assistência técnica e Extensão Rural (ATER) Xukuru	17/05/ 20	00:06:27	Organização Sociopolítica	222	270
5 5	Apresentação do Teatro: “Cana Brava: História de luta, resistência e aprendizagem”	17/05/ 20	00:19:57	Difusão cultural (peça de teatro)	235	300
5 6	Previna-se (Covid-19)	17/05/ 20	00:01:00	Comunidade (combate ao Covid-19)	33	36
5 7	Perseguições e resistência!	17/05/ 20	00:20:45	Memória histórica (atentado cacique)	98	152
5 8	Construindo o Bem Viver (2011)	17/05/ 20	00:11:47	Memória histórica (Xikão Xukuru)	88	104
5 9	Construção do Espaço Mandarú	17/05/ 20	00:07:32	Comunidade (construção do Mandarú)	77	112
6 0	Preparando o espaço de acolhimento da Assembleia Xukuru	17/05/ 20	00:01:36	Comunidade (construção do Mandarú)	93	110

6 1	Lideranças Xukuru	17/05/ 20	00:23:53	Memória histórica (difusão cultural com Xikão Xukuru)	779	1577
6 2	Encontro de Juventude, Arte e Cultura	17/05/ 20	00:12:50	Organização Sociopolítica	163	207
6 3	Xikão Xukuru	17/05/ 20	00:15:49	Memória histórica (cacique Xikão)	807	1692
6 4	Vila de Cimbres	17/05/ 20	00:17:09	Memória histórica (história de Cimbres)	2259	4269
6 5	Conferências locais de saúde indígena - Pernambuco	17/05/ 20	00:11:57	Organização Sociopolítica (saúde)	113	151
6 6	Abertura - 20° Assembleia Xukuru	17/05/ 20	01:05:13	Organização Sociopolítica	4225	4531
6 7	Comercialização da produção Xukuru do Ororubá	05/02/ 20	00:01:00	Agricultura (feira Xukuru)	84	124
6 8	Agricultura Xukuru do Ororubá	29/01/ 20	00:01:00	Agricultura (produção da comunidade)	95	157

<b>6</b>	COJIPE	21/11/	00:09:18	Organização	123	180
<b>9</b>	(Comissão de juventude Indígena de Pernambuco).	19		Sociopolítica (evento)		

Fonte: A autora (Junho/2021 e agosto/2022).

## APÊNDICE C - Roteiro da entrevista estruturada



ASSEMBLEIA XUKURU DO ORORUBÁ  
DE 17 A 20 DE MAIO 2022

- **Perfil**

Em que aldeia você mora?

Idade:

Gênero que se identifica:

Ocupação:

Escolaridade:

Religião:

Você é uma liderança?

Pertence a alguma instância organizada na comunidade? Exemplo: COPIXO  
(Conselho de Professores Indígenas Xukuru de Ororubá)

Já morou fora da aldeia?

- **Consumo de Internet**

Acessa Internet?

Tem computador em casa?

Tem internet em casa?

Tem celular com internet?

Quanto tempo passa na internet diariamente? (marque com um x)

até 3 horas \_\_\_\_\_ de 3 a 5 \_\_\_\_\_ mais de 5 \_\_\_\_\_

trabalho com a internet \_\_\_\_\_ Sempre conectado \_\_\_\_\_

- **Sobre Ororubá Filmes**

Você conhece a Ororubá Filmes ou já ouviu falar?

Conhece as redes sociais da Ororubá Filmes? Se sim, quais? (marque com um x)

Facebook\_\_\_\_\_ Instagram\_\_\_\_\_ Spotify\_\_\_\_\_ Youtube\_\_\_\_\_

Você é inscrito ou segue as redes sociais da Ororubá Filmes? Se sim, quais?

Facebook\_\_\_\_\_ Instagram\_\_\_\_\_ Spotify\_\_\_\_\_ Youtube\_\_\_\_\_

Já assistiu um ou mais vídeos pelo canal do *YouTube* da Ororubá Filmes?

Já escutou ou tem o hábito de ouvir o podcats “Ororubá Cast - um sinal de fumaça do povo Xukuru”?

- **Participação/ Envolvimento**

Já participou de algum vídeo ou oficina ministrada pela Ororubá Filmes?

Em 2021 a Assembleia foi transmitida remotamente, você acompanhou pelas redes sociais da Ororubá Filmes, qual delas?

Já participou de atos em Brasília ou em outros estados?

Que é o que mais gostou dos conteúdos da Ororubá Filmes?

Que sugestão daria à Ororubá Filmes ou que gostaria de ver como conteúdo produzido por eles?

## ANEXO A - E-mail de resposta às estatísticas de inscrição de “Cadastro de Produtor Cultural” de 2021 e 2022 no estado de Pernambuco por parte do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura

01/02/23, 00:43

Gmail - Solicitação de estatísticas do CPC para pesquisa



TATIANA QUINTERO &lt;tatianaaudiovisual@gmail.com&gt;

### Solicitação de estatísticas do CPC para pesquisa

**Funcultura - Atendimento SIC** <atendimentosic@fundarpe.pe.gov.br>  
Para: TATIANA QUINTERO <tatianaaudiovisual@gmail.com>

31 de enero de 2023, 16:14

Boa tarde Tatiana!

Conforme contato por telefone, segue informações dos CPCs do 2021 e 2022, com a quantidade de cada um e quantos cadastros foram feitos de Águas Belas

Cadastro em 2021 = 1.737  
Águas belas = 10

Cadastros em 2022 = 1.049  
Águas Belas = 21

Atenciosamente,

Secretaria Executiva do Funcultura  
Glauber Barros  
Contato 3184-3026

Em 31/01/2023 às 12:26 horas, "TATIANA QUINTERO" <tatianaaudiovisual@gmail.com> escreveu:

Bom dia, segue a solicitação em email anterior, mas como falei por telefone, pelo tempo termos que recortar e fechar só aos pontos 1 e 4, segue:

1. Quantas pessoas fizeram o CPC em 2021 e quantas em 2022?
4. Dados também por regiões (zona da mata, agreste e sertão).

Agradeço bastante a colaboração e disposição em ajudar com pesquisa.  
Abraço!  
atenciosamente,

Tatiana Quintero  
(81) 9 93452000

El mar, 22 nov 2022 a las 11:54, TATIANA QUINTERO (<tatianaaudiovisual@gmail.com>) escribió:

Bom dia!

Meu nome é Tatiana Quintero. Atualmente desenvolvo uma pesquisa incentivada pelo SIC intitulada "Ação decolonial: indígenas no audiovisual", com termo de compromisso cultural N° 58/2022. Para o desenvolvimento argumentativo da mesma, estou precisando saber alguns dados sobre Cadastro de Produtor Cultural (CPC) que gostaria se for possível ter acesso por meio de vocês. Seria:

1. Quantas pessoas fizeram o CPC em 2021 e quantas em 2022?
2. Quantas pessoas indígenas fizeram o CPC em 2021 e quantas em 2022?
3. Quantas pessoas indígenas submeteram projetos ao Funcultura em 2021 e quantas em 2022?
4. Se tivessem esses dados também por regiões (zona da mata, agreste e sertão) seria ótimo.

Agradeço a disponibilidade, a disposição e sobretudo a agilidade na resposta!  
ótima semana para vocês.  
Fico no aguardo.

--

**TATIANA QUINTERO**  
**Realizadora Audiovisual**  
**(81) 9 93452000**

--

**TATIANA QUINTERO**  
**Realizadora Audiovisual**